



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS

Doutorado em Museologia e Patrimônio

MUSEOLOGIA:

A PRODUÇÃO DO CAMPO COMO REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

TANIA MARIA RODRIGUES DE FRANÇA

UNIRIO / MAST - RJ, Março de 2017

**MUSEOLOGIA:
A PRODUÇÃO DO CAMPO COMO REPRESENTAÇÃO
DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

Tania Maria Rodrigues de França,

Aluna do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio

Linha 01 – Museu e Museologia

Tese de Doutorado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio.

Orientador: Diana Farjalla Correia Lima

FOLHA DE APROVAÇÃO

MUSEOLOGIA: a produção do Campo como Representação do Conhecimento Científico

Tese de Doutorado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima (Orientadora) - PPG-
PMUS/UNIRIO/MAST

Profa. Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro – IBICT/UFRJ, PPG-
PMUS/UNIRIO/MAST

Profa. Dra. Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha - IPJB-RJ/MMA, PPG-
PMUS/UNIRIO/MAST

Profa. Dra. Rosane Maria Rocha de Carvalho - UCAM

Profa. Dra. Alegria Célia Benchimol - MPEG/MCTI

Rio de Janeiro, março de 2017.

F814França, Tânia Maria Rodrigues de
Museologia: a produção do campo como representação do
conhecimento científico /Tania Maria Rodrigues de França. – Rio de
Janeiro, 2017.
CXXXVI. 136f.

Orientador: Diana Farjalla Correia Lima
Referencia bibliográfica: f. 116-124.

Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) -- Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências
Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2017.

1. Museologia. 2. Comunicação científica. I. Lima, Diana Farjalla
Correia. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III.
Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDU: 002.2

AGRADECIMENTOS

Neste significativo dia 14 de março de 2017, defendi minha tese de doutorado na querida cidade de Rio de Janeiro. Dia em que se tivesse entre nós, meu pai, Raymundo José de França, completaria 106 anos. Parabéns!!!!

E estes quatro anos em que fiz esta pesquisa foram uma árdua jornada de desafio, construção e amadurecimento. Nenhum empreendimento é realizado de forma fácil e sem esforço.

Neste período, aprendi que uma tese ou qualquer outro trabalho é a extensão da vida do autor. Então, para que algo de valor seja produzido, a pessoa deve primeiro criar algo de valor em si. Pessoa e obra são consistentes com o resultado. Por este motivo, agradeço sincera e profundamente a todas as pessoas que muito me encorajaram e me ajudaram a produzir algo de valor em minha vida.

Ao meu filho Rafael de França e a minha Doutora de vida: minha Mãe – Maria Rodrigues de França, 96 anos.

Agradeço à professora Profa. Dra. Diana Farjalla Correia Lima. Para mim, é uma imensa honra e orgulho tê-la como orientadora. Não esqueço seus eternos ensinamentos, seus preciosos conselhos e sua inestimável confiança. Muito obrigado!

Agradeço também, à professora a Profa. Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro por deixar ser um 'riacho' de sua 'afluente' e ter me guiado na definição de meu objeto de estudo. Muito obrigada!

Manifesto aqui a minha gratidão aos Professores Doutores: Joséte Luzia Leite, Nébia Maria Almeida Figueiredo, Maria Tereza Barbosa Serrano e Paulo Cavalcante e aos amigos Eduardo Vilarinho, Cristina Cavalcante e Priscila Luvizotto servidores do Departamento de Pós-Graduação da UNIRIO. Por acreditar no meu potencial de trabalho e intelectual. Muito obrigada!

Agradeço aos profissionais que me auxiliaram na construção da tese: Maria Inês de Oliveira, Carolina Nunes e Antonio Paparela (Tradutores); Sylvia Pessoa (Bibliotecária); Eryl Maria de Carvalho e Silva (Revisora).

Meus respeitosos agradecimentos pela contribuição da banca do exame de qualificação e pela participação dos membros da banca examinadora da defesa.

Por fim, agradeço em especial àqueles que sempre me apoiaram incondicionalmente, que apostaram em mim mais do que ninguém e que seguramente são os que mais compartilham da minha alegria: minha amada família.

Mais uma etapa foi vencida! Sei que ainda é só o começo...

RESUMO

FRANÇA, Tania Maria Rodrigues de. **Museologia: A Produção do Campo como Representação do Conhecimento Científico**. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. 142f. Orientadora: Diana Farjalla Correia Lima.

O tema da pesquisa no contexto do Campo do Conhecimento da Museologia envolve a investigação do caráter Produtividade, o mesmo que produção pelos pares, e representada segundo a qualificação de Comunicação Científica por Artigos Científicos publicados em periódicos de igual caráter bem como pelos Trabalhos Completos apresentados em evento da categoria e considerados de teor científico. O apoio teórico tem por base Pierre Bourdieu (Teoria da Economia dos Campos do Conhecimento); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq (Área do Conhecimento e diretrizes conceituais); autores da Museologia: André Desvallées, Analdo Bernardo Baraçal, Diana Farjalla Correia Lima, François Mairesse, Peter van Mensch, Tereza Cristina Moleta Scheiner e Zbyněk Zbyslav Stranský; autores da Ciência da Informação: Artur Jack Meadows, Lena Vania Ribeiro Pinheiro e William Garvey (Produção Científica/Comunicação Científica); Abraham Moles (Ciências do Impreciso); Florence Bardin (Metodologia). E teve por Objetivos (geral): Identificar e analisar no contexto de Comunicação Científica na Área do Conhecimento da Museologia, Artigos Científicos (Portal de Periódicos CAPES, Sistema WebQualis), publicados no período 1997-2015, e Trabalhos Completos em Anais de Evento Científico (Comunicação Oral, GT 9 Museu, Patrimônio e Informação - ENANCIB), ano 2007 e período 2009-2015, conforme indicadores de Produtividade representados pelos indexadores: Museologia, Museología, Museology, Museum Studies, Museológico, visando identificar a presença de perfil científico no campo. Metodologia: Pesquisa exploratória, descritiva, censitária, quali-quantitativa e de base bibliográfica, sobretudo, fontes primárias. Material empírico analisado de acordo com indicadores caracterizando uma área científica (A): 1. Avaliação por Pares (Artigos e Comunicações); 2. Periódicos Qualis (Artigos) e 3. Resultado de Pesquisa (Artigos e Comunicações); e também (B): a) Princípios, b) Objeto de Estudo, c) Metodologia. A análise/interpretação dá a verificar que o campo da Museologia, não obstante a presença numerosa de artigos voltados à prática (Museum Studies), já se vem formalizando com perfil científico conforme "Resultado de Pesquisa", contexto Comunicação Científica disseminada por Periódico Científico, Portal CAPES (Brasil e Exterior). A destacar na produção da Área/Campo o GT 9 Museu, Patrimônio e Informação, ENANCIB, pela presença dos "locutores" (Bourdieu) brasileiros apresentada nos resultados de pesquisas dos professores e nas dissertação e tese do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST, caracterizando pelos temas abordados e fundamentos expostos um caminho que aponta à vanguarda da construção de

teor de científico. Por fim, a pesquisa desenvolvida após levantamento, análise e classificação da Produtividade da Área do Conhecimento da Museologia permite concluir que é um espaço de feição científica e em processo de consolidação que, ainda, demanda aprimoramento para afirmação e divulgação dos conteúdos que a representam.

Palavras-Chaves: Museologia. Comunicação Científica. Área do Conhecimento da Museologia. Produtividade. Comunicação Oral ENANCIB. Portal de Periódicos CAPES.

ABSTRACT

FRANÇA, Tania Maria Rodrigues de. **Museology: The Field Production as Scientific Knowledge Representation**. 2017. Dissertation (PhD) - Museology and Heritage Postgraduate Program, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017. Supervisor: Diana Farjalla Correia Lima.

The research subject, in the context of the Museological Knowledge Field, encompasses the investigation of the Productivity aspect, the same as peer production, and is represented according to the Science Communication's qualification for Science Articles published in scientific journals, as well as Complete Studies of scientific content presented in science events. The theoretical support is based on Pierre Bourdieu (Economy Theory of Knowledge Fields); CAPES and CNPq; museology authors: André Desvallées, Anaildo Bernardo Baraçal, Diana Farjalla Correia Lima, François Mairesse, Peter van Mensch, Tereza Cristina Moleta Scheiner and Zbyněk Zbyslav Stranský; information science authors: Artur Jack Meadows, Lena Vania Ribeiro Pinheiro and William Garvey (Scientific Production/Science Communication); Abraham Moles (Imprecise Science); Florence Bardin (Methodology). The general goal was: identify and analyze, in the Science Communication's context concerning the Museological Knowledge Field, Science Articles (Periodical Portal CAPES, WebQualis System), published during the 1997-2015 period, and Complete Studies in the Annals of Scientific Events (Oral Communication, GT 9 Museum, Heritage and Information – ENANCIB), in 2007 and the 2009-2015 period, according to Productivity indicators represented by the following indexes: Museology, Museum Studies, Museological, aiming to identify the presence of a scientific profile in the field. Methodology: exploratory, descriptive, statistical and quali-quantitative research with bibliographical basis, especially primary sources. Empirical materials examined in accordance with the indicators which characterize a scientific area (A): 1. Peer Review (Articles and Communications); 2. Qualis Periodicals (Articles); 3. Research Result (Articles and Communications); and also (B): a) Principles, b) Study Objective, c) Methodology. The analysis/interpretation verifies that the Museology field, despite the notorious presence of practical articles (Museum Studies), is formalizing a scientific profile according to the "Research Result", Science Communication's context disseminated by Scientific Journal, CAPES Portal (Brazil and Abroad). The GT 9 Museum, Heritage and Information, ENANCIB, stands out in the Area/Field production for its Brazilian "speakers" (Bourdieu) presented in the professors' research results and in the dissertations of the Museology and Heritage Postgraduate Program UNIRIO/MAST, representing, by the addressed issues and the exposed principles, a path that points to the vanguard in the construction of scientific content. Finally, the research carried out upon survey, analysis and classification of the Museological Knowledge Field's Productivity allows concluding that it is a space of scientific aspects, going through a consolidation process that still demands improvement for the affirmation and dissemination of its contents.

Keywords: Museology. Science Communication. Museological Knowledge Field. Productivity. Oral Communication ENANCIB. CAPES Periodical Portal.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ANTIQUITY - Review of World Archeology
BEL - Belgica
C&T - Ciência e Tecnologia
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nivel Superior
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENAMCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ESP - Espanha
EUA - Estados Unidos
FAMARO - Faculdade de Arqueologia e Museologia "Marechal Rondon"
FEFIERJ - Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
FUFPI - Fundação Universidade Federal Piauí
GBR - Grã-Bretanha
GT 9 - Grupo de Trabalho 9
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus
ICOFOM - Comitê Internacional para Museologia/ International Committee for Museology
ICOFOM LAM - Subcomitê Regional do ICOFOM para América Latina e Caribe
ICOM - *Internacional de Museus/International Council of Museums/Conselho*
IPJB-RJ/MMA - Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/Ministério do Meio Ambiente
ISR - Israel
ISSN - *International Standard Serial Number*
ITA - Itália
MAST - Museu de Astronomia
MAST/ME - Museu de Astronomia/ Ministério de Educação Português
MCTI - *Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação*
MHN - Museu Histórico Nacional
MPEG/MCTI - Museu Paraense Emílio Goeldi/ Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação
NBR - Norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas
QUALIS/CAPES - Sistema de classificação de periódicos da CAPES
REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
REVISTA ACB - Revista da ACB – Associação Catarinense de Bibliotecários
UCAM - Universidade Cândido Mendes
TRIPLEC - Revista: Communication, Capilism & Critique
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USA - *The United States of America*
USP - *Universidade de São Paulo*
WEBQualis - Sistema de classificação de periódicos

SUMÁRIO

Cap.1. INVESTIGAÇÃO: CONTEXTO TEMÁTICO	01
Cap.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1.Campo/Área do Conhecimento Científico, Poder Simbólico e Habitus	10
2.2. Espaços de interações para construção da Área do Conhecimento da Museologia	16
Cap.3. INTENTO A SER ALCANÇADO E CAMINHO TRAÇADO PARA CONCRETIZÁ-LO	22
Cap.4. MUSEOLOGIA -- O CONTEXTO PIONEIRO DA DISCUSSÃO SOBRE A NATUREZA CONCEITUAL DO CAMPO	31
4.1. “A Museologia é Ciência ou apenas trabalho prático do museu?”	32
4.2. Objeto da Museologia	36
4.3. Por uma abordagem específica da Museologia	40
Cap.5. MUSEOLOGIA – PRODUTIVIDADE DE LOCUTORES NOS ARTIGOS CAPES E COMUNICAÇÕES ORAIS ENANCIB: INTERPRETAÇÃO QUANTITATIVA	45
5.1. Comunicação Científica - Artigos CAPES.	45
5.1.1 Seleção do Material Empírico	45
5.1.2 A Museologia e a relação com outras Áreas de Conhecimento	48
5.1.3 Classificação do Artigo CAPES por Indexador/Termo – Assunto	52
5.2. Comunicação Oral ENANCIB	70
5.2.1 Seleção do Material Empírico	71
5.2.2. Classificação da Comunicação ENANCIB por Indexador/Termo – Assunto	77
Cap.6. MUSEOLOGIA – PRODUTIVIDADE DE LOCUTORES NOS ARTIGOS CAPES E COMUNICAÇÕES ORAIS ENANCIB: INTERPRETAÇÃO QUALITATIVA	83
6.1. Contexto da Produtividade do Artigo CAPES	83
6.1.1 Temas e Subtemas do Artigo CAPES	83
6.2. Contexto da Produtividade das Comunicações do ENANCIB	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	118

To be or not to be, that is the question.

Ser ou não ser, eis a questão.

William Shakespeare. Ato III, Cena I.

A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca

CAPÍTULO 1
INVESTIGAÇÃO:
CONTEXTO TEMÁTICO

1. INVESTIGAÇÃO: CONTEXTO TEMÁTICO

O tema desta tese está relacionado ao estudo do Campo do Conhecimento, conforme o nomeia Pierre Bourdieu, na obra *O Campo Científico* de 1983, e, no caso em pauta, no campo da Museologia, domínio também designado como Área do Conhecimento da Museologia, terminologia empregada por duas agências de fomento do Brasil: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES¹; e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq²; tendo como propósito estudar o que se entende por produtividade desse espaço do saber.

A abordagem da pesquisa está dirigida ao contexto da produtividade, qualidade vinculada ao mérito cognitivo de todos os saberes e dos respectivos processos de produção de um determinado campo do conhecimento, representada pela Comunicação Científica.

O contexto da produtividade guarda estreita relação entre cientista e ciência e se expressa pela produção científica, destacando os resultados de pesquisa e disseminando-os entre a comunidade científica. Thomas Kuhn (1992, p.) se refere ao “processo simbiótico” como manifestação de “circularidade entre ciência e cientista”, e por sua vez, a produtividade depende da comunidade científica e da sua produção. No território científico, a comunidade de pesquisadores se constitui graças à adoção de um mesmo paradigma de produtividade.

Nesse sentido, Kuhn afirma que “um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (1992, p. 219). Assim, cientista e ciência se mesclam no interior de uma especialidade científica ou num tipo de cientificidade.

Com referência à ciência, Humberto Maturana (1995, p. 72) explica que se trata de “criação histórica e cultural, tem o mesmo valor e sentido que qualquer outra atividade humana”. Completando este pensamento Alan Chalmers observa que a Ciência

[...] é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar etc. Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é

¹ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação.

² Agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros. Criado em 1951, desempenha papel primordial na formulação e condução das políticas de ciência, tecnologia e inovação. Sua atuação contribui para o desenvolvimento nacional e o reconhecimento das instituições de pesquisa e pesquisadores brasileiros pela comunidade científica internacional.

conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente (1993, p. 23).

Assim, se considera o conhecimento gerado pela ciência distinto, em virtude do resultado de seus experimentos, desfrutando então de posição privilegiada com relação aos demais tipos de conhecimento (o do senso comum, por exemplo). Conhecimento científico é provado e comprovado, gerando teorias, métodos, técnicas, produtos. De tal modo, as teorias científicas são derivadas, de forma rigorosa, da obtenção dos dados empíricos, isto é, da experiência, por meio da observação e da experimentação.

A ciência, por assim dizer, constitui um dos atos de refletir e de se relacionar com o mundo real. Refletindo, experimentando e organizando, o homem constrói e cria possibilidades para o conhecimento. A ciência desenvolvida nos laboratórios é apenas uma das maneiras de se 'fazer ciência'. A construção do conhecimento implica em pesquisar, refletir, observar, experimentar e validar ou refutar as teorias, nos moldes propostos por Karl Popper (2007).

O mecanicismo e o determinismo, marcas da ciência objetiva, são contrapostos por Abraham Moles (2010, p.17) que os considera a visão positivista da ciência, esbarrando na complexidade e subjetividade dos fenômenos humanos e sociais. Deste modo, estabelece "o veto positivista às ciências humanas, isto é, a negação do caráter de produtividade àquilo que não pertence às ciências naturais".

O referido autor prossegue afirmando que:

[...] a ciência tal como a conhecemos não nos fala quase do que é impreciso, do que é flutuante, do que muda e só se repete aproximativamente, pois prefere as correlações fortes entre as variáveis ao invés das correlações fracas da vida (MOLES, 2010, p.16).

Moles (2010) contesta ainda a visão tradicional de ciência objetiva e defende a reformulação da noção de ciência como "ciências do impreciso", um termo genérico para todas as vertentes das ciências humanas, sociais, situadas, por sua vez,

[...] em contraste com muralha de livros da ciência acabada [...] O verdadeiro e o falso não são nunca eternos neste campo, eles são subjetivos: eles são a ilusão, a cada instante, de cada pesquisador (MOLES, 2010, p. 35).

Outro teórico, Pierre Bourdieu, sociólogo francês, contribuiu para tal questão quando discutiu acerca da construção de uma definição dominante que se torna prerrogativa de um grupo de cientistas. Tal grupo consegue impor aos demais

cientistas determinado “paradigma”: a forma “correta” de se fazer ciência que consistiria em se aproximar o máximo possível deste padrão específico. O campo científico se torna, então, um “campo de lutas”, no qual o vencedor é a autoridade científica que detém uma espécie particular de “capital social”.

Nessas condições, é importante, em seguida, para a reflexão prática, o que comanda os pontos de vista, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas que escolhemos, os objetos pelos quais nos interessamos etc. é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são, para empregar ainda a metáfora “einsteiniana”, os princípios do campo. É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer (BOURDIEU, 1997, p.24).

Sendo, pois, o campo criado a partir dos seus princípios, Bourdieu (1997) afirma que um campo do conhecimento é o resultado da ação do poder simbólico que, por sua vez, se compõe de natureza arbitrária.

Um dos campos do conhecimento é o campo científico, que de acordo com Bourdieu (1997, p. 21), “é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve”. Nesta tese, o campo científico, pelas suas características, é identificado ao que a CAPES e o CNPq igualmente denominam Área do Conhecimento.

As imposições e solicitações constituem-se as especificidades de cada Área, ou seja, “se você deseja triunfar sobre um matemático, é preciso fazê-lo matematicamente pela demonstração ou refutação” (BOURDIEU, 1997, p. 32). Tais imposições são determinadas por um grupo de “locutores” que interagem dentro de um espaço específico e definido por Bourdieu como “espaço de interação” que

[...] funciona como uma situação de mercado logístico, que tem característica conjuntural, cuja composição social do grupo está antecipadamente determinada, com leis de formação do grupo de locutores (1989, p. 55).

Sob a perspectiva de Bourdieu (1997, p. 39), um “espaço de interação” é “lugar” que para Nora (1993) é

[...] de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual (p.21-22).

como também, “da atualização da intersecção entre os diferentes campos”. De acordo com tal configuração, a Museologia se identifica como um campo e o Museu permite

reconhecimento como um “lugar” de ação de diversos pesquisadores e profissionais, oriundos de diferentes campos do conhecimento, espaço onde se processam a pesquisa e a prática dos envolvidos no fazer museológico.

Além do Museu, cabe destacar a relação da Área do Conhecimento Museologia com a perspectiva da Educação, representada nesta tese pela Universidade, no segmento da pós-graduação *stricto sensu*, com seus programas de mestrado e doutorado, responsáveis pela formação de pesquisadores que têm a Museologia como um domínio do conhecimento que se entrelaça com diferentes disciplinas, resultando em relações objetivas, que por sua vez, também são relações de forças simbólicas manifestadas sob a forma de estratégias retóricas.

No Museu e na Universidade estão os “agentes institucionais” que atuam no campo e são definidos por Bourdieu (1997, p. 23) como “locutores” que emitem uma fala sobre a Área do Conhecimento, nesta pesquisa tratados como pesquisadores oriundos de diversas Áreas do Conhecimento³, tais como: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Sociais Aplicadas; Linguística; Letras e Artes; e Multidisciplinar. São pesquisadores que trazem suas propriedades para a interação, pois, segundo Bourdieu (1989), é a característica deles na estrutura social (ou no campo especializado) que define a posição na interação.

Desse modo, a ação dos “locutores” no desenvolvimento de suas pesquisas tanto nos Museus (identificados, neste caso, na categoria de Institutos de Pesquisa), quanto nas Universidades, culmina na disseminação dos resultados por meio da Comunicação Científica, publicados em “Periódicos” (publicações consideradas como um conjunto de fontes especializadas) e “Trabalhos Completos em Anais de Evento Científico” (publicação periódica referente aos atos e estudos de congressos científicos)⁴ promovidos e reconhecidos pela Área do Conhecimento da Museologia (2003, NBR, 6022).

Os Artigos Científicos e os Trabalhos Completos em Anais de Evento Científico, neste estudo, doravante serão denominados de Artigo CAPES e Comunicação ENANCIB (Comunicação Oral), respectivamente. São publicações que

³ A classificação das Áreas do Conhecimento tem finalidade eminentemente prática, objetivando proporcionar às Instituições de ensino, pesquisa e inovação uma maneira ágil e funcional de sistematizar e prestar informações concernentes a projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos gestores da Área de ciência e tecnologia (CAPES, 2016).

⁴ Nomenclatura utilizada pelo CNPq no Currículo Lattes, instrumento que se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e hoje é adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por seu alentado conjunto de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na Área de Ciência e Tecnologia.

servem como um dos indicadores de qualidade para a obtenção de bolsas de pesquisador do CNPq das Áreas da Ciência da Informação, Museologia e Comunicação, bem como da CAPES quando avaliam os programas de pós-graduação *stricto sensu* da Grande Área de Avaliação das Ciências Sociais Aplicadas, na qual a Museologia é Área do Conhecimento. Assim,

Será considerada como produção intelectual, para efeitos destes procedimentos avaliativos: [...] Artigo científico publicado em periódico de reconhecida qualidade na Área, editado no país, de circulação nacional, ou no exterior, com julgamento por pares, comitê editorial e editor científico, de periodicidade regular e indexado em serviços de informação do país e do exterior; [...] Trabalho completo publicado em anais de evento científico, de âmbito nacional ou internacional, promovido por instituições de ensino e pesquisa ou sociedades científicas da Área e de campos afins (CNPq, 2016).⁵

Esses dois indicadores de avaliação do CNPq e da CAPES no contexto da Comunicação Científica representam a “produção intelectual” da Área, bem como a disseminação e o uso da informação, e dizem respeito à definição de Comunicação Científica de Willian Garvey (1979), como:

[...] o campo de estudo do espectro total de atividades informacionais que ocorrem entre os produtores da informação científica, desde o momento em que eles iniciam suas pesquisas até a publicação de seus resultados e sua aceitação e integração a um corpo de conhecimento científico (GARVEY, 1979, p.10).

Comunicação Científica, objeto desta tese e que está representada por meio do Artigo CAPES e da Comunicação ENANCIB, é tema explorado e discutido pela Ciência da Informação que “designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo de fenômenos ligados à produção, organização e difusão e utilização de informações em todos os campos do saber” (OLIVEIRA, 1998, p. 25), permitindo assim, a troca de informações entre membros da comunidade científica, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar, até o momento em que os resultados da pesquisa sejam aceitos como constituintes do conhecimento científico.

Os resultados dos estudos realizados pelos pesquisadores da Área do Conhecimento da Museologia disseminados pela Comunicação Científica são publicados nos periódicos científicos. Destaca-se a relevância desse veículo para as

⁵ Os comitês de Áreas são responsáveis por avaliar os pesquisadores do CNPq, tanto para a o ingresso como para renovação de bolsas de pesquisa, estabelecendo critérios que tem como “principal parâmetro para entrada no sistema é a apresentação de uma proposta de pesquisa que contemple tema relevante e inovador para o avanço e consolidação da Ciência da Informação e Museologia e Comunicação como Áreas de conhecimento científico”.

comunidades científicas desde seus primórdios, uma vez que o periódico científico foi “criado no século XVII, em plena revolução científica, mais precisamente em 1665, tendo sido os primeiros o *Journal de Sçavants* e o *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*” (ZIMAN, 1979**, p.118).

Durante mais de três séculos, passou por transformações, embora sua relevância tenha se mantido, bem como suas funções primordiais de registro, propriedade intelectual, comunicação entre pares e prestígio, continuando a ser o canal formal de comunicação científica mais importante para as comunidades de C&T, mesmo no ciberespaço das redes eletrônicas de comunicação e informação (PINHEIRO, 2005, p.23).

Dada a importância do acesso às informações científicas para a formação e fomento à pesquisa no Brasil, a CAPES disponibiliza em sua página o Portal de Periódicos CAPES, que trata dos artigos científicos e se configura como

[...] uma biblioteca virtual, que conta com um acervo de mais de 35 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual (CAPES, 2013).

A CAPES, também, com o intuito de qualificar os Períodos Científicos que incluem artigos científicos, disponibiliza ferramenta de consulta, denominada Plataforma WebQualis ⁶: “um sistema de classificação de periódicos nacionais e internacionais, nos quais haja publicações que representem a produção intelectual dos programas de pós-graduação brasileiros de todas as Áreas do conhecimento” (CAPES, 2016), categorizando os periódicos em três níveis de qualidade (A, B, C), assunto a ser explicitado em outro tópico.

Em razão disso, o Portal de Periódicos e a Plataforma WebQualis: Sistema de Classificação de periódicos, ambos CAPES, foram os ambientes de consulta para este estudo, enfocando a Área do Conhecimento da Museologia no âmbito nacional e internacional.

No caso brasileiro, o cenário envolve também os Anais de evento científico: Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, ENANCIB (do número I ao XVI), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e

⁶ O Sistema WebQualis está alocado na Plataforma Sucupira, “ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG)” (CAPES, 2016).

Pós-Graduação em Ciência da Informação, ANCIB, estando a Área da Museologia representada pelo Grupo de Trabalho 9, GT 9 – “Museu, Patrimônio e Informação”.

A Área do Conhecimento da Museologia está representada no ENANCIB desde o VIII ENANCIB, 2007, formalizada no Grupo de Trabalho “Debates em Museologia e Patrimônio”, com artigos publicados sobre a temática. Em 2008, por ocasião da Assembleia Geral da ANCIB, durante o IX ENANCIB (São Paulo), foi criado em 2008 o GT 9 – “Museu, Patrimônio e Informação”, que iniciou suas atividades no ano seguinte, 2009, X ENANCIB (João Pessoa/PB). O GT 09, apresentando como ementa:

Análise das relações entre o Museu (fenômeno cultural), o Patrimônio (valor simbólico) e a Informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais (ANCIB, 2016).

Nesse contexto, então se formulou a questão da tese indagando se a Área do Conhecimento da Museologia apresenta perfil científico e tem como base segmentos que vocalizam as duas perspectivas de produção: a de pesquisadores que publicam artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais, disseminados no Portal de Periódicos CAPES (1997-2015), nomeados Artigo CAPES; e a de pesquisadores que publicam nos Anais do ENANCIB (2007, 2009-2015), nomeados Comunicação ENANCIB Oral, ou seja, o mesmo que Comunicação ENANCIB na presente tese.

Ainda sintetizando a investigação realizada, os indicadores de produtividade escolhidos para estudo da Área do Conhecimento da Museologia, compreendem: 1 – Artigo CAPES e Comunicação ENANCIB, avaliados por pares; 2 – Artigo CAPES, disseminados em periódicos Qualis; 3 – Artigo CAPES e Comunicação ENANCIB, que são resultado de pesquisa.

A relevância em identificar, analisar e avaliar as contribuições de pesquisadores da Museologia disseminadas por meio de Artigo CAPES e Comunicação ENANCIB se insere na perspectiva de identificação da presença de perfil científico do campo museológico e sua consolidação como Área de Conhecimento.

Por fim, esta Tese do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com o Museu de Astronomia (PPG-PMUS UNIRIO/MAST), está inserida na Linha de Pesquisa 1 – Museu e Museologia. Também integra o Grupo de Pesquisa CNPq: “Campo da Museologia, Perspectivas Teóricas e Práticas, Musealização e

Patrimonialização”. A linha de Pesquisa do Grupo é” Museologia-Patrimônio: Relações Teóricas e Práticas com outros Campos do Conhecimento”, desenvolvida pela professora orientadora Diana Farjalla Correia Lima.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa está baseada nos pressupostos estabelecidos por Pierre Bourdieu acerca do campo científico e na conceituação da CAPES e CNPq relacionadas à Área de Conhecimento na Comunicação Científica e à construção do campo da Museologia.

1.1. Campo/Área do Conhecimento Científico, Poder Simbólico e Habitus

A partir de reflexões sobre ciência, arte, educação, literatura, economia, comunicação, entre outras disciplinas, Pierre Bourdieu (1983) concebeu o conceito de campo. Ao final da década de 70 do século XX, o sociólogo francês contribuiu para a construção de teoria social na qual desenvolveu o conceito de “campo” para esclarecer os elementos das produções ideológicas dos diferentes espaços sociais e de seus agentes.

A noção de campo é caracterizada pela autonomia de um espaço de construção de conhecimento, um “microcosmo” social com leis próprias, objeto de estudo e procedimentos metodológicos definidos e controlados de forma regulada e caracterizado por competição interna, por exemplo, a produção científica dos seus agentes (BOURDIEU, 1997, p.121).

Além da concorrência interna, o campo sofre pressões externas quando então é testada sua capacidade de refratar, resistindo de forma específica às pressões ou demandas externas (BOURDIEU, 1997, p.21-22), fortalecendo, portanto, sua autonomia.

Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – cultural, econômico, educacional, científico, no qual é determinada a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “autoridade”, detentoras de expressivo volume de “capital social”, relacionado ao “capital cultural”. Bourdieu ressalta que este é “um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve” (1997, p.21). O sociólogo francês complementa seu pensamento ao dizer que “o campo científico, por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (1997, p. 22-23).

As solicitações no campo científico se dividem em dupla dimensão: a política e a epistemológica. Em ambas estão as escolhas do objeto, do método empregado, das

instituições a que um cientista se filia. Os instrumentos, técnicas e recursos utilizados não são exclusivamente decisões casuais ou científicas, pois estão permeadas pelos efeitos de uma luta de poder no campo específico, por prestígio e reconhecimento dos pares, que são, também, concorrentes. “Os campos são lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas” (BOURDIEU, 1997, p.27).

A posição dominante na literatura sobre conhecimento científico é que este é confiável por ser provado de modo objetivo, tornando-se prerrogativa do grupo que consegue impor aos demais um determinado padrão teórico e prático.

Bourdieu (1997) afiança que o campo científico possui estrutura que engendra uma série de hierarquizações baseadas no capital social e simbólico, alcançado ao longo da carreira de um pesquisador/cientista, um “lucro simbólico”, consistindo em prestígio e reconhecimento em determinada Área do Conhecimento “que comanda as intervenções científicas” pois se configura a “estrutura das relações objetivas entre os agentes”, determinando “o que eles podem e não podem fazer” (BOURDIEU, 1997, p.24).

Bourdieu (1997) aponta, ainda, dois fatores estratégicos que estão em jogo nos conflitos existentes no campo científico: os “conservadores” e os “subversivos” da ordem científica estabelecida.

A primeira estratégia é defendida pelos grupos dominantes com objetivo de manter a ordem vigente à qual se vinculam, e encontram-se em posição de ditar e definir o que é ou não legitimamente científico, por meio de sua autoridade já estabelecida. Suas estratégias que visam à conservação são aceitas, também, pelos iniciantes que se acomodam ao grupo dominante e as suas práticas constituídas, podendo caracterizar no conjunto estratégico a questão da sucessão, que traria avanços científicos dentro dos limites permitidos e visaria apenas à substituição da geração anterior. O que ocorre é a situação dos agentes construindo a “realidade social”, quando então,

[...] entram em lutas e relações visando a impor sua visão, mas eles fazem sempre com pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar (BOURDIEU, 1989, p. 8).

As estratégias que visam à subversão, por sua vez, são um questionamento de legitimidade da ordem científica anterior e objetivam a sua superação por meio de uma

ruptura com os padrões dominantes e não com uma continuidade ou reformas moderadas.

Este conceito é complementado pelo “*habitus*” que se constitui como um

Sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (BOURDIEU, 2011, p.191).

Desse modo, para Bourdieu, o campo consiste no território em que ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais. É um espaço dinâmico e obedece a leis próprias, debatidas nas disputas ocorridas em seu interior e cujo mote é invariavelmente o interesse em ser bem-sucedido nas relações estabelecidas entre os seus componentes, seja no nível dos agentes, seja no nível das estruturas.

No que diz respeito ao conjunto de noções e procedimentos que estão sendo explicitados e ligados às questões da hegemonia de determinada modelo intelectual/cultural, o desenho do campo do conhecimento, construído pela interpretação teórica de Bourdieu, conforma-se com elementos identificados como oriundos da presença do poder simbólico (BOURDIEU, 2011), que por tal exercício, resguarda e fortalece as linhas das fronteiras disciplinares, reafirma a marcação do espaço teórico e prático e instala, ao mesmo tempo, saber e poder.

O poder simbólico é

[...] um poder de fazer coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. Isso significa que ele não faz nada? De fato, como uma constelação que começa a existir somente quando é selecionada e designada como tal, um grupo - classe, sexo, religião, nação - só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido segundo um princípio qualquer dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento (BOURDIEU, 1989, 14-15)

É no domínio da realidade social gerada pelos grupos de atores dos territórios do conhecimento, campos simbólicos, na perspectiva bourdieusiana, que por sua atuação e poder no espaço em pauta, o agente pode ocupar posição de destaque, “prestígio pessoal” pela sua produção científica, que representa, entre outras “marca[s] de distinção” do universo do simbolismo que Bourdieu explorou, uma das condições padronizadas, elaboradas pelo campo no contexto da Comunicação Científica.

1.2. Comunicação Científica

A Comunicação Científica, de acordo com a literatura especializada, é entendida como o domínio do estudo que inclui as atividades associadas à produção, à disseminação, ao uso da informação. Pelo caráter apontado merece ser considerada elemento que subsidia processos de pesquisa, como também disciplina integrante na consolidação de um campo do conhecimento, conforme abordada na presente tese.

Tendo em vista a relevância da Comunicação Científica por refletir o pensamento dos pesquisadores de uma Área do Conhecimento e porque se relaciona à questão da produtividade, deu-se a escolha para investigar a produção do campo da Museologia, disseminada por meio de periódicos científicos, considerando a importância deste canal informacional para a comunidade de cientistas.

O periódico é termo oriundo do Latim, e está relacionado a *periodus*, significando espaço de tempo. Da mesma procedência latina, a palavra publicação *publicatione* é entendida como o ato ou efeito de publicar, o mesmo que tornar público.

Nesse sentido, publicações periódicas são informações disseminadas de tempos em tempos e atendem a uma frequência regular de fascículos ou números, sob um mesmo título, inseridos em uma Área específica do Conhecimento e/ou de amplitude global.

Este modelo de disseminação da informação é reconhecido como:

Um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário etc., editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração, em geral, de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida, e que é objeto de Número Internacional Normalizado - ISSN (2003, NBR, 6022).

Em se tratando da Comunicação Científica, os periódicos científicos representam

o mais importante meio utilizado para o registro e transmissão do conhecimento e são, como afirmava Ziman (1979), “as únicas instituições da comunidade científica que têm força e uma base sólida são as suas revistas científicas” (PINHEIRO, 2006, p.2).

O primeiro periódico científico foi publicado em 5 de janeiro de 1665 com o título de *Journal des Sçavans* (mais tarde *Journal des Savants*), em Paris, França, com um total de 20 páginas. Foi lido por Oldenburg, no dia 11 de janeiro, perante a reunião da *Royal Society of London*, e serviu de base para a referida Sociedade lançar, em março do mesmo ano, o *Philosophical Transactions*, cujo objetivo era a divulgação dos trabalhos de seus membros (MEADOWS, 1999, p. 30).

A divulgação e a comunicação da ciência no Brasil, segundo Maria Helena Freitas (2006), tiveram início no século XIX, em jornais cotidianos, não especializados, e voltados ao grande público.

O primeiro periódico impresso no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro, realizou esse papel de divulgador dos assuntos científicos, noticiando a produção de obras, a realização de cursos, a produção e venda de livros e textos científicos. Além das notícias e alusões, o periódico chegou a publicar memórias científicas (FREITAS, 2006, p.55).

Mas foi O Patriota, Jornal Literário, Político, Mercantil &c. do Rio de Janeiro, o primeiro periódico especialmente dedicado às ciências e às artes no país.

O Patriota, impresso pela Imprensa Régia, teve 18 números. Publicado mensalmente em 1813, passou a bimensal em 1814, quando se findou. Como pudemos averiguar, tinha em média 120 páginas no primeiro ano e 100 no segundo, e publicava todos os assuntos, no estilo do Journal de Sçavans (FREITAS, 2006, p.60).

Como mencionado, os periódicos começaram como impressos, mas com o advento das novas tecnologias e o avanço das pesquisas, por serem os propulsores do crescimento e da disseminação do conhecimento no Brasil e no mundo, transformaram-se e continuam a passar por modificações, reestruturações e adaptações, o que resultou no crescimento do número de periódicos, nas várias áreas do conhecimento (FACHIN; HILLESHEIM, 2006, p.32).

Nesse contexto, na década de 1990, os periódicos científicos começam a ser disponibilizados por meio eletrônico, e com o aperfeiçoamento e inovações nos navegadores da *internet*, a possibilidade de uso de hipertexto, da inserção de *hiperlinks*, gráficos, Quadros, figuras, fotografias, som e vídeo, além da criação específica de sítios, disponíveis internacionalmente, nascem os periódicos científicos *on-line* (FACHIN ;HILLESHEIM, 2006, p.35).

Artur Meadows (1999) aborda as vantagens dos periódicos eletrônicos, afirmando:

[...] a comunicação eletrônica e a troca de informações entre os pares; repasse dos avaliadores; ampla divulgação; rápida recuperação; a interação impressa podem produzir percepções distintas: flexibilidade; o envio simultâneo de artigos; acelera a troca de informações entre os pares; repasse para os avaliadores; ampla divulgação; rápida recuperação; a interação autor-leitor; a interatividade dos artigos com as fontes externas de informação; a velocidade de disseminação na hora que a edição fica pronta – distribuição instantânea (MEADOWS, 1999, p.42).

Os periódicos, no Brasil, são referências para duas Agências brasileiras de fomento à Pesquisa: CAPES, responsável por avaliar a qualidade dos periódicos que, para tanto, utiliza um conjunto de procedimentos com vistas à estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação; o CNPq que é o responsável por promover a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.

Com intuito de qualificar os periódicos, as duas agências citadas criaram critérios básicos, exibidos em suas páginas eletrônicas, tais como: editor responsável; conselho editorial; ISSN; linha editorial; normas de submissão; periodicidade mínima semestral; avaliação por pares; publicação de ao menos 14 artigos por volume/ano; afiliação institucional; avaliação institucional dos membros dos conselhos, podendo haver membros sem vínculo institucional (por exemplo, aposentados); resumo e abstract dos artigos; descritores em inglês e português; pelo menos um número anterior publicado; disponibilidade em formato digital *on-line*.

As agências recomendam, ainda, que as revistas brasileiras tenham uma garantia por agente certificador auditável para preservação e acesso ao acervo em casos de catástrofes e obsolescência tecnológica, como também é necessário indicar a data de recebimento e aceitação referente a cada artigo.

Após análise dos periódicos, procedimento que é realizado por cada Área de avaliação, a CAPES por meio de sistema próprio, WEBQualis, divulga lista de periódicos Qualis “que é o conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação” (CAPES, 2011).

A estratificação da qualidade dessa produção é feita de forma indireta pela classificação das publicações utilizadas na sua divulgação. Dessa maneira, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção a partir da análise da qualidade dos periódicos científicos, jornais, eventos e livros.

Denomina-se “Qualis das Áreas” o produto final desse processo de qualificação ou estratificação (separação por nível de qualidade), ou seja, há uma lista de

periódicos que disseminam a produção bibliográfica dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, por Área, classificada quanto à circulação (internacional, nacional e local) e quanto à qualidade (A - alta, B - média e C - baixa), assim discriminados: periódico A1, o mais elevado, A2; e assim sucessivamente B1, B2, B3, B4, B5; e por fim C - com peso zero.

Na análise desenvolvida para a tese só foram considerados os artigos disseminados em periódicos “Qualis”, considerando que as ideias, proposições e métodos apresentados nos artigos disseminados por esses periódicos, avaliados e certificados pelos pares, poderão contribuir para novas questões na consolidação da Museologia como Área de Conhecimento.

1.3. Espaços de interações para construção da Área do Conhecimento da Museologia

Campo do Conhecimento ou Área do Conhecimento é o espaço interativo de “agentes” que são os “locutores” (BOURDIEU, 1983), produtores dos discursos da produção científica. No contexto desta tese é o domínio da Museologia com os espaços institucionais: Museu e Universidade (Academia), representados por suas pesquisas, fundamentadas e experienciadas, cujos resultados são disseminados por meio de artigos de periódicos, livros, dissertações, teses, entre outras formas da produção científica.

A instituição considerada na Área do Conhecimento da Museologia como espaço de interação, como não poderia deixar de ser, é o Museu, definido no Brasil pela Lei 11.904, de 14/01//2009, que instituiu o Estatuto de Museus.

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Atualmente, existem mais de 3.200 instituições museológicas em todo o país, segundo o Cadastro Nacional de Museus, que se constitui em instrumento do Sistema Brasileiro de Museus e tem por objetivo conhecer e integrar o campo “museal” brasileiro, por meio da coleta, registro e disseminação de informações sobre museus” (IBRAM, 2013).

No elenco da listagem os museus há os que são considerados Institutos de Pesquisa e atuam em “parceria”, de acordo com nomenclatura da CAPES, com Programas de Pós-Graduação. Por sua vez, o ambiente acadêmico no qual se inserem recomenda a edição de periódicos científicos.

No contexto das parcerias têm-se: Museu de Astronomia e Ciências afins (MAST) com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO; Museu de Arqueologia e Etnologia, Museu de Arte Contemporânea, Museu Paulista e Museu de Zoologia com a Universidade de São Paulo, USP.

Há instituições museológicas que são responsáveis por edições científicas, como, por exemplo: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, um dos periódicos científicos mais antigos do Brasil (setembro de 1894). O Boletim apresenta duas vertentes do conhecimento, Ciências Naturais e Ciências Humanas, este último classificado no extrato A2, Área de Ciências Sociais Aplicadas I (CSAI), Área na qual a Museologia está integrada.

O Museu quando atua como instituição de pesquisa com seus agentes desenvolvendo estudos, cujos resultados são disseminados pela Comunicação Científica, objeto desta investigação, contribui para o processo de fortalecimento da Área da Museologia.

A Museologia, ao longo da sua formação como Campo/Área de Conhecimento, no século passado e, em especial, no caso brasileiro, começou a formar profissionais especializados a partir da criação, no Museu Histórico Nacional (MHN), do pioneiro Curso de Museus (Decreto nº 21.129, de 07/03/1932), com duração de dois anos e “com ênfase nos conteúdos específicos para ensinar técnicas de identificação, classificação e conservação dos diversos tipos de objetos que integram os acervos de museus”.

Em 1944, o Curso adquiriu perfil de curso superior (Decreto nº 16.078, de 13 de julho de 1944), com duração de três anos, tendo como uma de suas finalidades “preparar pessoal habilitado a exercer as funções de conservador de museus históricos e artísticos ou instituições com finalidades análogas”. O curso era “dividido em três habilitações: Museus Artísticos; Históricos; e Científicos, e durante o período de 1932-1978, formou profissionais em números de 228, 98 e 10, nas citadas habilitações” (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p.267) ⁷.

⁷ O livro “Curso de Museus – MHN, 1932-1978” é um produto da Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil do Núcleo de Preservação e Memória da Museologia –

Até 1969 era o único curso de formação em Museologia no país, quando então, nesse mesmo ano, foi criado o Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, UFBA.

Em 1975, foi criado o Curso de Museologia da Faculdade de Arqueologia e Museologia “Marechal Rondon” – FAMARO. Em 1978, a FAMARO foi transferida para a Sociedade de Ensino Superior Estácio de Sá – SEDES, “curso que, no nível de uma instituição privada, também formou profissionais para atuar em museus até 1996” (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p.267).

O antigo Curso de Museus MHN foi transferido, em 1977, para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, FEFIERJ, transformada em Universidade do Rio de Janeiro, UNIRIO, 1979, atualmente denominada Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. “Com a mudança do Curso do MHN para a FEFIERJ, este tem o seu nome oficialmente alterado para “Curso de Museologia”, mesmo que já fosse denominado assim na sua documentação interna e nas carteirinhas dos estudantes, desde o final dos anos 1960” (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p.267).

No século XXI, a partir do advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, REUNI, o cenário da graduação se apresentava, em dezembro de 2016 (data da finalização desta tese), com 14 cursos criados e distribuídos em todas as regiões do país (BRASIL, 2011).

Em nível de pós-graduação *lato sensu*, o panorama da Museologia no Brasil volta-se ao século XX, quando foi criado na Fundação Escola de Sociologia e Política do Estado de São Paulo, FESP/SP, em 1977, o curso de especialização que perdurou até 1990 (SÁ; SIQUEIRA, 2007, p.268).

Na categoria de curso de pós-graduação *stricto sensu* foi implantado o primeiro curso no Rio de Janeiro, o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, com mestrado em 2006 e doutorado em 2011. Desenvolve-se em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO e o Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST.

A Área da Museologia, em se tratando da identificação, segundo a CAPES⁸, integra a grande Área de Ciências Sociais Aplicadas I, cuja concepção se baseia no resultado da “aglomeração de diversas Áreas do conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais, refletindo contextos sociopolíticos específicos” (CAPES, 2015).

Nesse quadro, a Museologia adquiriu categoria de Área Básica, sendo definida como: “conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas” (CAPES, 2015).

Na Área do Conhecimento Museologia, CAPES, são vinculados cinco programas em 2016, sendo um reconhecido e quatro recomendados: 1- Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST; 2 - Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia – Fundação Universidade Federal do Piauí, FUPI; 3 - Programa de Pós-Graduação em Museologia – Universidade Federal da Bahia, UFBA; 4 - Programa de Pós-Graduação em Museologia – Universidade de São Paulo, USP; e 5 - Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, MAST, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
ÁREA: MUSEOLOGIA – PÓS-GRADUAÇÃO / PROGRAMAS

PÓS-GRADUAÇÃO / PROGRAMAS	IES	UF	ANO	NOTA		
				M	D	F
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA	FUFPI	PI	2015	-	-	3
MUSEOLOGIA	UFBA	BA	2014	3	-	-
MUSEOLOGIA	USP	SP	2012	3	-	-
MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO	UNIRIO	RJ	2006	4	4	-
PRESERVAÇÃO DE ACERVOS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA	MAST	RJ	2015	-	-	3

Legenda: IES – Instituição de Ensino Superior; M - Mestrado Acadêmico ; D – Doutorado; F - Mestrado Profissional; M/D - Mestrado Acadêmico/Doutorado.

Fonte: CAPES

A CAPES no âmbito da classificação que estabelece:

⁸ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação.

Os cursos de mestrado profissional, mestrado (acadêmico) e doutorado avaliados com nota igual ou superior a "3" são recomendados pela CAPES ao reconhecimento (cursos novos) ou renovação do reconhecimento (cursos em funcionamento) pelo Conselho Nacional de Educação – CNE/MEC (CAPES, 2015).

A mesma instituição realiza avaliação periódica do Sistema Nacional de Pós-Graduação, na forma como foi estabelecida a partir de 1998, orientada pela Diretoria de Avaliação/Capes e desenvolvida com a participação da comunidade acadêmico-científica por meio de consultores *ad hoc*. O processo avaliativo é atividade essencial para assegurar e manter a qualidade dos cursos de Mestrado e Doutorado no país, cujos objetivos são: “Formação pós-graduada de docentes para todos os níveis de ensino; Formação de recursos humanos qualificados para o mercado não acadêmico e o Fortalecimento das bases científica, tecnológica e de inovação” (CAPES, 2011).

Com a instituição de programas de pós-graduação, mestrado e doutorado, abriu-se a possibilidade de incremento de presença expressiva no contexto da Comunicação Científica, a partir de resultados de pesquisas disseminados por meio dos Artigos Científicos, publicados em periódicos da mesma qualificação, e por meio do elenco de Comunicação Oral, editado pelo ENANCIB, nos dois casos de autoria dos pesquisadores dos cursos.

CAPÍTULO 3
INTENTO A SER ALCANÇADO
E CAMINHO TRAÇADO
PARA CONCRETIZÁ-LO

3. INTENTO A SER ALCANÇADO E CAMINHO TRAÇADO PARA CONCRETIZÁ-LO

Após o estudo realizado que envolveu autores, entidades e as perspectivas teóricas que defendem bem como evidenciado as relações existentes em contexto de ação institucional, então, devido o apoio da base teórica que explicitou e foi aplicada, conforme se viu no tópico anterior, foi aberto o panorama que permitiu à pesquisa determinar o fim a ser atingido e, em continuidade, estabelecer a metodologia adequada para atingir o propósito estimado.

Desse modo, foi traçado no plano do Objetivo Geral: identificar e analisar no contexto de Comunicação Científica na Área do Conhecimento da Museologia, Artigos Científicos (Portal de Periódicos CAPES, Sistema WebQualis), publicados no período 1997-2015, e Trabalhos Completos em Anais de Evento Científico (Comunicação Oral, GT 09 Museu, Museologia e Informação - ENANCIB), ano 2007, e período 2009-2015, de acordo com indicadores de Produtividade, representados por indexadores, visando identificar a presença de perfil científico no campo museológico.

E no plano dos Objetivos Específicos: 1) identificar e analisar Artigo Científico, nomeado Artigo CAPES e representado no Portal de Periódicos CAPES pelos indexadores: “Assunto”[s]⁹ Museology, Museum studies (inglês); Museología (espanhol); Museologia (português), “Refinado”[s] pelo primeiro indicador de produtividade: “Avaliação por Pares”, no título e na palavra-chave, período 1997-2015; 2) identificar o segundo indicador Qualis do Periódico que publicou o Artigo CAPES, selecionado na Plataforma Sucupira, Sistema WebQualis CAPES, bem como a Comunicação Oral, denominada Comunicação ENANCIB, integrando o GT 9 – “Museu, Patrimônio e Informação”, representada pelos indexadores Museologia, Museológico(a), refinado no título e palavra-chave, no ano 2000 e no período 2009-2015¹⁰; 3) identificar e analisar nos textos Artigo CAPES e Comunicação ENANCIB, o terceiro indicador de Produtividade: Resultado de Pesquisa; e por último 4) Elaborar instrumentos de pesquisa para categorizar conceitualmente a Produtividade na Museologia.

⁹ Termos indexadores do Portal de Periódicos CAPES. Esta indexação representa a classificação dos artigos que estão publicados em periódicos que são avaliados por pares. Os pares são os especialistas no assunto tratado pelo autor do artigo e avalia a veracidade do que está escrito.

¹⁰ O ano de 2007 foi o período de atividades Grupo de Trabalho - Debates em Museologia e Patrimônio que se formalizou durante o VIII ENANCIB (Salvador/BA). Em 2008, por ocasião da Assembleia Geral da ANCI, durante o IX ENANCIB (São Paulo), foi oficializada a criação do GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação. No ano seguinte, 2009, o GT 9 iniciou suas atividades no X ENANCIB (João Pessoa/PB) (ENANCIB, 2016).

Estando definida a finalidade da investigação que a tese representa, por consequência e em seguida, foi elaborada a metodologia adequando-a à natureza da pesquisa que se qualifica como exploratória, tendo base bibliográfica alicerçada em fontes primárias. Apresenta característica descritiva, censitária e teor qualiquantitativo para investigar as contribuições de pesquisadores na Área do Conhecimento da Museologia, no Brasil e no exterior.

Entre as atividades desenvolvidas no contexto desta tese foram realizadas: coleta de dados, seleção e análise, a seguir explicitadas:

- Artigo Científico, nomeado nesta tese de Artigo CAPES, publicado em Periódico Científico, disseminado pelas Bases de Dados contidas no Portal de Periódicos CAPES. Foi identificado no Portal que o período de publicação de Artigo CAPES, referenciado ao assunto, está datado a partir de 1997, o que determinou o corte temporal da pesquisa, 1997-2015;
- A busca seguiu os indexadores indicados no Portal e foi desenvolvida na seguinte ordem: Assunto: *Museology; Museum studies* (inglês); Museología (espanhol); Museologia (português). E aplicou o recurso de busca avançada (metabusca), disponível no Portal: Refinados pelo primeiro indicador de produtividade: avaliação por pares; e por tópico de cada Assunto,
- Após a seleção do Artigo CAPES e da identificação do nome do Periódico com seu respectivo ISSN ¹¹, procedeu-se à busca da classificação ¹² do Periódico no Sistema WebQualis, possibilitando a seleção do Artigo CAPES, categorizado com Qualis, segundo indicador de produtividade selecionado para determinar o universo da pesquisa.

O Artigo CAPES cujo Periódico foi classificado pelo Sistema WebQualis com conceito A, B ou C foi analisado com vistas à aplicação do terceiro indicador de produtividade: Resultado de Pesquisa.

Ainda no processo de busca de dados, concomitantemente, foi selecionada a Comunicação Oral, denominada nesta tese Comunicação ENANCIB, publicada e nos

¹¹ “O ISSN (*International Standard Serial Number*), sigla em inglês para Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas, é o código aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada. Esse número se torna único e exclusivo do título da publicação ao qual foi atribuído, e seu uso é padronizado pela ISO 3297 (*International Standards Organization*)” (IBCT, 2016).

¹² “A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero” (CAPES, 2016).

Anais ENANCIB, GT 9 – “Museu, Patrimônio e Informação”, período 2007, 2009-2015, representada pelos indexadores Museologia; Museológico(a) no título; palavra-chave.

A seleção da Comunicação ENANCIB foi realizada com a abertura de cada um dos Anais e a identificação dos indexadores pela ferramenta de procura do *Google*.

A análise do Artigo CAPES e da Comunicação ENANCIB ¹³ para identificar a modalidade do artigo, neste caso, Resultado de Pesquisa, indicador desta tese para determinar o universo de pesquisa, foi realizada com a utilização de Roteiro para Interpretação e Avaliação de Artigos Científicos, Quadro 2, elaborado por esta autora, apresentado mais adiante. O procedimento tornou possível obter resultados sobre: Modalidade, Origem e Instituição do Autor, apresentados no Capítulo de Resultados com uso de Quadros.

O instrumento metodológico foi construído em duas colunas. A primeira, lado esquerdo, estabelece a definição de acordo com as seguintes tipologias: Artigo Científico; Modalidade de Artigo; Constituição das partes do Artigo (Título, Autor, Resumo, Palavra-chave, Introdução, Metodologia, Contexto e Conclusão. A segunda, lado direito, trata da identificação dos dados básicos do Artigo CAPES e da Comunicação ENANCIB tais como: Modalidade; Autoria; Instituição a que o Autor está vinculado. Como também a compreensão e resumo das partes do texto: Resumo; Palavras-chave; Metodologia; Conteúdo; Considerações Finais.

O universo da pesquisa está representado quantitativamente por meio de Quadros e gráficos no capítulo no qual são explicados os Resultados obtidos.

O Quadro 2 apresenta o roteiro da pesquisa para interpretação e avaliação dos artigos científicos.

¹³ Conforme mencionado, a Comunicação ENANCIB, embora seja produção científica, não é classificada como Artigo Científico. Nesta tese foi tratada como tal para identificar o indicador de produtividade: Resultado de Pesquisa.

Quadro 2 - ROTEIRO DA PESQUISA PARA INTERPRETAÇÃO E AVALIAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

ARTIGO: DEFINIÇÃO PARTES DO ARTIGO / DADOS BÁSICOS	ANÁLISE DO ARTIGO: COMUNICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DADOS BÁSICOS
<p align="center">ARTIGO CIENTÍFICO:</p> <p>Realizado por autores individuais e/ou em colaboração. Processo de construção científica; Parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas Áreas do conhecimento (NBR 6022, 2003, p.2).</p>	
<p align="center">Partes do Artigo/dados básicos:</p>	<p>Título; Autor (Vinculação:País; Instituição) Artigo/envio dia/mês/ano; Periódico/Nome; ISSN; Referência.</p>
<p align="center">MODALIDADE DO ARTIGO:</p> <p>RESULTADO DE PESQUISA/COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: Parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados de pesquisa nas diversas Áreas do conhecimento, pode ser de autoria única ou coletiva (NBR 6022, 2003, p.2).</p> <p>ARTIGO DE REVISÃO: Parte de uma publicação que resume, analisa e discute informações já publicadas (NBR 6022, 2003, p.2).</p> <p>ARTIGO ORIGINAL: Parte de uma publicação que apresenta temas ou abordagens originais (NBR 6022, 2003, P.2).</p>	<p>Resultado de Pesquisa/Comunicação Científica; Artigo de Revisão; Artigo Original; Outro: Qual?</p>

ARTIGO: DEFINIÇÃO PARTES DO ARTIGO / DADOS BÁSICOS	ANÁLISE DO ARTIGO: COMUNICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DADOS BÁSICOS
<p>PALAVRAS-CHAVE:</p> <p>Uma palavra ou frase significativa no título, cabeçalhos de assunto (descritores), nota de conteúdo, resumo, ou o texto de um registro em um catálogo <i>on-line</i> ou base de dados bibliográfica que pode ser usado como um termo de pesquisa em uma pesquisa de texto livre para recuperar todos os registros que o contenham (ODLIS, 2011, p.362. Tradução nossa).¹⁴</p>	Palavras-Chave
<p>INTRODUÇÃO:</p> <p>A parte de um livro em que o objetivo e finalidade da obra são breves, e o leitor orientado para o tratamento do assunto que se segue no texto, geralmente escrito pelo autor ou por uma autoridade reconhecida no campo. A introdução aparece normalmente na matéria inicial, seguindo o prefácio ou prólogo, mas, por vezes, pode assumir a forma do primeiro capítulo (ODLIS, 2011, p.350. Tradução nossa).¹⁵</p>	Tema: resumo
<p>METODOLOGIA:</p> <p>Deve informar claramente como, quando e em que condições os procedimentos foram realizados e quais os passos que foram seguidos, informando ainda o período e o local de realização da pesquisa (NBR, 2003, P.2).</p>	Metodologia - caracterização: Qualitativa Quantitativa Quanti-Quali
<p>CONCLUSÃO:</p> <p>Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses. (NBR, 6022, 2003, p.4)</p>	Resumo

Fonte: Elaboração própria

¹⁴ A significant word or phrase in the title, subject headings (descriptors), contents note, abstract, or text of a record in an online catalog or bibliographic database which can be used as a search term in a free-text search to retrieve all the records containing it. (ODLIS, 2011, p.362)

¹⁵ The part of a book in which the subject and purpose of the work are briefly stated, and the reader prepared for the treatment of the subject that follows in the text, usually written by the author or by a recognized authority in the field. The introduction normally appears in the front matter, following the preface or fore word, but may sometimes take the form of the first chapter (ODLIS, 2011, p.350).

O Quadro 3 contém o resumo dos procedimentos metodológicos relacionados à consulta feita às bases de dados: Portal dos Periódicos CAPES; Sistema WebQualis; e Anais ENANCIB.

Quadro 3 – BASES DE DADOS - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS

PESQUISA/AÇÃO	BASE DE DADOS		
	PORTAL DOS PERIÓDICOS CAPES (Artigo)	SISTEMA WEBQUALIS (Periódico)	ANAIS ENANCIB (Comunicação)
Consultar Assunto (Indexador) por vez	Assunto: <i>Museology</i> ; <i>Museum Studies</i> ; <i>Museologia</i> ; <i>Museología</i> .	<i>Sem Ocorrências</i>	Assunto: <i>Museologia</i> ; <i>Museológico</i> (a).
“Refinar por Nível Superior” 16.	Periódicos Revisados por Pares		<i>Sem ocorrência</i>
“Refinar Meus Resultados por Tópico” 17 (Assunto).	Tópico: Título; Palavra-Chave		Tópico: Título; Palavra-chave
Consultar Periódicos Qualis.		“Evento de Classificação” Base 2014 e ISSN” 18.	<i>Sem ocorrência</i>
Resultados	Resultado quantitativo de artigos por indexador: geral, revisados por pares, tópico por assunto; artigos Qualis.	Resultado de Periódicos Qualis e respectivos conceitos.	Resultado quantitativo por indexador no Título
		Quantitativo de Artigos Qualis por Área de conhecimento.	
		Quantitativo de Artigos Qualis por conceito (A, B, C).	

Fonte: Elaboração própria

O tratamento qualitativo do universo da pesquisa foi realizado por meio da análise de conteúdo definida como:

¹⁶ Forma de consulta de Indexação do Portal.

¹⁷ O Tópico indexador é definido pelo Portal e apresenta resultados para o Assunto no Título e/ou palavra-chave contidos nos Artigos.

¹⁸ Sequência de ações para consulta da Classificação: Evento da Classificação é o período que ocorreu a classificação pelos avaliadores da CAPES, neste caso foi 2014. O ISSN é a referência que utilizamos para fazer a consulta do Qualis.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2008, p. 47).

Esse processo pode ser tido como análise do conteúdo informacional das mensagens. Para aplicação desse procedimento metodológico foram elaboradas categorias temáticas relacionadas ao objeto de pesquisa.

Os Temas foram definidos no escopo da pesquisa, considerando que para discutir o campo científico da Museologia, segundo Bourdieu (1997), é necessário definir três pontos principais: o Princípio, o Objeto de Estudo e a Metodologia própria, o que indica serem estes os temas escolhidos para análise do universo da pesquisa.

Bourdieu (1997, p. 24) afirma que a “reflexão prática” comanda as “intervenções científicas”, assim, contribuindo para os temas que são escolhidos como objetos pelos que por eles se interessam, formalizando, portanto, “a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são, para empregar ainda a metáfora “einsteiniana”, os “princípios do campo”.

A análise de conteúdo foi realizada em duas etapas, conforme preconiza Bardin (2011, p.87) e com adaptações adequadas às condições específicas demandadas ao longo do estudo. A primeira foi identificação dos Temas: Princípio; Objeto de Estudo; e Metodologia.

A segunda compreendeu a definição dos Subtemas. Bardin (2008) orienta que para identificar os Temas e Subtemas é imprescindível a “definição de unidades de registro e unidades de contexto”.

Portanto, foi possível a partir das unidades de registro semântico das palavras-chaves, indicadas tanto no Artigo CAPES como na Comunicação ENANCIB, estabelecer a definição dos Subtemas.

Os Subtemas foram definidos com aplicação da ferramenta “Nuvem da Palavras”¹⁹, modelo que representa graficamente a presença da repetição da palavra no texto, assim, quanto maior a escala (tamanho), mais intensa a repetição. Nesta tese foi adotado como critério de medida a presença de mais de quatro (4) repetições.

¹⁹ Uma nuvem de palavras é um recurso gráfico (usado principalmente na internet) para descrever os termos mais frequentes de um determinado texto. O tamanho da fonte em que a palavra é apresentada é uma função da frequência da palavra no texto: palavras mais frequentes são desenhadas em fontes de tamanho maior, palavras menos frequentes são desenhadas em fontes de tamanho menor. (Disponível em: <http://www.uff.br/cdme/lpp/lpp-html/lpp-d-br.html>).

Por fim, a Análise do Conteúdo do Artigo CAPES e da Comunicação ENANCIB, selecionados e expressos pelos Temas e Subtemas, foram contextualizados com vistas à identificação e presença de perfil científico da Área do Conhecimento da Museologia.

CAPÍTULO 4
MUSEOLOGIA -- O CONTEXTO
PIONEIRO DA DISCUSSÃO SOBRE A
NATUREZA CONCEITUAL DO CAMPO

4. MUSEOLOGIA -- O CONTEXTO PIONEIRO DA DISCUSSÃO SOBRE A NATUREZA CONCEITUAL DO CAMPO

Na investigação da tese acerca do campo e da produtividade representada pela Comunicação Científica, nomeados doravante como panorama da Área do Conhecimento da Museologia, apresenta-se a discussão sobre a natureza conceitual do campo, assunto que marcou, especialmente, o período compreendido entre os anos de 1980 e 1990 e com revisão das proposições no momento atual. Os locutores que se destacaram nos debates são reconhecidos pelo *International Committee for Museology* (Comitê Internacional para Museologia), ICOFOM²⁰, do *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus), ICOM²¹, na categoria “profissionais de Museus”, estabelecendo a diferença com outra classe de associados, isto é; instituições museológicas. As ideias desses autores ou foram veiculadas em publicações da associação profissional internacional, ou resultam de pesquisadores representando a produção da pós-graduação (Brasil e exterior). Dentre eles, há professores de cursos de Museologia, destacando-se que é expressivo o número dos que são membros do Comitê/Conselho.

Desse modo, traça-se a perspectiva da produção do campo/área tendo como diretrizes analíticas os Indicadores: Princípio; Objeto de Estudo; e Metodologia da Museologia, reafirmando o entendimento que Conhecimento Científico é processo provado e comprovado, gerando teorias, métodos, técnicas e produtos desenvolvidos por seus agentes, os locutores, no sentido dado a esse termo por Bourdieu (1983), que por meio de suas reflexões expressam referências ao campo e contribuem com seus estudos para o processo de consolidação teórica e prática.

Esclarece-se que os “locutores”, no caso em curso, são tanto os “profissionais de Museus”, autores de ensaios editados pelo ICOFOM, publicados e disseminados pelo *Museological Working Papers, MuWoP*; bem como os autores responsáveis pela produção da pós-graduação, disseminada sob a forma de dissertações e teses oriundas dos Programas e Cursos aos quais estão vinculadas, como: Programa de

²⁰ ICOFOM é um fórum internacional de debate das questões da Museologia com os associados, profissionais que atuam em museus. Em sentido amplo, a Museologia está preocupada com a abordagem teórica para qualquer atividade humana, individual ou coletiva relacionada com a preservação, interpretação e comunicação do patrimônio cultural e natural no contexto social. E embora o campo da Museologia seja mais amplo do que o estudo do próprio museu, seu foco principal continua relacionado às funções, as atividades e o papel do museu na sociedade como um repositório da memória coletiva. (texto adaptado da Introdução do site: <http://network.icom.museum/icofom/welcome/welcome-to-icofom/>, tradução nossa)

²¹ ICOM, criado em 1946, congrega como sócios os profissionais de museus, assim como as instituições museológicas. Tem por missão o desenvolvimento da sociedade e a relação com a preservação de seus bens culturais.

Pós-Graduação em Comunicação, Doutorado, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ; *Programmes, Humanities da Universidade de Zagreb*, PhD; e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO.

4.1. “A Museologia é Ciência ou apenas trabalho prático do museu?”²²

A Área do Conhecimento sobre a qual esta tese se debruça é a Museologia que, por sua vez, ainda se encontra em processo de construção do caminho epistemológico. Uma das contribuições para o debate que o título da seção expressa aconteceu por ocasião do Primeiro Encontro de “Profissionais de Museus”, promovido pelo ICOFOM, em “texto provocativo” (*provocative paper*) “Provocação museológica”: “A Museologia é ciência ou apenas trabalho prático do museu”? “*Is Museology science or just the museum's practical work?*”, que ‘abre’ a publicação, direcionando o tema do Encontro, formulando a pergunta e originando 21 respostas em forma de ensaios. Foram publicados em duas edições, 1980 e 1981, respectivamente, *MuWoP 1 e MuWoP 2*.

A destacar entre os autores que são referência na Área o ensaio de André Desvallées²³ (MuWop 1), cujo posicionamento no texto deixa em aberto a resposta se se considera a Museologia uma ciência: “cabe as pessoas do museu especificar se eles desejam aplicar o termo Museologia somente à linguagem que eles usam para se comunicar com o público, ou para o todo o campo de pesquisa e produção de pensamento que lhes permite praticar sua profissão” (DESVALLÉES, 1980, p.14 – tradução nossa)²⁴.

Após enunciar a possibilidade da especialidade do trabalho em museu como disciplina única da Museologia, Desvallées pergunta em que categoria essa disciplina poderia ser incluída nas atividades humanas e volta-se para três Áreas: “ciências humanas; ciências experimentais; e arte da expressão” (DESVALLÉES, 1980, p.16, tradução nossa).

Em relação à Área de ciências humanas, Desvallées (1980) acredita ter relação fundamental com as atividades conceituais e técnicas do museu na medida

²² O título faz referência ao texto *Provocação Museológica*, ICOFOM, 1979.

²³ Estudioso do campo da Museologia, curador por longa data em museus franceses. É autor de livros e artigos na Área da Museologia. Membro honorário do ICOFOM-ICOM.

²⁴ “it is up to museum people to specify whether they wish apply the term museology only to the language which they use to communicate with the public, or to the entire field of research and thought which allows them to practise their profession”.

que é necessário um “programa para a coleção” (*collecting programme*). Enfoca igualmente a preservação no museu cuja salvaguarda exige

[...] técnicas [que] devem ser escolhidas tanto para a restauração quanto para estabelecer padrões de temperatura, umidade e iluminação e precauções devem que ser feitas a fim de evitar diversos perigos que ameaçam a conservação própria (DESVALLÉES, 1980, p.16, tradução nossa).

Aponta, ainda, que o campo das ciências experimentais (*experimental sciences*) abraça a Museologia quando a “atitude ou espírito”, com a qual a restauração deve ser feita, é definida.

A arte da expressão se coaduna com a Museologia quando a linguagem é aperfeiçoada para comunicar as coleções para o público. A questão terminológica é enfocada para determinar a taxonomia relativa à classificação das coleções.

O citado autor ao concluir o ensaio afirma que a “especificidade do museu é incontestável e se a disciplina existe, pode ser diferenciada de uma simples “prática museográfica (*museographical practice*)” (DESVALLÉES, 1980, p.17, tradução nossa).

Em contraponto, destaca-se a contribuição de Zbyněk Zbyslav Stránský²⁵, também publicada no *MuWop* 1, que considera a Museologia uma ciência, mas afirma que neste contexto

[...] reunir tratados e artigos sobre Museologia não envolve apenas apresentar pontos de vista e posições sobre Museologia, mas também desenvolver um sistema de conhecimento que esteja em consonância com o pensamento científico (STRÁNSKÝ, 1980, p. 44, tradução nossa).

Em resposta à “Provocação museológica”, Stránský aponta que “o termo Museologia ou teoria do museu cobre uma Área de campo específico de estudo focado no fenômeno do museu. Encaramos assim a relação entre teoria e prática” (STRÁNSKÝ, 1980, p.14, tradução nossa).²⁶

Stránský ainda explica que a teoria “estava se desenvolvendo no passado e no presente [e] também podemos detectar certas tendências voltadas não apenas para a

²⁵ Estudioso do campo - Doc. PhDr Zbyněk Zbyslav Stransky, também conhecido como ZZ Stransky (* 26. Outubro 1926 , 21st de Janeiro de 2016 , Banska Bystrica) foi um Museólogo Checo e Professor universitário.

²⁶ The term museology or museum theory covers an area of a specific field of study focused on the phenomenon of the museum. We face here the relation of theory and practice.

melhoria dessa teoria, mas também para mudá-la para a esfera de uma disciplina científica específica” (STRÁNSKÝ, 1980, p. 44, tradução nossa).²⁷

Nota-se que as respostas à “Provocação museológica” citadas estão, ainda, em nível opinativo, ressalta-se, do mesmo modo, a opinião de Desvallées quando observa que a Museologia se define em três Áreas do Conhecimento, “ciências humanas, ciências experimentais e arte da expressão”, sem contudo indicar a verificação quanto à postura assumida. No entanto, as possibilidades mencionadas pelo autor refletem o convívio de vários profissionais ligados a diferentes disciplinas atuando no espaço Museu.

Por outro lado, Stránský (1980, p. 45) assinala a necessidade de “desenvolver um sistema de conhecimento que esteja em consonância com o pensamento científico”, que como se reconhece, requer pesquisar, refletir, observar, experimentar e disseminar os resultados com vistas a ser validado ou refutado pela comunidade científica.

O conhecimento científico, conforme explicitado na literatura, se dá pela troca de informações por meio da Comunicação Científica, que permite expressar o complexo teórico que envolve um processo de pesquisa nas suas múltiplas etapas, e na produção acadêmica representam as reflexões desenvolvidas pelos pesquisadores e seus orientandos nos “espaços de interação” Museu e Universidade.

Pode-se inferir que tais opiniões ecoaram no ICOFOM, pois em 1993 instituiu-se um grupo de trabalho denominado *Terms and Concepts of Museology* sob a direção de André Desvallées, concentrado na análise crítica da terminologia museológica, baseando suas reflexões nos conceitos fundamentais da Museologia.

Em 2010, por ocasião da 22ª Conferência Geral do ICOM, em Xangai, lançou-se e distribuiu-se a brochura intitulada: *Concepts clés de muséologie*²⁸ (Conceitos chave de Museologia), sob a coordenação de André Desvallées e François Mairesse, e também nas versões em inglês e em espanhol. Reune 21 termos e conceitos “básicos” da Museologia (DESVALLES; MAIRESSE, 2011).

Em 2011, sob a coordenação de André Desvallées e François Mairesse foi publicada em Paris a alentada edição (732 páginas) do *Dictionnaire encyclopédique de*

²⁷ However, it is a historical phenomenon. It was developing in the past and at present we can also detect certain trends aimed not only at improving this theory, but also at shifting it into the sphere of a specific scientific discipline.

²⁸ Traduzido em 10 idiomas, dentre eles o Português e sob o título: Conceitos-chave de Museologia (2013). As versões estão disponíveis no site do ICOFOM, ICOM.

Museologie, em francês, que apresenta verbetes, citações relacionadas, bibliografia e ilustrações.

O conceito de Museologia expresso na publicação “Conceitos chave da Museologia”, e a seguir exposto, opera nesta tese como indexador para a identificação, análise e avaliação dos Artigos e Trabalhos Completos em Anais de Evento Científico, relacionados aos três indicadores de produtividade.

MUSEOLOGIA s. f. – Equivalente em francês: *muséologie*; inglês: *museology*, *museum studies*; espanhol: *museología*; alemão: *Museologie*, *Museumswissenschaft*, *Museumskunde*; italiano: *Museologia*. Etimologicamente, a Museologia é “o estudo do museu” e não a sua prática – que remete à “museografia” –, mas tanto o termo, confirmado nesse sentido amplo ao longo dos anos 1950, como o seu derivado “museológico” – sobretudo em sua tradução literal em inglês (*museology* e seu derivado *museological*). (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013, p. 61).

A Museologia é apresentada no Quadro 4 em cinco acepções formuladas pelos autores/locutores da Área, que ora se transcreve de forma resumida.

Quadro 4 – MUSEOLOGIA: ACEPÇÕES E LOCUTORES

PERIODO	ACEPÇÃO - FONTE CONSULTADA (citação)	AUTOR (CITADO NA FONTE CONSULTADA)
1960/1981	A Museologia é uma disciplina científica independente, específica, cujo objeto de estudo é uma atitude específica do Homem sobre a realidade, expressão dos sistemas mnemônicos, que se concretiza por diferentes formas museais ao longo da história. A Museologia tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, e ela contribui à compreensão do homem no seio da sociedade (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013, p.62).	Zbyněk Zbyslav Stránský
1979	Nova Museologia – enfatizou a vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo que chamou a atenção para modos de expressão e de comunicação renovados. O seu interesse estava principalmente nos novos tipos de museus concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição central que ocupavam as coleções nesses últimos: tratava-se dos ecomuseus, dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013 p.62).	Zbyněk Zbyslav Stránský e Anna Gregorová
1981	Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013, p.62).	Georges Henri Rivière

2001	A Museologia é uma filosofia do museal, investida de duas funções: (1) Serve de metateoria à ciência documental intuitiva concreta; (2) É também uma ética reguladora de toda instituição encarregada de gerar a função documental intuitiva concreta (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013, p.62).	Bernard Deloche
PERIODO	ACEPÇÃO - FONTE CONSULTADA (citação)	AUTOR (CITADO NA FONTE CONSULTADA)
2011	[..] tudo aquilo que toca ao museu e que remete, geralmente, no dicionário, ao termo “museal” (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013, p.62).	André Desvallées e François Mairesse

Fonte: Elaboração própria

4.2. Objeto da Museologia

Hilton Japiassu e Danilo Marcondes (1992, p. 27) afirmam que “objeto” se constitui sempre em relação ao sujeito, sendo um “conceito tipicamente epistemológico”. A epistemologia ou “teoria do conhecimento”, de acordo com os dois autores, é disciplina filosófica que visa estudar os problemas levantados pela “relação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido”.

Em relação ao objeto de estudo da Museologia, destaca-se Stránský, autor tcheco apontado como um “pensador basilar” para o campo museológico, especialmente citado por Baraçal (2008, p. 22), cuja tese de doutorado é dedicada ao pensamento stranskyano. Para seus estudos, Baraçal observa que em razão de grande parte da bibliografia original ser em idioma tcheco, ele usou como subsídios para obtenção da visão de Stránský, textos do alemão Klaus Schreiner e da filósofa eslovaca Anna Gregorová, ambos autores da Museologia e publicados pelo ICOFOM, Comitê no qual Stránský possui artigos em inglês.

As contribuições de Stránský para o pensar museológico foram também objeto de estudo do museólogo e professor de Museologia (UNIRIO), Anaildo Bernardo Baraçal, em sua dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, intitulada “O Objeto da Museologia – a via conceitual aberta por Zbyněk Zbyslav Stránský”.

Schreiner (1980) afirma que “objeto da Museologia é o Museu” e o “objeto” do museu é o testemunho da evolução social que desempenha papel fundamental, sendo “fonte primária, torna-se objeto científico, pois não é qualquer objeto”, uma vez que é selecionado (aquisição) dentre outros. No objeto musealizado está contida a “realidade, percepção sensorial, fenomenologia”.

Entretanto Baraçal (2008) argumenta:

Se o objeto for reduzido à natureza de fontes primárias originais, parte das ciências documentárias, a Museologia estaria ao lado de arquivos e bibliotecas. E os processos complexos (conservação, pesquisa, etc) ficariam de fora, ainda que socialmente identificados com os museus (BARAÇAL, 2008, p. 27).

Schreiner (1980, p.39) em seu texto, porém, pode ter referenciado um contra-argumento ao afirmar que a Museologia é uma “disciplina científica” e deveria se preocupar com os “princípios e métodos do processo de aquisição, conservação, investigação e exposição dos objetos do Museu, considerados fontes de conhecimentos”. Assim, propõe aprofundar a investigação na prática cotidiana do Museu constituído em um edifício com objetos – fragmentos do passado do homem.

A Museologia é uma disciplina historicamente desenvolvida de forma social-científica, envolvendo leis, princípios, estruturas e métodos de processos complexos para adquirir, preservar, decodificar, pesquisar e exibir objetos móveis originais selecionados como fontes primárias de conhecimento, que cria a base teórica para o trabalho em museu e o sistema de museu com o auxílio de experiência generalizada e sistematizada (SCHREINER, 1980, p.40, tradução nossa).²⁹

Em contraponto, há o texto de Gregorová (1980) que se apoia em Stránský e considera a Museologia uma ciência que estuda a relação do “homem com a realidade” em todos os contextos no qual a realidade foi e ainda é concretamente manifestada. Na abordagem, há três grupos básicos de problemas que podem ser estudados: “museu e realidade”; “museu e sociedade” e questões terminológicas relacionadas à “análise da função do museu” (BARAÇAL, 2008, p. 27).

Baraçal afirma que o Museu e a realidade - a relação homem – realidade (H-R) se caracterizam por aspectos específicos, tais como:

a. cronológico tridimensional da realidade – ou “continuidade da realidade” ou ainda “o sentido histórico”, manifesto pelo fato que o homem percebe a continuidade da evolução histórica do que decorre o respeito ao passado, às tradições (grifo nosso) e sente-se a necessidade de os proteger, etc. Este aspecto tem os componentes: gnosiológico, psíquico e ético. E a relação decorre da evolução geral da humanidade, do processo cultural e social da humanidade, portanto; b. de estruturação e diferenciação da realidade, expresso

²⁹ “Museology is a historically grown social-scientific discipline, dealing with laws, principles, structures and methods of the complex process of acquiring, preserving, decoding, researching and exhibiting selected movable original objects of nature and society as primary sources of knowledge, which creates the theoretical base for museum work and museum system with the aid of generalized and systematized experience”.

pelo fato de ser o homem consciente da totalidade da realidade, distinguindo a substância em relação ao fenômeno, a parte em relação ao conjunto, os traços específicos dos gerais. O aspecto "genérico da realidade" liga-se ao nível das ciências, dos conhecimentos, da educação em certo momento. O lado psicológico da relação H-R pode ter várias raízes. Mas a motivação fundamental aqui é o sentido histórico, impulsionador de se constituir coleção, expressão de uma atitude museológica, decorrente de um determinado grau de sua evolução, o homem tornou-se capaz de conceber e de apreciar os valores da realidade (cultural e natural), desejando coletar e preservar esses valores. c. Envolve certo aspecto institucionalizado, no qual aparece a noção de museu. O desenvolvimento dessa relação não parou de se aprofundar e de se precisar desde então. Ao mesmo tempo, constatamos o desenvolvimento da concepção das funções do museu e a diferenciação dos tipos de museu (STRÁNSKÝ,1980 citado por BARAÇAL, 2008, p. 38).

Reafirmando essa tendência, a museóloga Tereza Scheiner (1998) em sua dissertação para obtenção do grau de Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, propõe que a

Museologia deve se afastar da esfera do mito para conceber e atuar o Museu no plano do Real – esse Real que ganha substância a partir dos múltiplos planos de realidade que nos intermediam com o mundo: realidade interior – desenho, máscara e sombra de nossos desejos e pulsões, expressos entrecruzamento dos níveis conscientes e inconscientes de nossa psique; realidade exterior – a face do mundo conforme a vemos fora de nós, e pela que nos atravessa em permanente intensidade e continuidade; e o momento do encontro, profundamente influenciado pela nossa percepção. [...] o Real não é um, mas muitos. [...] façamos do Museu um espaço de espontaneidades, multiplicidades, sujeito e suporte de um processo de liberdade (SCHEINER, 1998, p.132).

Na visão de Scheiner “não existe separação entre o indivíduo e o mundo, entre o Ser do Homem e o Real, já que não é mais possível pensar esse real enquanto Natureza, Idéia Deus, História ou Capital – ele a tudo atravessa” (SCHEINER, 1998, p.133).

Logo, a Museologia, de acordo com os autores mencionados, pode ser ciência, conhecimento filosófico ou conjunto de práticas inscritas no cotidiano dos museus, entendendo-se que o “Museu é plural”, podendo encontrar a base para o estudo e análise da essência do Museu, de sua “relação muito especial com a realidade (passado, presente e devir), com o tempo (duração), com a “memória” (processo e com o homem (como produtor de sentidos)” (SCHEINER,1998, p. 134).

Para os autores referidos que representam um pensar coletivo a Área do Conhecimento da Museologia está dimensionada como disciplina científica e ramifica-

se em duas vertentes no que se refere ao seu objeto de estudo: a primeira, O Museu; a segunda, Homem-Realidade.

Na Quadro 5, em síntese, é possível visualizar o pensamento expressado em cada acepção.

Quadro 5 – OBJETO DE ESTUDO DA MUSEOLOGIA

<i>CAMPO DA MUSEOLOGIA</i>	<i>OBJETO DE ESTUDO</i>	<i>PROCESSOS</i>
Disciplinar (SCHREINER)	MUSEU	Aquisição; Conservação; Investigação (prática do cotidiano – fragmentos do Passado do Homem); e, Exposição.
Disciplinar (STRÁNSKÝ)	HOMEM- REALIDADE	Cronológico tridimensional da realidade – ou “continuidade da realidade” ou ainda “o sentido histórico”; Estruturação e diferenciação da realidade; aspecto institucionalizado, no qual aparece a noção de museu.

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o explicitado, pode-se considerar que a Área da Museologia, por seus profissionais, na esfera do ICOFOM, está a caminho de definições sobre seu Objeto. Conforme a literatura específica, a clareza quanto ao Objeto, os Princípios e às Leis são elementos fundamentais para a delimitação do Campo, o fortalecimento da autonomia e a legitimidade perante os enfrentamentos nos embates científicos (BOURDIEU, 1986).

4.3. Por uma abordagem específica da Museologia

Formalizando os estudos sobre o Quadro conceitual da Área do Conhecimento da Museologia, outro locutor do campo, Peter Van Mensch ³⁰, em 1992, investigou a definição de uma “metodologia da Museologia” ³¹ no contexto da sua tese de doutorado. Mensch justifica seu trabalho citando o colega L. Teather ³² (1983), quando esta autora enfatiza a necessidade se fazer

Um questionário geral sobre a área por meio de técnicas de busca bibliográficas na biblioteca, e a localização de pesquisa anterior sobre o tópico definido em origens fora da biblioteca, como arquivos, cartas, diários, investigações não publicadas, etc. Métodos investigativos para pesquisa na área precisam ser desenvolvidos. Apenas após o final deste trabalho, as condições necessárias seriam atendidas para

³⁰ Estudioso do campo da Museologia e professor de Patrimônio Cultural na Amsterdam School of Arts.

³¹ Peter van Mensch. *Towards a methodology of museology*” (PhD thesis, University of Zagreb, 1992)

³² Estudioso do campo da Museologia - L. Teather, (1983) 'Some brief notes on the methodological problems of museological research', in: V. Sofka ed., *Methodology of museology and professional training*. ICOFOM Study Series 5 (Stockholm) (1-9).

se conduzir a pesquisa básica, que consiste em uma investigação original realizada para se adquirir um novo conhecimento científico (TEATHER apud MENSCH, 1992, p. 2, tradução nossa).³³

Mensch define como questões da sua pesquisa, os seguintes pontos a serem esclarecidos, pensando a Museologia como ciência:

Quais são as características da Museologia como uma ciência; quais fatores determinam o número e a natureza das variantes teóricas; que fatores e considerações determinam quais variantes intelectuais ganham aceitação, para se estabelecerem no corpo das ideias (MENSCH, 1992, p. 3, tradução nossa).³⁴

O referido autor observa ainda outra rota — e supostamente mais avançada — que começa a partir da ideia da possibilidade de uma abordagem específica museológica

Mensch (1992, p.1-2, tradução nossa) relata que a fase transitória do desenvolvimento da Museologia é refletida por significativa “confusão terminológica”³⁵, já que por vezes, o termo Museologia está limitado à “abordagem teórica”. Ele exemplifica que no âmbito do ICOFOM lida com a “teoria do trabalho do museu”. Da mesma forma, na *Reinwardt Academie*, onde atuou como docente por longa data, (Amsterdã, Holanda), os cursos de teoria do “trabalho do museu” são indicados como ‘Museologia’, enquanto os cursos na Área de trabalho de prática em museu são distinguidos por especialidade, “como conservação, registro etc”.³⁶ Noutros casos, porém, o termo Museologia pode ser encontrado indicando a prática.

Como se depreende, o termo Museologia vem sendo utilizado em diferentes condições e ocasiões, seja descrevendo um campo definido de atividade, quanto a totalidade do conhecimento sobre esse campo de atividade, ou ainda, os dois modos de interpretação simultaneamente.

Mensch (1992) acredita na possibilidade de uma abordagem específica museológica e propõe uma metodologia integrada, baseada em três pontos:

³³ For these reasons Teather emphasizes the need of preliminary research, i.e. a general survey of the field by means of library bibliographic search techniques, and the location of previous research in the identified topic in no-library sources, like archives, letters, diaries, unpublished investigations, etc. Investigative tools for research in the field have to be developed. Only after this work has been done have the necessary conditions been fulfilled to conduct basic research, which consists of original investigation undertaken to acquire new scientific knowledge (TEATHER 1983).

³⁴ What are the characteristics of museology as a science; what factors determine the number and nature of theoretical variants; what factors and considerations determine which intellectual variants win acceptance, to become established in the body of ideas.

³⁵ The transitory phase of development is reflected by a big terminological confusion.

³⁶ the courses in the theory of museum are indicated as 'museology', while the courses in the field of practical museum work are distinguished by specialism, like conservation, registration, etc.

(1) Campo de ação. Há uma relação especial da espécie humana com o seu ambiente físico. Em conexão com os objetos o termo 'contexto museológico' é utilizado, sendo o contexto particular conceitual e material no qual esses objetos adquirem significado especial, com base no valor cultural ao invés do econômico. (2) Forma de ação. O contexto museológico se materializa em uma forma institucional, tendo o museu como um exemplo típico. (3) Padrão de ação. A relação especial se manifesta em uma série de atividades características, as quais formam os componentes dos institutos museológicos (MENSCH, 1992, p. 12, tradução e grifo nossos).³⁷

O referido autor afirma que o pensamento metodológico orientado a objetos possui longa tradição na Área, especialmente quando se trata da conservação, pois esta metodologia pode ser baseada no pressuposto que “há apenas uma única metodologia a qual une todos os praticantes da conservação”, escreve Feilden (1979: p. 21). Nesse aspecto tal metodologia deveria ser baseada no pressuposto de que “a conservação é primariamente um processo que leva ao prolongamento da vida da propriedade cultural para sua utilização agora e no futuro” (MENSCH, 1992, p.12, tradução nossa).³⁸

Mensch também observa a existência de uma lacuna conceitual e técnica entre os envolvidos, seja com os problemas da conservação, seja com as questões da Museologia E complementa destacando a falta de uma “abordagem museológica consistente para a conservação dos objetos museológicos”.³⁹

Propõe que para implementação dessa abordagem será necessária a “combinação de antropologia e sociologia (Antropologia Social)”, que estuda o papel da preservação e comunicação em uma determinada comunidade, bem como da “combinação de psicologia e sociologia (psicologia social)”, enquanto a relação pode ser estudada entre a “comunidade e o papel social da preservação e comunicação”, como por exemplo, na “socialização dos processos”. Por fim, a “combinação da ciência cultural e sociologia (sociologia cultural)” centra-se na “institucionalização de

³⁷ Field of action. There is a special relation of mankind to its physical environment. In connection with objects the term museological context is used, being the particular conceptual and material context in which those objects acquire a special meaning, based on cultural rather than economic value. Form of action. The museological context materialises in an institutional form, with the museum as typical example. Pattern of action. The special relationship manifests itself in a characteristic set of activities which form the components of the museological institutes.

³⁸ Object-oriented methodological thinking has a long tradition especially in the field of conservation. 'There is only one methodology which unites all practitioners of conservation', writes Feilden (1979: 21). In his opinion this methodology should be based on the assumption that 'conservation is primarily a process leading to the prolongation of the life of cultural property for its utilization now and in the future'.

³⁹ The lack of a consistent museological approach in which the information value of objects is respected and which is clearly distinct from other, subject-matter, approaches, is one of the main reasons of a weak profile of museology as a discipline and as a profession.

processos no contexto de ideologias existentes” (MENSCH, 1992, p. 42, tradução nossa).⁴⁰

Assim, Mensch observa que o “campo museológico é complexo” e que falta uma “metodologia sociologicamente aceitável”, tanto no nível da pesquisa como da prática (1992, p. 44, tradução nossa).⁴¹

A Museologia deve se fortalecer, no entender de Mensch, abrangendo um quadro teórico em que a haja interação de métodos diferentes para interpretação e compreensão dos problemas e de situações características do campo (1992, p.44, tradução nossa).⁴²

⁴⁰ By combining psychology and sociology (social psychology) the relation can be studied between the individual member of a community and the social role of preservation and communication, for example socialisation processes. Finally, the combination of cultural science and sociology (cultural sociology) focuses on institutionalization processes in the context of prevailing ideologies.

⁴¹ The complexity of the museological field and the lack of a generally accepted sociological methodology gave rise to a wide spread pragmatism as to the level of research practice.

⁴² Museology must provide abroad, encompassing theoretical frame-work in which the interaction of all those different methods is interpreted and understood in explanation of problems and situations characteristic to the museological field.

CAPÍTULO 5
MUSEOLOGIA – PRODUTIVIDADE DE
LOCUTORES NOS ARTIGOS CAPES E
COMUNICAÇÕES ORAIS ENANCIB:
INTERPRETAÇÃO QUANTITATIVA

5. MUSEOLOGIA – PRODUTIVIDADE DE LOCUTORES NOS ARTIGOS CAPES E COMUNICAÇÕES ORAIS ENANCIB: INTERPRETAÇÃO QUANTITATIVA

Esta parte da tese reflete a abordagem para identificação do perfil científico da Área do Conhecimento da Museologia, por meio do estudo da sua produção, no contexto da Comunicação Científica, como a seguir se apresenta.

O universo da pesquisa sob a perspectiva qualitativa e quantitativa atendeu aos procedimentos descritos na Metodologia. Procurou-se relacionar à questão da investigação do caráter de produtividade da Área que, com base no apoio teórico aplicado à pesquisa, permite ser representada pelos três indicadores já mencionados e explicitados, isto é: a) Avaliados por pares (Artigos CAPES e Comunicação ENANCIB); b) Artigos publicados em periódicos CAPES (Artigo CAPES); e c) Resultado de Pesquisa (Artigos CAPES e Comunicação ENANCIB).

Desse modo, realizou-se a leitura analítico-interpretativa dos Artigos CAPES, 1997-2015 e das Comunicações denominadas “trabalhos completos”, publicados nos Anais das edições do ENANCIB VIII e do X ao XVI, 2007, 2009-2015. A seleção baseou-se nos Assunto/indexadores: Museologia; *Museology* e *Museum Studies* para o artigo CAPES, e Museologia e Museológico/a para a Comunicação ENANCIB.

Determinou-se neste capítulo 6 dar ênfase ao olhar quantitativo que se completa com a relação da leitura qualitativa que será apresentada no capítulo 7. “Museologia – Produtividade de Locutores nos Artigos CAPES e Comunicações Oraís ENANCIB: Interpretação Qualitativa”.

5.1. Comunicação Científica - Artigos CAPES.

A produção da Área da Museologia, objeto de estudo desta pesquisa, inicialmente se apresenta por meio da Comunicação Científica, publicada nos periódicos científicos (publicações consideradas como um conjunto de fontes especializadas) e disseminada pelo Portal de Periódicos CAPES. O processo analítico obedeceu aos seguintes passos:

5.1.1 Seleção do Material Empírico

Esclarece-se que os dados da pesquisa foram captados no sítio da CAPES, período junho/dezembro de 2015, publicados nos Periódicos Científicos, base de dados do Portal de Periódicos CAPES, período de 1997-2015. A busca foi realizada

considerando as seguintes etapas: 1) refinados por Indexador/Termo -- Assunto: Museologia (idioma Português); Museología (idioma Espanhol e Italiano); *Museum Studies* (idioma Inglês – praticado no Estados Unidos); *Museology* (idioma Inglês – praticado na Inglaterra e Estados Unidos) ⁴³, descritos no título da produção e/ou palavra-chave, cujo resultado se expressa no Quadro 6 -- Artigos por Assunto; 2) Revisados por Pares, Refinados por Tópico; e 3) Periódicos QUALIS: Distribuição.

Em números absolutos foram encontrados na busca por Indexador/Termo – Assunto, etapa 1, o total geral de 19.561 artigos. Destes, estão em Periódicos Revisados por Pares, etapa 2, 16.171 artigos, 173 artigos quando foram refinados por “Tópico” (termo de busca disponível no Portal), Título e/ou Palavra-Chave. Após a verificação dos 173 Artigos refinados, a pesquisa encontrou 32 Artigos publicados em Periódicos classificados com conceito QUALIS, etapa 3. Os 32 Artigos foram analisados com vistas à identificação da modalidade nomeada Resultado de Pesquisa (RP), totalizando 22 Artigos, etapa 4.

Explica-se que a procura do Artigo Qualis ocasionou a identificação das áreas de conhecimento às quais os periódicos estão vinculados, tornando possível a realização do mapeamento da relação entre a Museologia e outras áreas do conhecimento, discutido na seção 6.1.2 “A Museologia e a relação com outras Áreas de Conhecimento” e apresentado no Quadro 7 – “Periódicos por Área de Conhecimento dos Artigos Capes que se Relacionam à Museologia”.

Constam do Quadro 6 Artigos por Assunto, Revisados Por Pares, Refinados por Tópico e Periódicos. A distribuição pelo Indexador/Termo -- Assunto *Museum Studies*, praticado nos Estados Unidos e Inglaterra, é o indicador que alcança maior número de ocorrências: total por Termo: 18.003, refinado por Avaliação por Pares, 16.17, ocupando o primeiro nível. Assim, após a busca por Tópico: Título e/ou Palavra-Chave obteve-se 52 ocorrências. Quando se tratou de classificação do Qualis e da Modalidade Resultado de Pesquisa *Museum Studies* alcançou-se a terceira posição com quatro artigos.

O Indexador/Termo - Assunto *Museology*, praticado na Inglaterra e nos Estados Unidos, está na quarta posição no total por Termo, 440 ocorrências, mas ocupa o segundo nível na apuração de Avaliação por pares, 354 ocorrências e, em primeiro no Qualis e Modalidade Resultado de Pesquisa, 80 e 21 ocorrências, respectivamente. O que remete à conclusão que o Indexador/Termo - Assunto

⁴³ A informação sobre o idioma praticado dos termos nos países mencionados advém do Dicionário de Museologia de Desvallées e Mairesse conforme mencionado anteriormente.

Museology é o que representa quantitativamente a produtividade da Área da Museologia.

O Indexador/Termo - Assunto Museologia, praticado no Brasil, bem como *Museología* em toda a América Latina, Espanha e Itália, ocupa a terceira posição, 559 ocorrências cada um; e em relação à Avaliação por pares encontram-se empatados na terceira posição, com 75 ocorrências cada.

Quando se trata da apuração do Qualis, o Indexador/Termo – Assunto Museologia é o que alcança a maior ocorrência: sete, ocupando a terceira posição. Diferentemente do Indexador/Termo – Assunto *Museología* que não obteve ocorrência.

Verifica-se, ainda no Quadro 6, que dos sete artigos referentes ao Indexador/Termo – Assunto Museologia, classificados pelo Qualis, seis são da Modalidade Resultado de Pesquisa.

Ressalta-se que os 22 Artigos CAPES, classificados na Modalidade Resultado de Pesquisa, expressam o universo pesquisado para análise com vistas a identificar o perfil científico da Área do Conhecimento da Museologia.

Quadro 6: ARTIGOS POR ASSUNTO, REVISADOS POR PARES, REFINADOS POR TÓPICO E PERIÓDICOS : DISTRIBUIÇÃO

TERMO DE INDEXAÇÃO ASSUNTO				Artigo em Periódico Qualis	Resultado de Pesquisa
Refinado por Termo/Assunto	Total por Termo	Total Refinado Avaliação por pares	Total Refinado por Tópico (Título; Palavra-Chave)		
MUSEOLOGY	440	354	80	21	12
MUSEUM STUDIES	18.003	16.171	52	4	4
MUSEOLOGÍA	559	75	28	0	0
MUSEOLOGIA	559	75	13	7	6
TOTAL GERAL	19.561	16.675	173	32	22

Fonte: Elaboração própria

5.1.2 A Museologia e a relação com outras Áreas de Conhecimento

A relação da Museologia com outras Áreas do Conhecimento se deu especialmente pela análise da incidência do Qualis no qual o periódico foi classificado por sua Área de avaliação na CAPES, ou seja, um artigo pode possuir extrato em mais de uma Área, conforme exemplo constante do Quadro 8 – “Periódicos: Classificação com “Extrato” Qualis.”

Para elucidar com ampla perspectiva como se deu a caminhada analítica para identificar as relações, apresenta-se no Quadro 7 – “Periódicos por Área de Conhecimento dos Artigos Capes que se Relacionam à Museologia”⁴⁴ o quantitativo de 32 Artigos Qualis, distribuídos em 23 periódicos, representados pelos Indexadores/Termos – Assuntos: *Museology*; *Museum Studies*; *Museologia* e *Museología*, e que estão relacionados a 36 Áreas do Conhecimento (ocorrência), a saber: Administração, Ciências Contábeis e Turismo (12); Antropologia / Arqueologia (2); Arquitetura e Urbanismo (1); Artes / Música (5); Astronomia / Física (1); Biodiversidade (2); Ciência da Computação (5); Ciência de Alimentos (2); Ciência Política e Relações Internacionais (3); Ciências Sociais Aplicadas (23); Ciências Agrárias I (4); Ciências Ambientais (1); Ciências Biológicas I (9); Direito (1); Educação (19); Educação Física (2); Enfermagem (1); Engenharias (4); Ensino (6); Farmácia (2); Geografia (1); História (9); Interdisciplinar (18); Letras/Linguística (1); Matemática/ Probabilidade e Estatística (1); Materiais (1); Medicina (6); Medicina Veterinária (1); Nutrição (2); Odontologia (1); Planejamento Urbano e Regional/Demografia (2); Psicologia (4); Saúde Coletiva (5); Serviço Social (2) e Sociologia (4).

É possível verificar que a Comunicação Científica da Museologia está em maior incidência nas Ciências Sociais Aplicadas I, com 23 ocorrências. A partir de tal configuração pode-se dizer que a Museologia confirma sua inserção na Área do Conhecimento à qual se vincula na CAPES.

As Áreas de Educação (19), Interdisciplinar (18), Administração, Ciências Contábeis e Turismo (12) se relacionam com a Museologia.

Destaca-se a incidência das Áreas de Educação e a Interdisciplinar, o que reafirma características do campo museológico ligadas à ação educativa desenvolvida nos Museus, assim como a presença de disciplinas de diversas Áreas, atuando em conjunto, que se pode verificar no Quadro 7 – “Periódicos por Área de Conhecimento dos Artigos CAPES que se Relacionam à Museologia”.

⁴⁴ Explica-se que a seleção da Área de vinculação do periódico exposta no Quadro 7, deu-se pela maior classificação que o referido periódico recebeu da Área de Avaliação da CAPES.

Constata-se ainda a presença da Área da Museologia no cenário produtivo da Pós-Graduação *stricto sensu*, sua relação com diversas Áreas de Conhecimento que representam quer os tipos de instituições museológicas ou abordagens disciplinares aplicadas aos Museus.

Ao longo do processo de análise dos pontos básicos apresentados: -- 6.1.1 Seleção do Material Empírico -- 6.1.2 A Museologia com outras Áreas do Conhecimento, deve-se ressaltar que nas quatro etapas de busca por sistema de indexação de termos especializados, isto é: 1. Busca por Assunto. 2. Periódicos revisados por pares, 3. Refinado por tópico; 4. Periódicos Qualis; constatou-se que o periódico Revista Museologia e Patrimônio do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, está ausente, ou seja, não são recuperados os Artigos integrantes da publicação.

A situação de ausência pode ser constatada no Quadro 7 –“Periódicos por Área de Conhecimento dos Artigos CAPES que se relacionam à Museologia”.

Quadro 7 – PERIÓDICOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO DOS ARTIGOS CAPES QUE SE RELACIONAM À MUSEOLOGIA

PERIÓDICO	ÁREA DE CONHECIMENTO MAIOR CONCEITO QUALIS	QUALIS (Conceito)	OUTRA ÁREA ⁴⁵
AMERICAN ANTHROPOLOGIST	HISTÓRIA	C	1
ANNUAL REVIEW OF ANTHROPOLOGY	INTERDISCIPLINAR	A2	1
ANTIQUITY	HISTÓRIA	A2	1
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I	B1	5
CUADERNOS DE MÚSICA, ARTES VISUALES Y ARTES ESCÉNICAS	ARTES / MÚSICA	A2	1
CULTURAL STUDIES OF SCIENCE EDUCATION	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B2	1
EVOLUTION: EDUCATION & OUTREACH	PSICOLOGIA	B2	1
FRONTIERS IN PSYCHOLOGY	BIODIVERSIDADE	B2	1
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	A2	3
HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE-MANGUINHOS	ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B1	3
HISTORY AND ANTHROPOLOGY	HISTÓRIA	B1	1
HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS	ANTROPOLOGIA/ ARQUEOLOGIA	A1	2
MEDICAL HISTORY	HISTÓRIA	B1	1
MICROSCOPY RESEARCH AND TECHNIQUE	ASTRONOMIA / FÍSICA	B3	1
PASOS: REVISTA DE TURISMO Y PATRIMONIO CULTURAL	ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B2	1

⁴⁵ Quantitativo de Área à qual o periódico recebeu classificação Qualis.

PERIÓDICO	ÁREA DE CONHECIMENTO MAIOR CONCEITO QUALIS	QUALIS (Conceito)	OUTRA ÁREA ⁴⁶
PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	EDUCAÇÃO	B1	4
REVISTA ACB	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I	B2	2
REVISTA DIGITAL DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B3	4
SEMIOTICA	ARQUITETURA E URBANISMO	B3	1
STUDIES IN CONSERVATION	ARTES E MÚSICA	A1	1
TECHNOETIC ARTS	ARTES / MÚSICA	B2	1
TRANSINFORMAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B1	4
TRIPLEC	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I	B2	1

Fonte: Elaboração própria

⁴⁶ Quantitativo de Área na qual o periódico recebeu classificação Qualis.

De acordo com o que se mencionou no início deste capítulo, tem-se a relação elencada no quadro 8 a seguir:

Quadro 8 – PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS EM MUSEOLOGIA: CLASSIFICAÇÃO COM “EXTRATO” QUALIS (Exemplos) ⁴⁷

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação QUALIS (Conceito)
1984-3917	Museologia e Patrimônio	Antropologia / Arqueologia	B2
1984-3917	Museologia e Patrimônio	Artes / Música	B1
1984-3917	Museologia e Patrimônio	Ciências Biológicas I	B5
1984-3917	Museologia e Patrimônio	Ciências Sociais Aplicadas	B2
1984-3917	Museologia e Patrimônio	Educação	B5
1984-3917	Museologia e Patrimônio	Interdisciplinar	B2

Fonte: Plataforma Sucupira – Sistema WebQualis, Classificação em 2014.

5.1.3 Classificação do Artigo CAPES por Indexador/Termo – Assunto

Determinou-se no contexto da análise apresentar a classificação do Artigo CAPES selecionado por Indexador/Termo – Assunto, na seguinte ordem: *Museologia e Museologia*; *Museum Studies* e *Museology*. Assim, é possível constatar a presença dos termos utilizados pelos autores, o mesmo que locutores, e nesta tese, agentes da Área da Museologia.

Indexador/Termo - Assunto: Museologia e Museologia

No Quadro 9 – “Classificação dos Artigos por Instituição e País do Autor, Modalidade do Artigo e Palavras-Chave – Indexador/Termo - Assunto: Museologia e *Museologia*”, está exposto o quantitativo de sete Títulos dos Artigos indexados por meio dos Indexadores/Termos - Assuntos Museologia e Museologia, por Instituição e País de origem dos Autores, Modalidade do Artigo e Palavra-Chave.

Observa-se que dos sete artigos, seis estão vinculados a instituições universitárias e um a Museu, considerado Instituto de Pesquisa, o MAST, parceiro da UNIRIO no PPG-PMUS. Na Comunicação Científica do MAST também se verifica a presença do Ministério da Educação Português.

⁴⁷ Consulta Periódicos CAPES, em 18 mai 2016.

Dos sete artigos listados, constatou-se a Modalidade Artigo CAPES, ítem relevante nesta tese para identificar a Comunicação Científica ⁴⁸, sendo quatro Resultados de Pesquisa, dois Nota de Pesquisa e um Relato de Experiência.

Ressalta-se que para compor o quadro analítico e com vistas a responder a questão formulada na tese foram selecionados seis artigos, incluindo os nomeados Nota de Pesquisa. Descartou-se o artigo referente ao Relato de Experiência ⁴⁹.

⁴⁸ Relembrando a Comunicação Científica é da disseminação dos Resultados da Pesquisa desenvolvida pelo Pesquisador por meio de Artigo Científico, nesta tese representada pelo Artigo CAPES.

⁴⁹ O Artigo referente à Relato de Experiência não foi selecionado por se tratar de experiência em criação de Curso de Museologia. E, nesta tese, definiu-se que o universo da pesquisa são os Artigos referentes à modalidade Resultado de Pesquisa.

**Quadro 9 – CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS POR INSTITUIÇÃO E PAÍS DO
AUTOR, MODALIDADE DO ARTIGO E PALAVRAS-CHAVE –
INDEXADOR/TERMO - ASSUNTO: MUSEOLOGIA E MUSEOLOGIA**

ARTIGO		Qualificação do Autor		MODALIDADE	PALAVRA-CHAVE
		INST	PAIS		
1	O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG: Concepção e projeto pedagógico	UFMG	BR	Outro - Relato de Experiência	Museologia – ensino; Ciência de Informação – Curso de graduação; Escola de Ciência da Informação da UFMG
2	Mudança de paradigma e sua ruptura: um estudo de caso na Museologia e a pluralidade paradigmática da Ciência da Informação	UFPE	BR	Resultado de Pesquisa Artigo de Revisão	Informação Mudança de paradigma Museologia
3	O ato colecionador: perspectivas contemporâneas.	UFMG	BR	Resultado de Pesquisa Projeto: Aproximações e diálogos possíveis entre a Ciência da Informação e as áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia	Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Colecionismo
4	Inventário e digitalização do patrimônio museológico da educação: um projeto de preservação e valorização do patrimônio educativo	MAST/ME	BR	1.Resultado de Pesquisa Projeto: título do Artigo	Patrimônio educativo; inventário; museologia; Cultura escolar

ARTIGO		Qualificação do Autor		MODALIDADE	PALAVRA-CHAVE
		INST	PAIS		
5	Reflexões sobre a arte "primitiva": o caso do <i>Musée Branly</i>	UNICAMP	BR	Resultado de Pesquisa – Doutorado em Antropologia Social – UNICAMP	Antropologia da arte, arte "primitiva", <i>Musée Branly</i> , Museologia.
6	Possíveis indícios da biblioteca escolar na rede pública do estado de Santa Catarina: estudo de um acervo bibliográfico museológico	UDESC	BR	Outro - Nota de pesquisa Projeto: Título do Artigo	Biblioteca Escolar Santa Catarina; História do livro; História da educação.
7	Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus	USP	BR	Outro - Nota de Pesquisa Projeto: Título	Teorias da Comunicação; Teorias da recepção; Pensamento comunicacional; Comunicação museológica; Avaliação museológica.

Fonte: Elaboração própria

As palavras-chave integrantes do Quadro 9 refletem a transcrição semântica contida no Artigo CAPES. Entretanto, a categorização das palavras cujo resultado representa os Subtemas deste estudo foi determinada pela ferramenta “Nuvem da Palavras”, apresentada na figura 1 que destaca graficamente o número de repetição da palavra no texto, com relação à frequência numérica mais alta, relativa à escala de repetição. Neste caso, o critério adotado foi a presença de mais de quatro repetições.

A palavra Museologia é a mais citada, seguida de Museológica, Ciência, Informação, História, Comunicação, Teorias e Escolar que constituíram os Subtemas, conforme Quadro 10 – “Categorização dos Artigos por Temas e Subtemas -- Assunto: Museologia/*Museología*”, representada na figura 1.

Figura 1 – SUBTEMAS – INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO: MUSEOLOGIA MUSEOLOGÍA (NUVEM DE PALAVRAS)



Fonte: Elaboração com uso da Ferramenta Nuvem de Palavras

Apresentam-se no Quadro 10 – “Categorização dos Artigos por Temas e Subtemas -- Assunto: Museologia/*Museología*” e no Quadro 11 – “Artigo Capes: Temas e Subtemas –Indexador/Termo - Assunto: Museologia/*Museología*: Resumo da Categorização”, os resultado da Análise de Conteúdo do Artigo CAPES sobre o Indexador/Termo - Assunto Museologia/*Museología* contidas no Quadro 9 – “Classificação dos Artigos por Instituição e País do Autor, Modalidade do Artigo e Palavras-Chave – Indexdor/Termo - Assunto: Museologia e *Museología*.”, com a identificação e classificação dos Temas tratados, ou seja: Princípio, Objeto de Estudo e Metodologia, temas de aplicação da pesquisa na tese já explicitados. Os Subtemas são as Palavras-Chaves descritas semanticamente e apresentadas na Figura 1.

Quadro 10 – CATEGORIZAÇÃO DOS ARTIGOS POR TEMAS E SUBTEMAS - ASSUNTO: MUSEOLOGIA/MUSEOLOGÍA

	TÍTULO DO ARTIGO	TEMA	SUBTEMA PALAVRAS-CHAVES
1.	Mudança de paradigma e sua ruptura: [...].	Princípio	Informação; Museologia
2.	O ato colecionador: perspectivas contemporâneas: [...].	Princípio Objeto de Estudo	Museologia, Colecionismo
3.	Inventário e digitalização do patrimônio museológico da educação: [...]	Objeto de Estudo	Patrimônio educativo
4.	Reflexões sobre a arte "primitiva": o caso do <i>Musée Branly</i> : [...]	Objeto de Estudo	Arte "primitiva", Museologia.
5.	Possíveis indícios da biblioteca escolar na rede pública do estado de Santa Catarina: [...].	Objeto de Estudo	Biblioteca Escolar Santa Catarina; História da educação.
6.	Comunicação e pesquisa de recepção: teórico-metodológica para os museus: [...]	Metodologia	Comunicação museológica; Avaliação museológica.

Fonte: Elaboração própria

Quadro 11 -- ARTIGO CAPES: TEMAS E SUBTEMAS – INDEXADOR/TERMO - ASSUNTO: MUSEOLOGIA/MUSEOLOGÍA: RESUMO DA CATEGORIZAÇÃO

TEMA	SUBTEMA
Princípio	Informação; Museologia; Colecionismo.
Objeto de Estudo	Colecionismo; Arte "primitiva"; Biblioteca Escolar; História.
Metodologia	Comunicação Museológica.

Fonte: Elaboração própria

Os subtemas serão objeto de análise no capítulo 7. "Museologia – Produtividade de Locutores nos Artigos Capes e Comunicações Orais Enancib: Interpretação Qualitativa" com vistas a encaminhar o processo de reflexão que conduza à resposta à questão proposta nesta tese.

Indexador/Termo - Assunto: Museum Studies

A pesquisa obteve como resultado quatro artigos para o Assunto *Museum Studies*. Quadro 12 – “ Indexador/Termo - Assunto: *Museum Studies* -- Qualificação - Artigo Capes: Instituição e País de Origem do Autor; Modalidade; Palavras-Chave” cujo termo é praticado em países de origem latina e anglo saxônica, oriundos de Instituições Museológicas (Museus).

Todos os artigos tratam da temática Objeto de Estudo, podendo confirmar a tradução do termo em português e no seu sentido genérico, Estudos de Museus, conforme Quadro 13 — “Indexador/Termo -- Assunto *Museum Studies* - Temas e Subtemas Artigo Capes: Distribuição”.

Quadro 13 – INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO MUSEUM STUDIES
TEMAS E SUBTEMAS – ARTIGO CAPES: DISTRIBUIÇÃO

Nº	TÍTULO	AUTOR		PALAVRA-CHAVE ⁵⁰
		INSTITUIÇÃO	PAÍS	
1	Aceitando e entendendo a evolução na Itália: um estudo de caso a partir de um grupo selecionado que participava da celebração do Dia de Darwin. ⁵¹	Museo Nazionale Preistorico Etnografico "Luigi Pigorini" - Itália	ITA	Evolução; Compreensão pública sobre ciência; Aceitação da teoria da evolução; Dia de Darwin; Estudos de museu. ⁵²
2	Os Prazeres e as Adversidades de se Ensinar Evolução Humana em um Museu. ⁵³	American Museum of Natural History – Estados Unidos	EUA	Antropologia; Evolução humana; Estudos de museu; Aprendizagem informal; Dioramas. ⁵⁴
3	Entre a Regionalização e a Centralização: a Criação do Museu Léopold II em Elisabethville (Museu Nacional de Lubumbashi), Bélgica Congo (1931-1961). ⁵⁵	Royal Museum for Central Africa - Bélgica	BEL	África Central; Congo (DRC); Ciências coloniais; Estudos de museu; Cultura material. ⁵⁶
4	Cientistas intervindo em um território do Senhor. ⁵⁷	University of Kentucky – Estados Unidos	EUA	Ciência e religião; Ciência como cultura; Etnografia da ciência; Criacionismo; Estudos de museu; Educação em ciências; Política de educação em ciências. ⁵⁸

Fonte: Elaboração própria

⁵⁰ Tradução nossa.

⁵¹ Accepting and understanding evolution in Italy: a case study from a selected public attending a Darwin Day celebration.

⁵² Original em Inglês: Evolution; public understanding of science; Acceptance of the theory of evolution; Darwin Day; museum studies.

⁵³ The Pleasures and Pitfalls of Teaching Human Evolution in the **Museum**.

⁵⁴ Original em Inglês: Anthropology; Human evolution; museum studies; informal learning; dioramas.

⁵⁵ Between regionalization and centralization: The creation of the musée Léopold II in Elisabethville (Musée national de Lubumbashi), Belgian Congo (1931-1961)

⁵⁶ Original em Inglês: Central Africa; Congo (DRC); colonial sciences; museum studies; material culture.

⁵⁷ Scientists at Play in a Field of the Lord.

⁵⁸ Original em Inglês: Science and religion; Science and culture; Ethnography of science; creationism; museum studies; Science education; education policy in science.

Os Subtemas, a seguir apresentados, foram obtidos pela ferramenta “Nuvem de Palavras”. Estão reunidos na Figura 2, indicando que os subtemas para o Indexador/Termo – Assunto *Museum Studies* são: Estudos de Museu; Ciência; Evolução, Educação e Cultura, estão resumidos e expostos no Quadro 14 – “Indexador/Termo: Assunto *Museum Studies* Temas e Subtemas – Resumo”.

Figura 2 – SUBTEMAS – ARTIGO CAPES
INDEXADOR/TERMO - ASSUNTO: *MUSEUM STUDIES*



Fonte: Elaboração com uso da ferramenta Nuvem de Palavras

Quadro 14 – INDEXADOR/TERMO - ASSUNTO *MUSEUM STUDIES*
TEMAS E SUBTEMAS – RESUMO

TEMA	SUBTEMAS
Objeto de Estudo	Estudos de Museu. Evolução. Educação. Ciência. Cultura.

Fonte: Elaboração própria

Indexador/Termo - Assunto: *Museology*

A pesquisa obteve como resultado 21 artigos para o Indexador/Termo-Assunto: *Museology*. Cabe lembrar que este Termo, conforme literatura especializada, é praticado nos Estados Unidos e Inglaterra, mas como se verifica no Quadro 15 – “Classificação de Artigos por Instituição e Origem do Autor e Modalidade – Assunto: *Museology*”, também é utilizado em países de origem latina e anglo saxônica. Dos 21 artigos, 11 são produções do Brasil e oriundos de instituições universitárias. Apesar dos artigos brasileiros serem Indexados de acordo com o Assunto *Museology*, foram disseminados no idioma Português. Acrescenta-se também que a pesquisa encontrou um Artigo CAPES no idioma Francês.

A Museologia está representada por meio do Artigo CAPES em três continentes: Americano: Brasil (11 artigos) e Estados Unidos (1); Europeu: Grécia (1), Espanha (2), Grã-Bretanha (2), França (1) e Itália (1); e Asiático : Israel (1) e Japão (1).

Ainda no Quadro 15 – “Indexador/Termo: Assunto *Museology* Classificação de Artigos por Instituição e Origem do Autor; e Modalidade”, há 12 Artigos que estão categorizados na Modalidade Resultado de Pesquisa, terceiro indicador de Produtividade para qualificação e seleção do universo da pesquisa.

**Quadro 15 – INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO MUSEOLOGY
CLASSIFICAÇÃO DE ARTIGOS POR INSTITUIÇÃO E ORIGEM DO AUTOR;
E MODALIDADE**

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	INSTITUIÇÃO	PAÍS	MODALIDADE
1.	A museology display: Questioning and Answering. O processo de exibição: experiência de museologia é apresentado.	Hechal Shlomo, Centro de Patrimônio Judaico – Israel	ISR	Resultado de Pesquisa
2.	Anthropology in and of the Archives: Possible Futures and Contingent Pasts. Archives as Anthropological Surrogates Antropologia nos e dos Arquivos: Futuros Possíveis e Passados Contingentes. Arquivos como Substitutos Antropológicos.	Instituto de Antropologia Social e Cultural, Escola de Antropologia e Etnografia de Museu, Universidade de Oxford – Grã-Gretanha	GBR	Resultado de Pesquisa
3.	A museologia no mundo contemporâneo.	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – Brasil	BRA	Artigo de Revisão
4.	A Museologia na web: Sistema de informação sobre patrimônio cultural na era digital.	Graduação em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e dos Mestrados em História (PROHIS-UFS e PPGHUFAL)	BRA	Resultado de Pesquisa
5.	From the musas to the giant squid. Das musas à lula gigante.	Universidade de Bologna – Itália	ITA	Resultado de Pesquisa
6.	Cenografia no teatro e nos espaços expositivos: Uma abordagem além da representação.	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Brasil	BRA	Outro – Ensaio
7.	Mudança de paradigma e sua ruptura: um estudo de caso na Museologia e a pluralidade paradigmática da Ciência da Informação.	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Brasil	BRA	Artigo de Revisão

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	INSTITUIÇÃO	PAÍS	MODALIDADE
8.	Museology as a disciplinary field: Pathways Muséologie comme champ disciplinaire: Trajectories Museologia como campo disciplinar: Trajetórias Museología como un campo disciplinar: Trayectorias.	Ministério da Cultura da França	FRA	Artigo de Revisão
9.	A socio-semiotic framework for the analysis of exhibits in a science museum. Um enquadramento sócio semiótico para a análise das exposições em um museu científico.	Universidade do Peloponeso - Grécia	GRE	Resultado de Pesquisa
10.	Weight lifting can facilitate appreciative comprehension for museum exhibits. Levantamento de peso pode facilitar a compreensão apreciativa para exposições em museu.	Universidade de Kyushu – Japão	JPN	Resultado de Pesquisa
11.	Science and technology cultural heritage preservation: A Portugal-Brazil partnership between the national natural history and science museum (Portugal) and the museum of astronomy and related sciences (Brazil) Preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia: Uma parceria luso-brasileira entre o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Portugal) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil)	Museu Nacional de História Natural e da Ciência – Portugal e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) – Brasil	BRA	Outro – Nota de Pesquisa

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	INSTITUIÇÃO	PAÍS	MODALIDADE
12.	MRT letter: Human bloodstains on antique aboriginal weapons: A guiding low-vacuum sem study of erythrocytes in experimental samples on ethnographically documented biological raw materials. Carta de MRT: Manchas de Sangue Humano em Antigas Armas Aborígenes: Um Estudo Guiado de Baixo Vácuo sem de Eritrócitos em Amostras Experimentais de Materiais Biológicos Etnograficamente Documentados.	Área de Pré-história, Universidade Rovira i Virgili - Espanha	ESP	Resultado de Pesquisa
13.	Introdução à técnica de museus, uma visão crítica Introducción a la técnica de museos, una visión crítica.	UNIRIO – Brasil	BRA	Outro: ensaio
14.	Reinterpretando os objetos de museu: da classificação ao devir.	UNIRIO – Brasil	BRA	Resultado de Pesquisa
15.	Características e produção Científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas Áreas de Ciência da Informação e Museologia (1992-2012).	Universidade Federal de Brasília (UNB) – Brasil	BRA	Resultado de Pesquisa
16.	Museu, museologia e a ‘relação específica’: Considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal.	UNIRIO – Brasil	BRA	Outro – Ensaio
17.	Visual Objects and Universal Meanings: AIDS Posters and the Politics of Globalisation and History. Objetos Visuais e Significados Universais: Cartazes sobre AIDS e a Política da Globalização e História.	Wellcome Trust Centre para a História da Medicina na UCL – Inglaterra – Grã-Bretanha	GBR	Resultado de Pesquisa
18.	The identity of objects: Form & nature in digital museums. A Identidade dos Objetos: Forma e Natureza nos Museus Digitais.	Departamento de Estudos da Informação, Universidade da Califórnia Los Angeles, Estados Unidos	USA	Resultado de Pesquisa

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	INSTITUIÇÃO	PAÍS	MODALIDADE
19.	O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG: Concepção e projeto pedagógico.	UFMG – Brasil	BRA	Outro: relato de experiência
20.	De tesoro ilustrado a recurso turístico: el cambiante significado del patrimonio cultural	Universidad de Sevilla - Espanha	ESP	Outro: Ensaio
21.	Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte: afinal, como nascem os museus?.	Museu de Artes e Ofícios Belo Horizonte – Brasil	BRA	Outro – Entrevista de Pierre Catel Museólogo

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 16 – “Indexador/Termo: Assunto *Museology* Temas e Subtemas – Distribuição” apresenta-se a distribuição de 12 artigos Resultado de Pesquisa, indicados por Tema e Subtemas. Verifica-se que a temática Objeto de Estudo é a que alcança maior incidência e foi tratada em 11 textos, sendo que 3 abordam também a temática: Princípio. Somente um Artigo CAPES versa sobre o Tema: Metodologia.

Os Subtemas que a seguir são apresentados foram obtidos pela ferramenta “Nuvem de Palavras”. Estão reunidos na Figura 3, indicando que os subtemas para o Indexador/Termo – Assunto *Museology* são: Princípio: Museologia e Patrimônio; para Objeto de Estudo: Museu; Informação; Classificação; Semiótica; e para Metodologia: Classificação, sintetizados e expostos no Quadro 17– “Temas e Subtemas - Indexador/Termo – Assunto *Museology*: Resumo”.

Quadro 16 – INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO MUSEOLOGY TEMAS E SUBTEMAS: DISTRIBUIÇÃO

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	TEMA	SUBTEMA UNIDADE DE REGISTRO – PALAVRA-CHAVE
1.	O processo de exibição; [...]	Objeto de Estudo	Museologia. Exibição de Museologia. Experiência de Museologia. Narrativa. Questionamentos. Visitante.
2.	Antropologia nos e dos Arquivos: [...]	Princípio Objeto de Estudo	Estudos de Arquivo. Museologia. Arquivos Digitais. Ética de Pesquisa. Substitutos. ⁵⁹
3.	A Museologia na web: [...].	Princípio Objeto de Estudo	Informação. Cybercultura. Patrimônio. Museologia. Sergipe.
4.	Das musas à lula gigante.	Objeto de Estudo	Museus Virtuais. Museus. Museologia. ⁶⁰

⁵⁹ Original em Inglês: Archival Studies. Museology. Digital Files. Research Ethics. Surrogates.

⁶⁰ Original em Inglês: Virtual Museums. Museums. Museology.

5. N°	Um enquadramento sócio semiótico para a análise das exposições em um museu	TEMA Metodologia	Sócio-Semiótica. Exposição de Ciência. Códigos Culturais. Museologia. Classificação.
6.	Levantamento de peso pode facilitar a compreensão apreciativa para exposições em museu.	Objeto de Esttudo	Museologia. Memória Táctil. Integração de Informação. Apreciação.
7.	Preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia: [...]	Objeto de Estudo	Patrimônio Científico. Museologia. Cooperação Luso-Brasileira. MAST. MUHNAC.

⁶¹ Original em Inglês: Semiotic Partner. Science Exhibition. Cultural Codes. Museology. Classification. Framework.

8.	Carta de MRT: [...]	Objeto de Estudo	Manchas de Sangue. Hemácias. Hemotafonomia. Cultura de Material. Museologia. ⁶²
9.	Re-interpretando os objetos de museu: [...]	Princípio Objeto de Esttudo	Classificação. Informação. Museologia. Objeto-devir. Objetos de museu (musealia).
10.	Características e produção Científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas Áreas de Ciência da Informação e Museologia (1992-2012).	Objeto de Estudo	Grupo de Pesquisa; Diretório de Grupos. Produção Científica. Ciência da Informação. Museologia.

⁶² Original em Inglês: Blood stains. RBCs. Hemo Taphonomy. Material culture. Museology.

Nº	TÍTULO DO ARTIGO	TEMA	SUBTEMA UNIDADE DE REGISTRO – PALAVRA-CHAVE
11.	Objetos Visuais e Significados Universais: [...]	Objeto de Estudo	Cartazes sobre AIDS. História Global. Globalização. Museum für Kunst und Gewerbe de Hamburgo. Historicismo. Localismo. Modernidade. Museologia. Nacionalismo. Política da Estética. Pós-modernismo. Linguagem Visual. ⁶³
12.	A Identidade dos Objetos: [...]	Objeto de Estudo	Semiótica. Pragmatismo. Informática Fundamental. Informática Geral. Informática no Museu. Museologia. Ontologia da Informação. Ética da Informação.

Fonte: Elaboração própria

Figura 3 – NUVEM DE PALAVRAS DE SUBTEMAS -
ASSUNTO: MUSEOLOGY



Fonte: Elaboração com uso da ferramenta Nuvem de Palavras

⁶³ Original em Inglês: Posters about AIDS. Global History. Globalization. Museum für Kunst und Gewerbe Hamburg. Historicism. Localism. Modernity. Museology. Nationalism. Politics of Aesthetics. Postmodernism. Visual language.

Quadro 17 – INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO MUSEOLOGY TEMAS E SUBTEMAS

TEMAS	SUBTEMAS
Princípio	Museologia. Patrimônio.
Objeto de Estudo	Museu. Informação. Classificação. Semiótica.
Metodologia	Classificação.

Fonte: Elaboração própria

Os Temas e Subtemas dos Indexadores/Termos – Assuntos: Museologia; *Museologia*; *Museum Studies* e *Museology* estão apresentados no Quadro 18.

Quadro 18 – INDEXADORES/TERMOS: ASSUNTOS MUSEOLOGIA/MUSEOLOGÍA. MUSEUM STUDIES. MUSEOLOGY TEMAS E SUBTEMAS – RESUMO

TEMAS	SUBTEMAS
Princípio	Museologia. Patrimônio. Informação. Museologia. Coleccionismo
Objeto de Estudo	Museu. Informação. Classificação. Semiótica. Coleccionismo. Arte “primitiva”. Biblioteca Escolar. História.
Metodologia	Classificação.

Fonte: Elaboração própria

5.2. Comunicação Oral ENANCIB

Durante os Encontros Nacionais de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, ENANCIB, promovidos pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, ANCI, apresenta-se e discute-se a produção dos pesquisadores, publicada e disseminada pelos Anais do ENANCIB, que atualmente conta com 16 edições, do número I ao XVI, no período de 1994 a 2015.

A Área da Museologia está representada desde o VIII ENANCIB – 2007, no Grupo intitulado “Debates sobre Museologia e Patrimônio”. Em 2009, este Grupo foi formalizado como Grupo de Trabalho 9 (GT9) – “Museu, Patrimônio e Informação”.

Nesta tese foram pesquisadas as Comunicações das edições VIII, 2007, e de X ao XVI, 2009 a 2015, período de atividades da Área da Museologia no ENANCIB.

5.2.1 Seleção do Material Empírico

Foram selecionados 25 textos nacionais publicados nos Anais VIII, e do X ao XVI ENANCIB, na modalidade Comunicação Oral. Ressalta-se que todos os textos selecionados corresponderam aos indicadores propostos para a tese, ou seja: a) revisados por pares; b) resultados de pesquisa.

Os dados da pesquisa foram captados no sítio do Evento, no período de junho e julho de 2016, publicados no ítem “Debates sobre Museologia em 2007”; e no ítem GT-9 de 2009 a 2015, refinados por assunto: Museologia/Museológico, descritos no título da produção, cujo resultado se expressa no Quadro 19. “Comunicação Oral Enancib - Refinado Por Título Apresentando Indexador/Termo: Assunto Museologia/Museológico”.

Observa-se que o assunto Museologia e/ou Museológico está presente em todas as edições pesquisadas do Evento, nos oito anos de sua existência, obtendo crescimento significativo na edição de 2014. Sendo possível inferir pela indicação institucional de autoria, que este aumento se deu porque o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST (iniciado no segundo semestre de 2006), já contava com três turmas de mestrado concluídas e duas turmas de doutorado em andamento (início em 2011), portanto, se refletindo, em publicação dos resultados das pesquisas dissertativas dos mestrandos concluintes e doutorandos qualificados.

Quadro 19 – COMUNICAÇÃO ORAL ENANCIB - REFINADO POR TÍTULO APRESENTANDO INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO MUSEOLOGIA/MUSEOLÓGICO

ENANCIB – Ano	Temática do Evento	Comunicação Oral Total	Comunicação com Termo: Museologia e/ou Museológico no Título
VIII – 2007	Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em Ciência da Informação	17	4

X – 2009	A responsabilidade social da ciência da Informação	15	4
ENANCIB – Ano	Temática do Evento	Comunicação Oral Total	Comunicação com Termo: Museologia e/ou Museológico no Título
XI – 2010	Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação	12	1
XII – 2011	Política de Informação para a sociedade	17	2
XIII – 2012	A sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humano	23	3
XIV – 2013	Informação e interação: Ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano	19	3
XV – 2014	Diversidade cultural e políticas de informação	19	6
XVI – 2015	Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes	22	2
	TOTAL	144	23

Fonte: Elaboração própria

O Quadro 20 - "Título da Comunicação, Refinado por Indexador/Termo: Assunto Museologia e/ou Museológico" trata dos títulos das publicações, objeto de estudo interpretativo desta tese.

**Quadro 20 – TÍTULO DA COMUNICAÇÃO, REFINADO POR
INDEXADOR/TERMO: ASSUNTO MUSEOLOGIA E/OU MUSEOLÓGICO**

Nº	ENANCIB – ANO	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO – ASSUNTO: MUSEOLOGIA E/OU MUSEOLÓGICO
1.	VIII – 2007	O Novo Museu na América Latina - Novos paradigmas para uma Nova Museologia
2.		Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo
Nº	ENANCIB – Ano	Título da Comunicação – Assunto: Museologia e/ou Museológico
3.		Em direção à Museologia Latino-Americana: O papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar
4.		Desenvolvimento Sustentável, museologia e patrimônio: uma relação em sincronia
5.	X – 2009	Aspectos museológicos na constituição das coleções da loucura.
6.		Em direção à Museologia Latino Americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo Disciplinar.
7.		Faces e interfaces da Museologia: um olhar interdisciplinar sobre exposições museológicas.
8.		O que se pode designar como Museu Virtual segundo os museus que assim se apresentam.
9.	XI – 2010	Atributos simbólicos do patrimônio: museologia/"patrimoniologia" e informação em contexto da linguagem de especialidade.
10.	XII – 2011	O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: instituição emblemática no panorama da ciência e da museologia brasileiras.
11.		Navio-Museu Bauru e Informação: Trajetória Histórica e Musealização sob o foco da Documentação Museológica.
12.	XIII – 2012	Museus e Museologia: Novas sociedades, novas tecnologias.
13.		Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia No Brasil.
14.		Museologia, Comunicação e Informação: As Transformações Sociais e a Rede.

Nº	ENANCIB – ANO	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO – ASSUNTO: MUSEOLOGIA E/OU MUSEOLÓGICO
15.	XIV – 2013	O termo Museólogo e seu conceito: análise da atividade profissional em coleções de artistas plásticos contemporâneos.
16.		Da face inativa da indústria ao contexto ativo do museu: aspectos da musealização do patrimônio industrial.
17.		O computador caipira, o fato museológico e a identidade marajoara.
18.	XV-2014	Comunicação Museológica: um estudo do Patrimônio do setor elétrico em Museus do Estado de São Paulo.
19.		Coleção Paranaguá: documentação museológica como acesso ao conhecimento.
20.		O Jardim do Museu Casa da Hera com espaço museológico relacional.
21.		Reflexões sobre Museologia: documentação em museus ou museológica
22.		Conceitos, termos e linguagens da Museologia: novas abordagens.
Nº	ENANCIB – Ano	Título da Comunicação – Assunto: Museologia e/ou Museológico
23.		Primórdios da Museologia No Brasil: David Carneiro e o positivismo.
24.	XVI – 2015	Espaços Museológicos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): aspectos sobre o processo de musealização de coleções de C&T.
25.		Mediação científica e a Coleção de Claude Henri Gorceix: gestão da informação em acervos museológicos de ciência e tecnologia.

Fonte: Elaboração própria

Em relação à situação profissional/funcional representada pela Qualificação do autor, e interpretadas no Quadro 21 – “Qualificação do Autor por Instituição, Estado da Federação e Palavras-Chave”, nota-se a presença expressiva de autores (22) da UNIRIO/MAST. A USP e a UFMG comparecem com um artigo cada. Com respeito aos cursos da UNIRIO/MAST e USP a circunstância revela a realidade da pós-graduação em Museologia, pois o primeiro Mestrado começou no segundo semestre de 2006 e o Doutorado em 2011, ambos UNIRIO/MAST e somente em 2012 foi implantado o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP

(Mestrado). Quanto à Comunicação da UFMG esclarece-se que provém do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Mestrado).

No mesmo Quadro 21 A são elencadas as palavras-chave das Comunicações, representativas do uso feito pela Área e que foram objeto de análise para determinar os subtemas desta Tese.

**Quadro 21 A – QUALIFICAÇÃO DO AUTOR POR INSTITUIÇÃO,
ESTADO DA FEDERAÇÃO E PALAVRAS-CHAVE**

Nº	QUALIFICAÇÃO DO AUTOR		PALAVRAS-CHAVE
1.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Museologia. Ecomuseu. América Latina. Identidade.
2.	UNIRIO/MAST	RJ	Patrimônio Museológico. Museologia, Patrimônio e Interdisciplinaridade. Museu e Interdisciplinaridade. Museu, Objeto Fronteiriço e Repositório.
3.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Museologia. Museologia latino-americana. América Latina. ICOFOM LAM.
4.	UNIRIO/MAST	RJ	Desenvolvimento sustentável. Museologia. Museu. Educação patrimonial.
5.	UNIRIO/MAST	RJ	Coleções da Loucura. Museologia. Informação-Museus. Arte e Ciência
6.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Museologia. América Latina. ICOM. ICOFOM. ICOFOM LAM
7.	UNIRIO/MAST	RJ	Interdisciplinaridade. Museologia. Exposições Museológicas.
8.	UNIRIO/MAST		
9.	UNIRIO	RJ	Termos e Conceitos da Museologia; Museologia e Patrimônio; Poder Simbólico; Atributos Simbólicos do Patrimônio.
10.	UNIRIO	RJ	Museu. Museologia. Patrimônio. Jardins Botânicos. Jardim Botânico do Rio de Janeiro
11.	UNIRIO	RJ	Navio-Museu. Patrimônio Histórico. Musealização. Documentação Museológica. Informação em Museus
12.	UNIRIO	RJ	Museu. Museologia. Tecnologia. Virtual. Rede. Transformações sociais.
Nº	Qualificação do Autor		Palavra-Chave

Nº	QUALIFICAÇÃO DO AUTOR		PALAVRAS-CHAVE
13.	UNIRIO	RJ	Curso de Museus, Escola de Museologia, Museologia, Memória, Preservação.
14.	UNIRIO	RJ	Museu. Museologia. Tecnologia. Virtual.
15.	UNIRIO	RJ	Museólogo. Coleção Visitável. Coleção de Artes Plástica. Patrimônio artístico.
16.	USP	SP	Museologia e comunicação. Museus. Musealização. Patrimônio Industrial. Usina Hidrelétrica.
17.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Patrimônio. Marajó. Computador Caipira. Fato Museal.
18.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Patrimônio natural, cultural e ambiental. Chácaras e quintais do século XIX. Jardins Históricos.
19.	UNIRIO/MAST	RJ	Museologia, Informação, Lacunas Informacionais, Coleção Loreto Paranaçuá-Schoeller, Weltmuseum.
20.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Patrimônio natural, cultural e ambiental. Chácaras e quintais do século XIX. Jardins Históricos.
21.	UNIRIO/MAST	RJ	Museologia. Campo Científico. Campo Erudito. Documentação museológica. Documentação em museus.
22.	UNIRIO/MAST	RJ	Museu. Museologia. Conceptualização. Termos e Conceitos. Linguagem Museológica.
23.	UNIRIO/MAST	RJ	Funções de Museus. Positivismo e Museu. Museologia. David Carneiro.
24.	UNIRIO/MAST	RJ	Museologia. Patrimônio de C&T. Coleções universitárias. Universidade Federal de Juiz de Fora.
25.	UFMG	MG	Museus de Ciência e Tecnologia. Gestão da informação. Instrumentos científicos. Mediação.

Fonte: Elaboração própria

5.2.2. Classificação da Comunicação ENANCIB por Indexador/Termo – Assunto

O Quadro 21 B – “Comunicação por Título, Temas e Subtemas/Palavras-Chave” exibe a temática determinada pela tese com base na CAPES, conforme mencionado: Princípio, Objeto de Estudo, Metodologia.

Quadro 21 B – COMUNICAÇÃO POR TÍTULO, TEMAS E SUBTEMAS/PALAVRAS-CHAVE

Nº	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO	TEMAS	SUBTEMAS PALAVRA-CHAVE
1.	O Novo Museu na América Latina - Novos paradigmas para uma Nova Museologia	Princípio	Museu. Museologia. Ecomuseu. América Latina. Identidade.
2.	Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo	Princípio	Patrimônio Museológico. Museologia, Patrimônio e Interdisciplinaridade. Museu e Interdisciplinaridade. Museu, Objeto Fronteiriço e Repositório.
3.	Em direção à Museologia Latino-Americana: O papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar	Princípio	Museu. Museologia. Museologia latino-americana. América Latina. ICOFOM LAM.
4.	Desenvolvimento Sustentável, museologia e patrimônio: uma relação em sincronia	Princípio	Desenvolvimento sustentável. Museologia. Museu. Educação patrimonial.
5.	Aspectos museológicos na constituição das coleções da loucura.	Metodologia Objeto de Estudo	Coleções da Loucura. Museologia. Informação-Museus.
6.	Em direção à Museologia Latino Americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo Disciplinar.	Princípio	Museu. Museologia. ICOFOM LAM

Nº	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO	TEMAS	SUBTEMAS PALAVRA-CHAVE
7.	Faces e interfaces da Museologia: um olhar interdisciplinar sobre exposições museológicas.	Princípio	Interdisciplinaridade. Museologia. Exposições Museológicas.
8.	O que se pode designar como Museu Virtual segundo os museus que assim se apresentam.	Princípio	Termos e Conceitos da Museologia; Atributos Simbólicos do Patrimônio.
9.	Atributos simbólicos do patrimônio: museologia/"patrimoniologia" e informação em contexto da linguagem de especialidade.	Objeto de estudo	Museu. Museologia. Tecnologia. Virtual.
10.	O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: instituição emblemática no panorama da ciência e da museologia brasileiras.	Objeto de Estudo Princípio	Museu. Museologia. Patrimônio. Jardins Botânicos.
11.	Navio-Museu Bauru e Informação: Trajetória Histórica e Musealização sob o foco da Documentação Museológica.	Metodologia	Patrimônio Histórico. Musealização. Documentação Museológica. Informação em Museus
12.	Museus e Museologia: Novas sociedades, novas tecnologias.		
13.	Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia No Brasil.	Princípio	Museologia, Memória, Preservação.
14.	Museologia, Comunicação e Informação: As Transformações Sociais e a Rede.		
15.	O termo Museólogo e seu conceito: análise da atividade profissional em coleções de artistas plásticos contemporâneos.	Princípio	Museólogo. Coleção Visitável.
16.	Da face inativa da indústria ao contexto ativo do museu: aspectos da musealização do patrimônio industrial.	Princípio	Museu. Museologia. Tecnologia. Virtual.

Nº	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO	TEMAS	SUBTEMAS PALAVRA-CHAVE
17.	O computador caipira, o fato museológico e a identidade marajoara.	Princípio Objeto	Museu. Patrimônio. Fato Museal.
18.	Comunicação Museológica: um estudo do Patrimônio do setor elétrico em Museus do Estado de São Paulo.	Princípio	Museologia e comunicação. Museus. Musealização. Patrimônio Industrial.
19.	Coleção Paranaguá: documentação museológica como acesso ao conhecimento.	Metodologia	Museologia, Informação
20.	O Jardim do Museu Casa da Hera com espaço museológico relacional.	Princípio	Museu. Patrimônio natural, cultural e ambiental.
21.	Reflexões sobre Museologia: documentação em museus ou museológica	Princípio Metodologia	Museologia. Documentação museológica. Documentação em museus.
22.	Conceitos, termos e linguagens da Museologia: novas abordagens.	Princípio	Museu. Museologia. Termos e Conceitos. Linguagem Museológica.
23.	Primórdios da Museologia No Brasil: David Carneiro e o positivismo.	Objeto de estudo	Funções de Museus. Museu. Museologia.
24.	Espaços Museológicos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): aspectos sobre o processo de musealização de coleções de C&T.	Princípio Objeto de Estudo	Museologia. Patrimônio de C&T.
25.	Mediação científica e a Coleção de Claude Henri Gorceix: gestão da informação em acervos museológicos de ciência e tecnologia.	Metodologia	Museus de Ciência e Tecnologia. Gestão da informação.

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 22 – “Temas e Subtemas das Comunicações Oraís do ENANCIB” encontra-se o resultado da Análise de Conteúdo dos Títulos do universo da pesquisa, contidas no Quadro 20, com a identificação e classificação dos Temas das Comunicações: Metodologia, Objeto de Estudo e Princípio, Temas da tese, como

explicitado. Os Subtemas são as Palavras-Chave conforme descrição semântica contida na referida Comunicação.

Expõe-se no Quadro 22, a categorização dos Temas e Subtemas. O Tema Princípio da Museologia se expressa majoritariamente nas Comunicações e está distribuído em três subtemas, levando-se em conta as palavras e as similaridades encontradas. É possível perceber que os sujeitos da Museologia estão voltados para divulgar e discutir noções básicas para o campo do conhecimento.

A questão do Objeto de Estudo da Museologia é o segundo Tema mais explorado nos textos, seguido pelo Tema Metodologia, havendo, praticamente, um empate entre ambos.

Quadro 22 – TEMAS E SUBTEMAS DAS COMUNICAÇÕES ORAIS DO ENANCIB

TEMA	SUBTEMA (UNIDADE DE REGISTRO: PALAVRA-CHAVE)
Princípio	<ul style="list-style-type: none"> Atributos Simbólicos do Patrimônio. Patrimônio Natural, Ambiental e Cultural. Patrimônio Industrial e de Ciência e Tecnologia - C&T.
	<ul style="list-style-type: none"> Comunicação Museológica. Documentação Museológica. Exposições Museológicas. Musealização. Museologia. Museólogo. Museu. Termos e Conceitos da Museologia.
Objeto de Estudo	<ul style="list-style-type: none"> Coleção Visitável. Coleções da Loucura. Jardins Botânicos. Musealização. Museu Virtual. Patrimônio Industrial.
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> Documentação Museológica. Gestão da Informação. Exposição Museológica.

Fonte: Elaboração própria

As palavras-chave base para os Subtemas estão apresentadas na Figura 4. “Nuvem da Palavras”. Nesta imagem foram adotados como critério mais de quatro repetições.

A palavra Museologia é a mais citada, seguida de Museu, Patrimônio, Museus, Documentação, Tecnologia, Museológica, Informação, Conceitos, Musealização e Termos que constituíram os subtemas quando da categorização, conforme Quadro 21.

CAPÍTULO 6

**MUSEOLOGIA – PRODUTIVIDADE DE
LOCUTORES NOS ARTIGOS CAPES E
COMUNICAÇÕES ORAIS ENANCIB:
INTERPRETAÇÃO QUALITATIVA**

6. MUSEOLOGIA – PRODUTIVIDADE DE LOCUTORES NOS ARTIGOS CAPES E COMUNICAÇÕES ORAIS ENANCIB: INTERPRETAÇÃO QUALITATIVA

Esta seção contém a interpretação qualitativa dos resultados obtidos, para tanto, faz-se uso da análise de conteúdo, na seleção da produção dos autores do campo nas fontes indicadas para análise, dimensionados no capítulo 6. Assim, cabe destacar Temas e Subtemas que representam as questões de fundo museológico que estão sendo tratadas nas discussões atuais.

6.1. Contexto da Produtividade do Artigo CAPES

A Análise do Conteúdo da produtividade dos pesquisadores, representada pelo Artigo CAPES, selecionado pelos Assuntos/Indexadores: *Museologia/Museologia. Museum Studies. Museology*, foram agrupadas por Temas e Subtemas.

A interpretação e análise dos Temas e Subtemas foram conduzidas como um todo, considerando que o Artigo CAPES trata de Museologia, mesmo quando estão indexados pelos Assuntos correlatos nos idiomas inglês, espanhol e italiano

6.1.1 Temas e Subtemas do Artigo CAPES

O universo da pesquisa apresentado e classificado por meio de Indexadores/Termos – Assuntos, discutidos pelos pesquisadores, locutores, na terminologia de Bourdieu, disseminados por meio de Artigo CAPES, tratam dos seguintes Temas e *Subtemas*: Tema: Princípio - Subtemas: Museologia. Patrimônio. Informação. Coleccionismo. Tema Objeto de Estudo - Subtemas: Museu. Classificação. Coleccionismo. Arte “primitiva”. Tema Metodologia – Subtema: Classificação.

Princípio da Área do Conhecimento da Museologia – Artigo CAPES

O Tema Princípio representado pelo Subtema Museologia está referenciado massivamente nos textos. Destaca-se a pesquisa sobre os novos paradigmas da Museologia que, conforme os autores de dois artigos (GOUVEIA JR; MACEDO, 2012), discutem a relação da Museologia com outras áreas do conhecimento como a Ciência da Informação. Ainda afirmam ser necessário a apropriação de paradigmas da Área do Conhecimento da Comunicação no tocante à concepção e criação de uma exposição.

Um exemplo da aplicação dessa teoria, no campo das Ciências Sociais, e, especificamente, dentro da Museologia, pode ser ilustrado nos novos direcionamentos - entendidos aqui como uma espécie de

mudança de paradigma ante uma evidente crise que se anunciava - que tem tomado esta ciência na América Latina, desde os anos de 1970 (GOUVEIA JR; MACEDO, 2012, p.122).

Além da discussão sobre relação de conhecimento com outras áreas de conhecimento pode-se inferir que surge:

Um novo paradigma museológico [que] parece estar tomando forma graças às novas circunstâncias científicas, sociais e econômicas (Freedman 2000), a influência motivante de novas tecnologias de comunicação e o uso público cada vez maior da Internet e mídias sociais, alterando a atenção para o objeto digital e criando ambientes de múltiplas interpretações e diálogo aberto (ANYFANDI; KOULALIDIS; DIMOPOULOS, 2014, p.250, tradução nossa).⁶⁴

Os autores supracitados consideram que no panorama de rápidas mudanças culturais, discursivas e epistêmicas, os Museus de Ciência deverão inevitavelmente rever suas funções institucionais e estratégias interpretativas. E, por isto, propõem:

Um enquadramento conceitual concreto e uma metodologia analítica sistemática poderiam ser instrumentos úteis com vista a investigar, avaliar e conceber estratégias interpretativas e recursos comunicativos para o museu (ANYFANDI; KOULALIDIS; DIMOPOULOS, 2014, p. 251, tradução nossa).⁶⁵

A relação entre as Áreas do Conhecimento da Comunicação e da Museologia, segundo Cury (2005, p. 367), se “desenvolverá na confluência dos campos da comunicação, pesquisa de recepção, antropologia e museologia”, entendendo que a “Museologia é [...] disciplina e sua cientificidade está sendo construída desde a criação do ICOM”. Quanto aos desafios impostos pelo caráter transdisciplinar da museologia:

[...] entende-se que este estudo desenvolver-se-á na confluência das áreas de museologia, comunicação, estudos culturais e antropologia (e etnografia, aqui entendida como campo de conhecimento). Essa confluência define o corte conceitual e o objeto de estudo da pesquisa, assim como pretende dar conta de uma certa auto-suficiência necessária para o acercamento de princípios teóricos e metodológicos transversais, ainda inexistentes (CURY, 2005, p. 375).

⁶⁴ A new museological paradigm seems to be taking shape due to new scientific, social, and economic circumstances (Freedman 2000), the motivating influence of new communications technologies and the extended public use of the Internet and social media, shifting attention to the digital object and creating environments of multiple interpretations and open dialogue.

⁶⁵ A concrete conceptual frame and a systematic analytical methodology could be useful instruments in order to investigate, assess, and design interpretive strategies and museum communication resources.

Com relação à tendência de a Museologia poder vir a ser interpretada como Área transdisciplinar por meio da investigação, por exemplo, sobre Arte Primitiva, Goldstein chama atenção para o fato que há “um panorama geral e introdutório, sugerindo de que maneira a história da arte, a museologia e a antropologia permitem interfaces interessantes e analiticamente férteis” (GOLDSTEIN, 2008, p. 285).

A afinidade da Museologia com a Psicologia é apresentada em um dos Artigos CAPES. Refere-se à experiência em exposição com réplicas tridimensionais em impressão 3D de todos os tipos de peças para serem usadas nas exposições de um museu e, deste modo, permitindo aos visitantes tocá-las sem que haja preocupação em danificar os itens originais, promovendo assim

Investigações interdisciplinares adicionais entre museologia e psicologia que abordem o papel de tais itens substitutos numa exibição [e] são necessárias para um entendimento mais aprofundado, não apenas dos mecanismos mentais envolvidos na apreciação de uma mostra de museu, como também a sua criação e apresentação (YAMADA; HARADA; CHOI, FUJINO; TOKUNAGA, YUNGAO; MIURA, 2014, p. 5, tradução nossa).⁶⁶

O Subtema Museologia é destacado como Princípio relativo ao processo museológico, com a identificação da discussão em níveis para que haja “a experiência museológica”, composta de três estágios assim descritos:

[...] Estágio A: “O porquê?” — a motivação para ir até o objeto exposto — uma ação ativa do visitante. Estágio B: “A experiência” — a visita ao objeto exposto — uma ação ativa da exibição. Estágio C: “A influência” — a experiência após a visita — na qual o visitante, potencialmente mudado, inicia e/ou participa em uma ação ativa que está de certa forma relacionada à, ou é uma consequência da experiência na exibição, suas implicações e suas “exigências” (YEHUDA, 2007, p. 535, tradução nossa).⁶⁷

O autor, referenciado anteriormente, realizou “experiência Museológica” no Museu de Patrimônio Judaico do Centro Heichal Shlomo, usando a apresentação de um objeto em sua relação com outra peça exposta, e não apenas no seu simples e

⁶⁶ Further cross-disciplinary investigations between museology and psychology that focus on the role of such surrogate exhibit items are needed for a deeper understanding of not only the mental mechanisms involved in the appreciation of museum exhibits, but also their creation and presentation.” (YAMADA; HARADA; CHOI, FUJINO; TOKUNAGA, YUNGAO; MIURA, 2014, p.5).

⁶⁷ Stage A: The Why? —the motivation for coming to the display—an active deed of the visitor Stage B: The Experience”—the visit to the display—an active deed of the exhibition Stage C: The Influence”—the experience after the visit—in which the (changed?) visitor initiates and/or participates in an active deed that is somehow related to, or is a consequence of, experiencing the exhibit, its implications, and its demands.

tradicional grau de exibição. Observa-se que este assunto foi analisado no Capítulo 5.2, referente ao Objeto de Estudo da Museologia.

A temática Princípio apresentada sob a ótica do Subtema Patrimônio está relacionada ao Patrimônio Educativo que, segundo os autores (MOGARRO; GONÇALVES; CASIMIRO; OLIVEIRA, 2011), trata de assunto pouco estudado no âmbito da Museologia, ainda carecendo de levantamentos e aprofundamento de estudos relativos a este problema.

A lista de museus e coleções relativas à história da educação e da infância, organizada pela Secção da História da Educação da Katholieke Univesiteit Leuven (Schoolmusea), da responsabilidade de Karl Catteeuw, revela o interesse da comunidade universitária por esta temática, mas principalmente a importância e dimensão que a museologia escolar e educativa alcançou em diversos países (MOGARRO; GONÇALVES; CASIMIRO; OLIVEIRA, 2011, p.159).

A concepção de Museologia educativa para os autores citados está baseada em dois movimentos profundos, de natureza distinta em relação ao Patrimônio:

[...] a) Um movimento dos investigadores e historiadores da educação que desenvolveram novos olhares sobre os fenómenos educativos, dando uma atenção crescente à materialidade da escola e ao seu património e inserindo-os nas actuais correntes epistemológicas, assim como nas agendas internacionais de investigação. b) Uma atitude de preservação e cuidado face ao património das escolas, desenvolvido ao longo de décadas pelas pessoas em geral, com carácter particular, mas que só agora adquire visibilidade quando se descobrem fundos materiais ou simples objectos que permaneceram esquecidos. Mesmo que silenciados, esses materiais foram trazidos do passado até ao presente pela acção dessas pessoas. As numerosas iniciativas que se registam, atestam esta atitude (MOGARRO; GONÇALVES; CASIMIRO; OLIVEIRA, 2011, p. 162).

O levantamento e estudo do Patrimônio museológico nas escolas permitiu, conforme os mesmos autores:

[...] estabelecer as correlações dos materiais com as disciplinas escolares e a sua história, assim como o seu papel/função de conexão entre o conhecimento científico produzido e a alquimia a que este conhecimento é sujeito para se transformar em matéria de ensino (MOGARRO; GONÇALVES; CASIMIRO; OLIVEIRA, 2011, p.176).

Nesse quesito é possível conferir a presença da Museologia na colaboração construtiva para construção de conhecimento científico de outras áreas do conhecimento.

O Subtema Informação está relacionado à documentação museológica que é concebida pelos seguintes itens:

[...] a «aquisição» dos bens, isto é, o modo de ingresso do objecto que pode ser uma aquisição, uma doação, um empréstimo ou permuta; elaboração de um «livro de registo ou de inventário», onde se procede à entrada dos objectos e sua identificação; realização da «pesquisa» com o objectivo de recolher e organizar toda a informação possível sobre as peças; a constituição de «fichas de inventário» individuais sobre cada objecto (MOGARRO; GONÇALVES; CASIMIRO; OLIVEIRA, 2011, p.166).

Destaca-se que o processo citado anteriormente é realizado em toda instituição museológica, assim caracterizada, independentemente de estar nomeada como Museu, quando da catalogação do objeto musealizado, representando a disciplina Documentação Museológica, tornando a Informação do e sobre o elemento que sofreu a musealização um processo de pesquisa que reúne um conjunto de dados intrínsecos (dimensões, peso, material, estado de conservação, entre outros) e extrínsecos (relação do objeto com a sociedade, sua história, divulgação, exposição, entre outros) com vistas à contextualizá-lo. Tal procedimento permite a disseminação de sua história, em especial na exposição. Sob o ponto de vista técnico e conceitual, o campo considera que estas as atividades são da competência do Museólogo, inclusive nas chamadas Coleções Visitáveis, conforme a Lei nº 7.287 de 18 de dezembro de 1984 (BRASIL, 1984).

A Documentação/Informação constitui Objeto de Estudo da Comunicação ENANCIB.

A relação da Museologia com as Áreas do conhecimento da Biblioteconomia e da Arquivologia é discutida no Subtema Colecionismo do Tema Princípio e reforça a contribuição da Museologia com respeito às diretrizes sobre este Subtema, considerando-se que

[...] o ato colecionador contemporâneo no contexto dos museus se configura num quadro marcado por uma sociedade ávida pelo consumo, municiada por uma produção em massa, que conduz à maior racionalização dos processos e necessidade de sistematização de suas coleções. [...] busca o específico, o raro e o relevante (RENAULT; ARAÚJO, 2015, p. 197).

Os autores Renault e Araújo, após a análise dos manuais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia sobre Colecionismo, concluíram que “[...] a solução da Museologia parece ser mais abrangente do que as demais no sentido de

propor alternativas de espacialização do acervo, chegando a propor até mesmo a não-coleção enunciada por Bloom” (2003) (RENAULT; ARAÚJO, 2015, p. 197).

Quanto à caracterização museológica do ato colecionador pode-se dizer que ela se concentra na

[...] preocupação com os processos administrativos do museu que, também invadidos pela emergência do contemporâneo, passaram a incorporar, dentre suas diretrizes, a formulação explícita de uma política de aquisição, preservação e utilização de seu acervo (RENAULT; ARAÚJO, 2015, p.198).

Deve-se ressaltar que as coleções particulares podem ser adquiridas pelos Museus. Em condição anterior, quando ainda de posse do proprietário individual, podem ser consideradas como acervo particular e intituladas, como já mencionado, Coleções Visitáveis, Subtema a ser discutido mais adiante no tópico referente à Análise dos Resultados da Comunicação ENANCIB.

Objeto de Estudo da Área do Conhecimento da Museologia – Artigo CAPES

O Subtema Arte “Primitiva”, do Tema Objeto de Estudo, coloca em pauta a discussão sobre a propriedade intelectual. Goldstein chama atenção para o fato que a:

[...] arte africana, até recentemente, foi colecionada como propriedade de grupos “étnicos” e não de indivíduos e estúdios, de modo que não é incomum que nenhuma das peças da exposição Perspectivas tenha sido identificada na lista catalográfica pelo nome de um artista individual, embora muitas delas sejam do século XX (e ninguém há de ter-se surpreendido, em contraste, com o fato de a maioria delas ser gentilmente rotulada com o nome dos proprietários das coleções, basicamente particulares, em que hoje elas se encontram) (GOLDSTEIN, 2008, p.302).

A referida autora argumenta, ainda, que a utilização do termo “artista” é recorrente entre os estudiosos de arte “primitiva”. Considerando que “não é qualquer pessoa que é capaz de fabricar um objeto carregado do sentido e poder; somente alguns indivíduos” (GOLDSTEIN, 2008, p.301).

Assim, essa autora propõe:

[...] repensar várias questões clássicas da antropologia, tais como as (im)possibilidades de tradução cultural, o exercício de poder implicado na representação da alteridade, o problema da propriedade intelectual nas sociedades sem escrita, a relatividade dos padrões estéticos e a inserção das culturas tradicionais no mercado global” (GOLDSTEIN, 2008, p.311).

O Subtema Museu, do Tema Objeto de Estudo, está presente em quantidade expressiva de textos selecionados do Artigo CAPES principalmente o Assunto *Museum Studies*. O Museu é identificado como um ‘lugar’ de experiências ditas museológicas, assunto de pesquisa realizada no Museu do Patrimônio Judaico já citado. É representado também como espaço de discussão para os profissionais e pesquisadores que investigam Colecionismo e Patrimônio Educativo.

No Subtema Museu pode-se observar que no contexto *web*, indicado sob a forma denominada Museu e apresentado em Artigo CAPES, foram identificados e classificados seis diferentes gerações de Museus Virtuais (VMs); por outro lado aparece definido, de forma mais ampla, como “Museus sem paredes”. No Quadro 22 estão elencadas essas definições:

QUADRO 22 – GERAÇÕES DE MUSEUS VIRTUAIS

GERAÇÃO	COMENTÁRIOS DO AUTOR ACERCA DA PERSPECTIVA DO VISITANTE
Primeira geração	1. Observação livre em um ambiente fechado;
Segunda geração	2. Observação guiada dentro de um ambiente de aprendizado em potencial;
Terceira geração	3. Observação interativa (mecânica);
Quarta geração	4. Observação Interativa (digital);
Quinta geração	5. Observação Construtivista, onde os visitantes criam experimentos com objetos virtuais;
Sexta geração	6. Os objetos criam experimentos; o museu é uma estrutura que cria experimentos. O Museu em si é um experimento.

Fonte: Elaboração própria

O pesquisador Caraceni (2012) afirma que não há nenhum exemplo histórico de Museu Virtual de sexta geração, mas indica uma visita ao Museu de Torim como um exemplo de ‘real’ VM, vinculado a um *website* que contém toda a informação da história de Turim ao longo dos milênios, informação que pode ser reiterada em uma visita à cidade.

MuseoTorino não é apenas um novo museu, mas uma ideia completamente inovadora. Ele é um conceito transversal, tanto o real como o virtual ao mesmo tempo, participativo e em constante evolução, almejando apresentar Turim e o testemunho de sua história aos seus residentes e visitantes, olhando para o passado com um olho apontado ao futuro (CARACENI, 2012, p.15, tradução nossa).⁶⁸

Como observam Yamada, Harada, Choi, Fujino, Tokunaga, Yungao e Miura, “a apreciação de exposições em um museu pode ser equiparada a uma experiência virtual de vidas nos contextos que originalmente cercam as exposições” (2014, p.1, tradução nossa).⁶⁹

Tal perspectiva não se enquadra em nenhuma classificação exposta anteriormente. O visitante está experienciando a visita e é capaz de entrar em contato com coisas que geralmente não estão em seu cotidiano, como criaturas raras, relíquias históricas, ruínas arqueológicas e obras de arte.

Com vistas a provar e medir a experiência do visitante “pela apreciação de exposições em um museu pode-se experienciar vidas virtuais no contexto espacial e temporal que originalmente contemplavam os itens exibidos com vívida realidade”, os autores Yamada, Harada, Choi, Fujino, Tokunaga, Yungao e Miura acrescentam que “tecnologias recentes relacionadas à realidade ampliada e virtual permitiram aos museus incorporar representações tridimensionais (3D) em suas exibições” e “atrair não só visualmente, mas também nas modalidades auditivas, tácteis e olfativas” (2014, p.1, tradução nossa).⁷⁰

Outro ponto abordado no Subtema Museu -- Tema Objeto de Estudo é o comprometimento e papel do Museu na discussão de problemas sociais de relevância na história contemporânea. Stein e Cooter (2011) indicam que é possível esses “espaços [...] atende[re]m projetos políticos e epistemológicos sempre em mutação, e os objetos visuais armazenados nele [Museu] não são imunes a isso” permitindo aos pesquisadores a proposta “que estética é política”.

⁶⁸ MuseoTorino is not a just a new museum, but a completely fresh idea. It is a cross-cutting concept, both real and virtual at the same time, participative and in constant evolution, aiming to present Turin and the testimony of its history to its residents and guests, looking to the past with an eye towards the future.” (CARACENI, 2012, p.15).

⁶⁹ Appreciation of exhibits in a museum can be equated to a virtual experience of lives in the contexts originally surrounding the exhibits.

⁷⁰ Through the appreciations of museum exhibits, we can experience virtual lives in the spatial and temporal contexts that originally encompassed the exhibited items with vivid reality. (...) recent technologies related to virtual and augmented reality has allowed museums to incorporate three-dimensional (3D) representation into their exhibits. (...) appeal to not only visual but also auditory, haptic, and olfactory.

Uma recente exibição de temática mundial sobre cartazes de AIDS em um museu de arte e artesanato em Hamburgo é mencionada como exemplo. A exposição também cumpre o papel de chamar atenção para as continuidades institucionais nas pautas de coleção. Revelando-as, contrariamente às expectativas pós-modernistas, é o modo como a aplicação atual da exibição estética para o fim de criar ‘conexões globais’ não quebra radicalmente com os valores morais associados ao visual no final do século dezenove. A representação histórica de tais objetos precisa levar em conta essa complicada combinação de mudança e continuidade nos conceitos estéticos e nas inscrições políticas. Caso contrário, historiadores serão vítimas da estética sedutora sem estarem cientes da política envolvida (STEIN; COOTER, 2011, p.85, tradução nossa).⁷¹

Nesse contexto, o papel que é dado ao Museu é o de transformar “efêmeros objetos produzidos em massa: não à ‘vida ativa’ nas ruas e nos corredores de aprendizado, mas sim sua ‘pós vida’ de quando foram transformados em itens para serem colecionados, trocados e armazenados em museus e acervos”. Considera-se que os Museus “também habitam o presente, abraçando contextos conceituais mais amplos, que servem para moldar a organização e o significado de seus artefatos” (STEIN; COOTER, 2011, p. 87, tradução nossa).⁷²

Os pesquisadores supracitados relatam o processo de Musealização, apesar de não usarem esta palavra explicitamente, quando afirmam que objetos da coleção têm “sua função política extinguida uma vez que foram aposentados, categorizados, catalogados e armazenados de acordo com os princípios das instituições colecionadoras” VG e definem o Museu como “casa de repouso”, afirmando que no caso da Exposição de Cartazes sobre AIDS, aconteceu exatamente o contrário. Pois os itens de colecionador adentraram:

Um espaço que não era menos político do que aquele que ocupavam nas ruas nas décadas de 80 e 90, e de quando foram apropriadas pelos discursos ocidentais sobre identidade pós-moderna e sobre o papel do visual na negociação cultural do eu. Dificilmente poderia ser de outra forma, já que simplesmente ao se inserirem nessa ‘casa de repouso’, eles necessariamente se tornaram parte da agenda institucional do Museu für Kunst und Gewerbe. Com efeito, aqui eles

⁷¹ A recent globally themed exhibition of AIDS posters at an arts and crafts museum in Hamburg is cited in illustration. The exhibition also serves to draw attention to institutional continuities in collecting agendas. Revealed, contrary to postmodernist expectations, is how today’s application of aesthetic display for the purpose of making ‘global connections’ does not radically break with the virtues and morals attached to the visual at the end of the nineteenth century. The historicisation of such objects needs to take into account this complicated mix of change and continuity in aesthetic concepts and political inscriptions. Otherwise, historians fall prey to seductive aesthetics without being aware of the politics of them.

⁷² “ephemeral mass-produced objects: not their ‘active life’ on the streets and in the corridors of learning but their ‘afterlife’ when they were turned into items to be collected, exchanged and stored in museums and archives. It is well known that the social life of material objects in such places is not the same as that of their initial culture of production, circulation and consumption. (...) They also inhabit the present, embracing wider conceptual contexts that serve further to shape the organisation and meaning of their artifacts”.

foram ‘enquadrados’ em narrativas classificatórias, que servem a uma pauta, integradas dentro de tijolos e argamassa. De fato, desde o momento em que esses objetos se transformam em itens de colecionador e são armazenados e/ou exibidos como artefatos, eles tornam-se carregados epistemologicamente de conteúdo através do próprio processo de objetificação (STEIN; COOTER, 2011, p. 105, tradução nossa).⁷³

Esses mesmos pesquisadores ressaltam que a Coleção de Cartazes sobre AIDS veiculada no Museu traz à tona, por meio da inserção do assunto social no espaço expositivo, o debate para o encorajamento de historiadores no envolvimento da construção da história, da construção do presente intermediado pelos escritos de história tanto quanto as coleções estéticas do “global”, pois,

Do contrário estaríamos perigosamente próximos de nos tornar participantes cegos nos espaços moldados pela história onde a memória é cada vez mais naturalizada e neutralizada através dos conceitos de universalizado e de universalizar mediados esteticamente (STEIN; COOTER, 2011, p.108, tradução nossa).⁷⁴

Metodologia da Área do Conhecimento da Museologia – Artigo CAPES

No contexto do Tema Metodologia sublinha-se o Subtema: Classificação e o enquadramento metodológico apresentado para a análise da função discursiva de uma exposição em Museu de Ciência, tendo como proposta o estudo da comunicação ao Visitante, a cargo do Mediador Científico, na condução e explicação de experimentos científicos.

Esse modelo analítico é estabelecido na teoria de Bernstein de códigos culturais (classificação e enquadramento) e sócio linguística (formalidade). Ao usar esse enquadramento, espera-se que o pesquisador do museu, o profissional do museu de ciência e o comunicador científico sejam capacitados a receber a “mensagem” da exposição científica, e a reconstruir a imagem da ciência representada e o posicionamento sócio cultural do visitante modelo

⁷³ “a space that was no less political than when they were on the streets in the 1980s and 1990s, and when they were appropriated to Western discourses on postmodern identity and on the role of the visual in the cultural negotiation of the self. It could hardly be otherwise, for simply by entering such a ‘retirement home’ they necessarily became a part of the institutional agenda of the Museum für Kunst und Gewerbe. In effect, here, as elsewhere, they were ‘framed’ in agenda-serving classificatory narratives embedded in bricks and mortar. Indeed, from the moment such objects become collectors’ items and are stored and/or displayed as artifacts they become epistemologically loaded through the very process of objectification”

⁷⁴ “Otherwise we move perilously close to becoming blind participants in the historically fashioned spaces where memory is increasingly naturalised and neutralised through universalised and universalising concepts mediated aesthetically.”

no contexto comunicativo do museu de ciência (ANYFANDI; KOULADIS; DIMOPOULOS, 2014, p. 229, tradução nossa).⁷⁵

Ainda no Subtema Classificação (objetos de coleção) apresenta-se a Técnica de Reconhecimento de Material Etnográfico, que permite ajudar os curadores de museus etnográficos e pesquisadores de arte aborígene, a conduzir identificações de antigas armas tradicionais e suas funções originais. Tais usos se relacionam com a presença de resíduos orgânicos (da fauna ou de humanos) nas peças, e o reconhecimento por meio de laboratórios com recursos dos campos da Física e da Química que alcançam precisão para estabelecer as classes e, sobretudo, isentos de perigo que possam causar prejuízos físicos à estrutura original do objeto musealizado.

O uso aborígene de cana e ossos como matéria prima para facas e adagas, respectivamente, foi amplamente documentado etnograficamente em algumas áreas geográficas da Melanésia. Por causa do papel significativo que essas armas desempenharam nas agressões inter e intra étnicas, elas podem potencialmente possuir resquícios de manchas pelo contato com sangue humano (HORTOLÀ, 2012, p.1007, tradução nossa).⁷⁶

Após a aplicação das novas tecnologias, “os resultados sugerem que um VP-SEM funcionando em modo de baixo-vácuo pode ser usado de maneira profícua para se detectar vestígios de sangue em pedaços de cana de média estatura e antigos artefatos aborígenes de osso” (HORTOLÀ, 2012, p.1007, tradução nossa).⁷⁷

Segundo Hortolà, o método SEM tem a vantagem de não ser destrutivo à amostra, pois permite que análises complementares sejam realizadas, utilizando-se de “outras técnicas sem a necessidade de remover partes de objetos valiosos se não houver uma confiança mínima de resultados positivos, assim, o objeto não corre risco de ser danificado desnecessariamente” (HORTOLÀ, 2012, p. 1010, tradução nossa).⁷⁸

Os pesquisadores que desenvolvem atividades na Museologia, como referido nos exemplos, dão a dimensão do profissional de Museu orientando ou atuando na

⁷⁵ This analytical model is founded on Bernstein’s theory of cultural codes (classification and framing) and socio-linguistics (formality). By using this framework, it is hoped that the museum researcher, the science museum practitioner, and the science communicator are empowered to retrieve the science exhibit “message,” to reconstruct the image of the represented science, and the socio-cultural positioning of the model visitor in the communicative context of the science museum.

⁷⁶ The aboriginal use of reed and bone as raw materials for knives and daggers, respectively, has been well-documented ethnographically in some geographical areas of Melanesia. Because of the significant role that these weapons played in inter- and intra-ethnic aggression, they can potentially have retained smears from the contact with human blood.

⁷⁷ The results of this study suggest that a VP-SEM working in low-vacuum mode can be used fruitfully to detect blood remains in medium-sized reed and bone antique aboriginal artifacts.

⁷⁸ “other techniques without the need for removing parts of valuable objects if a minimal confidence of positive results is not secured so the object runs the risk of being damaged unnecessarily.”

condução e mediação científica no espaço da exposição, como também nos processos de identificação de objetos e funções originais, com o procedimento de novas técnicas de reconhecimento de acervo, no caso citado, o etnográfico.

6.2. Contexto da Produtividade das Comunicações do ENANCIB

Conforme mencionado, a Análise do Conteúdo das Comunicações selecionadas obedeceu a apresentação dos Temas e Subtemas, expostos na forma de citação, interpretação e análise da autora desta tese.

Os Temas e Subtemas discutidos pelas Comunicações ENANCIB compõem-se de: Princípio: Atributos Simbólicos do Patrimônio. Patrimônio Natural, Ambiental e Cultural. Patrimônio Industrial e de Ciência e Tecnologia - C&T. Comunicação Museológica. Documentação Museológica. Exposições Museológicas. Musealização. Museologia. Museólogo. Museu. Termos e Conceitos da Museologia. Tema: Objeto de Estudo: Coleção Visitável. Coleções da Loucura. Jardins Botânicos. Musealização. Museu Virtual. Patrimônio Industrial. Metodologia: Documentação Museológica. Gestão da Informação. Exposição Museológica.

Os Atributos Simbólicos do Patrimônio, Subtema do Tema Princípio é assunto discutido em uma Comunicação ENANCIB. A presente investigação ao tratar da abordagem da relação Museologia e Patrimônio e do exercício do poder simbólico possibilitou identificar e selecionar o termo Patrimônio e seus correlatos, em fontes nomeadas de “Documentos Patrimoniais”, 1931-2001, no Brasil e no exterior. A análise classificou as interpretações da representação patrimonial em três categorias técnico-conceituais: 1- Categoria A - Atributo de Origem: Criação da Natureza ou da Cultura; 2- Categoria B -- Atributo de Apropriação por Área do Conhecimento; 3- Categoria C -- Atributo Mesmo Exemplar com Diferentes Designações Segundo Áreas do Conhecimento (LIMA, 2010, p.1).

Dentre as reflexões propostas por Lima (2010), destaca-se que:

O foco da pesquisa foi dirigido às formas pelas quais se apresenta o Patrimônio (tangível) e seus correlatos: Bem, Herança/Herança Cultural e Monumento, pela relação estabelecida com os campos do conhecimento como decorrência do poder simbólico” (LIMA, 2010, p.1) [...].

A mesma autora assinala que “o conjunto de bens simbólicos compreendido sob o título de Patrimônio tem sido objeto de estudo e de ação da Museologia desde que o campo se constituiu como tal (LIMA, 2010, p .2).

Acrescenta-se que o resultado obtido reflete a discussão de pesquisadores não só da Museologia, mas também de outras Áreas que se incluem no tema Princípio cujo Subtema é Patrimônio: Natural, Ambiental e Cultural.

O referido Subtema, agrupado por se tratar de especificidade do Patrimônio, foi abordado em quatro Comunicações que discutiram o potencial de estudo e trabalho (mercado) da Museologia, ligados a Museu de Natureza em geral, a Jardim e Jardim Botânico – “Espaço Museológico Relacional”; paradigma do Meio Ambiente para o Museu; denominação de Patrimônio Cultural no âmbito da Museologia.

O alcance da ação da Museologia para a valorização e a interpretação do Patrimônio Natural e Ambiental, de acordo com o estudo de caso apresentado por Suescun e Scheiner (2010), insere o Jardim Botânico do Rio de Janeiro como exemplo de Museu de Natureza, e essencialmente vinculado ao conceito de Patrimônio.

O trabalho se inicia com uma aproximação dos termos “Museu” e “Jardim Botânico”, com o intuito de apresentar os jardins como espaços possíveis de ser percebidos e analisados como museus. (SUESCUN; SCHEINER, 2010, p.1, grifo da autora).

O Patrimônio Ambiental é discutido e apresentado por outro autor sob a forma de Ensaio, enfocando a visão integral do patrimônio.

O paradigma do meio ambiente possibilita ao Museu pensar um meio ambiente social assim como natural. Esta nova abordagem apresenta para o Museu uma visão integral do patrimônio. Graças à lógica holista, ao paradigma ecológico e às teorias de Gaia se vê formar desde os anos 1960, uma nova forma de interpretação do meio ambiente: o ambiente integral. Patrimônio e Museu se relativizam e passam a ser pensados como parte do todo no qual o Homem está inserido. Esta é a base para os conceitos de Patrimônio Integral – entendido como conjunto do Real – e de Museu Integral, museu aberto, museu que abriga a vida, o Homem e suas relações (SOARES, 2007, p.6).

Ainda há o exemplo de um jardim, o Jardim do Museu Casa da Hera, que além de classificar o Museu como exemplar de Museu de Natureza, Museu Histórico, relaciona-o ao conceito de Jardim – “Espaço Museológico Relacional”.

[...] o conceito de espaço museológico relacional, pois os polos separadamente são apenas entidades isoladas, mas o relacionamento entre eles poderá fortalecer e direcionar a existência do museu (LAMEGO FILHO, 2006, p. 10 *apud* ALVES; ROCHA, 2014, p. 4397).

Os mesmos autores

[...] a Chácara como espaço museológico foi o gatilho para assumir a necessidade de sua requalificação e, para tal, a ressignificação de seu espaço. [...] tratar o tema escolhido sob a ótica de um conceito ainda pouco referenciado pelos teóricos da museologia, como o de “espaço museológico relacional” [...]. Nessa direção, a noção de espaço museológico relacional se constrói na proporção em que as pessoas passam a apreender a noção da Chácara como um patrimônio a partir de suas próprias experiências, e essa valoração é impulsionada pela consciência sensível e pelo afeto (ALVES; ROCHA, 2014, p. 4405).

Em relação ao Patrimônio Cultural deve-se lembrar que:

[...] a construção cultural do patrimônio só foi estabelecida e internacionalmente disseminada no século XX, podendo-se apontar como marco a Carta de Atenas 1 (1931) de responsabilidade da Sociedade das Nações e do Instituto Internacional de Museus. E o Instituto pode ser compreendido como embrião da idéia que gerou, em 1946, o Conselho Internacional de Museus, ICOM (LIMA, 2010, p.5).

Adiciona-se à discussão o Subtema: Patrimônio Industrial; Patrimônio de C&T, entendendo que é possível a junção de ambas acepções por se tratar de tipologia de Museu, ou seja, um Museu Industrial e também porque nas três Comunicações selecionadas, os referidos Museus são entendidos como Patrimônio de Ciência e Tecnologia, ainda, podendo ser considerados no âmbito do Patrimônio Cultural.

Outra Comunicação do Evento apresenta pesquisa abordando nove exposições nos Museus paulistas do Setor Elétrico e que discute a questão do patrimônio industrial e sua relação com a sociedade e preservação do patrimônio. “Entendemos que o patrimônio industrial compreende [...] os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico” (TICCIH, 2003 *apud* YAGUI, 2014, p.4357).

Lima (2013, p. 10) complementa essa ideia com a dimensão imaterial do patrimônio industrial, “como o saber-fazer, a organização do trabalho e dos trabalhadores e uma herança complexa de práticas sociais e culturais que resultam da influência da indústria sobre a vida das comunidades”.

Outros autores expõem em Resultado de Pesquisa o processo de musealização de dois Museus na Universidade Federal de Juiz de Fora (Farmácia e Engenharia) e comentam com relação à dissertação que deu origem à Comunicação:

As principais noções elencadas para construção do trabalho dialogam com as noções de Patrimônio de C&T, Musealização, Memória, Museus e Coleções universitárias de C&T e Objetos de C&T (MENDES; RANGEL, 2015, p.1).

Mendes e Rangel prosseguem em suas considerações sobre a complexidade dos espaços musealizados, considerando-os “[...] (para além de um depositário de objetos), como um todo complexo que envolve interpretações, discursos e simbolismos, mas também necessita de uma gestão coesa e consonante às reflexões e práticas”. (2015, p.14-15).

O que se pode dizer é que o Princípio tratando do Subtema Patrimônio da Área da Museologia, pelo que registram as interpretações dos pesquisadores, indica estar centrado na definição que as disciplinas ou grupos especializados aplicam ao Patrimônio, deste modo, pode ser identificado como Cultural, Ambiental, Natural, de Ciência e Tecnologia, e representados nas pesquisas por Museus de Natureza (Jardim Botânico), Museu Espaço Relacional, Museu Industrial, entre outras nomeações.

O Princípio cujo Subtema é Documentação Museológica foi tratado em cinco Comunicações ora no aspecto teórico ora no aspecto metodológico.

As atividades especializadas nos Museus não podem prescindir do conjunto das ações de um especialista, atuando no processo da Documentação Museológica. Esta perspectiva foi objeto de Comunicação e revela que mesmo que esteja presente a:

[...] motivação do corpo profissional com as coleções em si, [...] esse interesse de caráter científico não pode prescindir da especificidade técnica do profissional da área de Museologia, responsável na atualidade tanto pela integridade física do objeto quanto pela informação a esta associada. (MOURA; ROCHA, 2014, p. 4530).

A Museologia apesar de nomear a Documentação de seus acervos como “museológica” foi buscar em outra área o apoio para a definição de conceitos e objetos de pesquisa para este procedimento técnico-conceitual. As Comunicações pesquisadas anunciam o apoio da Área da Ciência da Informação como principal aliada a dar o suporte teórico. E explicam as razões pelas quais a Documentação é disciplina do campo deste conhecimento e, antes de ser denominada, como hoje se reconhece, em seus tempos iniciais era assim designada. Isto leva a pensar, mais uma vez, que a Museologia depende de outras Áreas no contexto dos seus Princípios. Neste caso, a denominada Documentação Museológica, o mesmo que Sistema de Indexação e Recuperação da Informação, refere-se

[...] às práticas de catalogação dos acervos e disseminação da informação especializada nas Bibliotecas/Centros de Documentação/de Informação estabeleceu, nesse contexto, diálogo entre Museologia e Ciência da Informação (LIMA, 2007, p.9).

O Subtema Comunicação Museológica, Exposições Museológicas referentes ao Tema Princípio foram agrupados, considerando a natureza das intervenções em três Comunicações, pois

A comunicação museológica compõe um conjunto de atividades do museu necessárias para que ocorra de fato o processo de musealização, que consiste na identificação da musealidade do bem cultural, compreendendo-o como evidência material e imaterial do homem e do seu meio (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013 *apud* YAGUI, 2014, p. 4359).

De acordo com os mesmos autores:

Os museus têm como vocação a comunicação, compreendida como a “troca, diálogo e negociação dos sentidos patrimoniais entre sujeitos” (CURY, 2004, p.90), e que se fundamenta especialmente na prática expositiva e nas ações culturais e educativas, as quais expressam o discurso institucional e estão impregnadas de valores, sentimentos, atitudes (YAGUI, 2014, p. 4359).

A Exposição Museológica, encarada como a principal representação de canal comunicacional do Museu, se apresenta

[...] como um meio primário de desenvolvimento do processo de comunicação, constituindo-se enquanto portadora de significados simbólicos interpretados como algo compreensível ao visitante, inseridas no tempo e no espaço (SPIELBAUER, 1991). [...] verifica-se, no MFLMA, uma exposição nos moldes tradicionais (PEARCE, 1993), na qual onde questões como uso anterior dos objetos, suas contribuições para o ensino e pesquisa da Farmácia na Universidade, seus caminhos até adentrarem um espaço museológico, entre outros, foram inexploradas nessa expografia (MENDES; RANGEL, 2014, p. 7-8).

O agrupamento interpretativo elaborado para Comunicação e Exposição Museológica se deu por ser a Exposição o meio pelo qual é mostrado o acervo musealizado e contextualizado para o público. Conforme a literatura do Campo, espaço que o processo comunicacional (mensagem, emissor e receptor) leva o visitante a entender e compreender os signos exibidos. Na Exposição, a Comunicação Museológica será ratificada pelo visitante quanto à qualidade do acervo musealizado (a musealidade).

O discurso produzido pela Exposição nos Museus pode se dar de dois modos, pela paráfrase e pela polissemia:

[...] a) exposições parafrásticas – quando os bens culturais, espaço e público pertencem à mesma formação histórico-ideológica; b) exposições polissêmicas – quando objeto, espaço e público pertencem a ordens ou formações histórico-ideológicas distintas e há,

entre eles, uma distância cultural irredutível (CAMPOS, BORGES, 2013, p.8).

A caracterização da exposição nos moldes científicos da leitura pela perspectiva da linguística estimula a discussão e estudos na Área da Museologia.

A Exposição Museológica, também conforme a literatura, é um dos pilares da Museologia, pois o Museu só é considerado uma Instituição quando cumpre os Princípios determinados, ou seja: Conservação/Preservação; Pesquisa; Comunicação. A Exposição é a forma de comunicação da Museologia pela qual se expressa em meio à sociedade.

O Subtema Musealização referente ao Tema Princípio foi tratado por duas Comunicações, tanto no aspecto conceitual, como da prática museológica e, nesta última modalidade, será apresentada no Tema: Objeto de Estudo.

Entende-se por Musealização:

[...] a “operação destinada a extrair, fisicamente e conceitualmente, uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem e dar-lhe status museológico” (DESVALLÉES, A. 2000). Ainda, o estudo (leitura, interpretação) dos elementos físicos e documentais/contextuais do objeto com status museológico, identificado como Patrimônio Musealizado para não correr o risco de se perder informações que lhe são pertinentes (NOVAES; LIMA, 2011, p.4).

O processo de Musealização transforma o objeto em bens de valor cultural, uma vez que o museu trata do Patrimônio Cultural/Natural e, portanto, ao:

[...] serem musealizados, isto é, incorporados ao contexto de salvaguarda dos museus, recebem o cuidado especializado e determinado em cada etapa do processo que se caracteriza, de acordo com Desvallées e Mairesse [2000], pelas seguintes atividades: “preservação”, “pesquisa” e “comunicação”; cujas etapas se dividem em: “seleção”; “aquisição”; “gestão”; “conservação”; “catalogação”; “apresentação” (exposição). (COSTA, LIMA, 2013, p.12).

Compreende-se que o processo de Musealização é o que confere especificidade para formalizar o caráter da marca que distingue a Museologia. Sendo possível afirmar que a configuração museológica reside, portanto, no procedimento de musealizar, determinando todas as etapas que atribuem o caráter museológico e identificando o Museu como representação social e cultural da Museologia.

A palavra Museologia (Subtema) está presente em todo universo da Pesquisa (Comunicação ENANCIB), mas neste tópico, por se tratar do Tema Princípio,

destacam-se três textos, e o Subtema que se constitui como Objeto de Estudo iniciais que apresenta discussões ligadas à origem dos Museus.

A Museologia pode ser compreendida por uma perspectiva que aborda:

[...] exatamente o estudo do Museu – sendo este, sim, a relação específica entre o Homem e a Realidade. Este Museu, portanto, não é um museu estagnado no tempo – conjunto de “coisas do passado” - e sim um Museu fluido, inconstante, maleável, que se apresenta de formas completamente plurais no real complexo, a partir da relação entre o indivíduo e/ou comunidade com um patrimônio, que por sua vez também pode ser mutável, intangível. (CARVALHO; SCHEINER, 2010, p.13).

A noção da Museologia é também estudada:

[...] como campo do saber articulando-se a outros domínios, bem como do Museu, ‘casa’ [...]. Essa imagem da formação de espaço mental agregador de idéias, associado à conformação de um espaço físico, preside a noção que se percebe cristalizada a partir da Era Moderna, formalizando o modelo do museu que o imaginário social registra (LIMA, 2007, p.4).

A Museologia, um Campo do Saber, Campo/Área do Conhecimento, apresenta peculiaridade em relação aos países. O Brasil é um caso raro por oferecer cursos de graduação e ter profissão regulamentada. Cabe lembrar que o ICOM caracteriza os atores do campo como profissionais de museus. No exterior, quando se indica um *museologist* ou *muséologue*, isto não certifica que seja oriundo de um curso de graduação ou pós-graduação em Museologia, pode somente se referir à atividade em um museu.

A Área da Museologia perpassa, segundo Nota de Pesquisa, as seguintes perspectivas para estudo: História da Museologia no Brasil: Formação em Museologia; Produção Técnica e de Pesquisa de Museólogos em Museus e Instituições Afins; e Atuação de Museólogos em Eventos, Encontros e Organismos de Classe.

Estes universos convergem para importantes núcleos temáticos, todos de grande relevância para a recuperação das informações referentes ao desenvolvimento da Museologia no Brasil: Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1932-1977), depois transformado em Curso de Museus, da FEFIERJ (1977-1979) e, desde 1979, Curso de Museologia da UNIRIO. [...] em suma, o projeto pretende constituir-se como um instrumento permanente de preservação, pesquisa, discussão e disseminação da história e da memória da Museologia no Brasil (SÁ, 2010, p.14).

A profissão do Museólogo (Subtema) é Tema Princípio e está referenciada em cinco Comunicações, destacando-se a Comunicação que trata do termo e do conceito no Brasil que vai

[...] além da base conceitual do campo, na documentação legal que regulamenta a profissão e revela suas práticas para atuação. E o termo Museólogo designa, em nosso país, uma profissão reconhecida por instrumento legal, [...] Lei nº 7.287 “de 18 de dezembro de 1984, que dispõe sobre a profissão de Museólogo” regulamentada pelo Decreto 91.775 de 15 de outubro de 1985 que “dispõe sobre a profissão de Museólogo e autoriza a criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Museologia” (COSTA; LIMA, 2013, p.5).

Discute-se ainda que a atuação do profissional Museólogo não está limitada ao espaço Museu, apontando o exercício e a aplicação do termo Museólogo em Coleções Visitáveis, Subtema abordado no Tema: Objeto de Estudo.

[O] Museólogo tem um papel significativo no cuidado dos Bens Culturais, o Patrimônio, e vai além das paredes de um espaço denominado museu, cobrindo as atividades que foram realizadas pelas Museólogas nas coleções, pois atuaram em cerca de oitenta por cento (80%) dos itens específicos da profissão legalmente pontuados e explicitados na Lei que regulamenta a profissão de Museólogo em nosso país (COSTA, LIMA, 2013, p.18-19).

Como explicitado, a Museologia pode ser interpretada especialmente nos Estados Unidos e em países europeus anglófilos como “Estudos de Museu” e pode representar um “Campo do Saber, articulando-se a outros domínios, como do Museu, ‘casa’” (LIMA, 2007). Tendo em vista essas condições, a presente investigação verificou que o Subtema Museu, Tema Princípio está presente em todas as Comunicações ENANCIB pesquisadas, ressaltando-se duas Comunicações que tratam do conceito de Museu, seus limites e história.

Em relação aos limites do Museu, o Ensaio escrito por Soares questiona:

Existem limites para o Museu? É preciso se fazer essa pergunta para poder compreender o que levou o Museu e a Museologia a se transformarem, ao longo dos anos, tomando novas formas e assimilando novos paradigmas, sem, entretanto, abandonarem os seus respectivos ‘mitos de origem’, seus fundamentos, paradigmas tão sólidos que não se desfizeram nem mesmo com o caráter transitório da Pós-Modernidade (SOARES, 2007, p.2).

A tradição literária (de base específica ou genérica) relata que:

[...] a origem dos Museus remonta ao Mouseion, palavra grega que tem servido para designar espaço e, também, ‘templo’ das Musas. O registro histórico deixou marcada a indicação de um local na Grécia, colina de Hélicos (Atenas) e de outro no Egito, em Alexandria.

Consistiam em espaços reunindo sábios da filosofia e das artes para construir saber sob inspiração e proteção das Musas, portanto sob a invocação e domínio do seu patronato mítico, constando que eram feitas oferendas em santuários inseridos nesses locais. Talvez, pela referência ao caráter mitológico das entidades ligado à 'inspiração', atributo considerado dádiva divina, possibilitando não apagar o 'sopro' da memória criadora da humanidade, tenha originado a marca do elemento sacro nessa 'estória' museológica (LIMA, 2007, p.2-3).

Quanto à definição de Museu, tem-se que

[...] Museu, 'casa' de pesquisa geradora de conhecimento e dotada de acervo, abrigando no seu corpo de estabelecimento cultural, i.e., na sua organização técnico-administrativa, a biblioteca especializada e o arquivo histórico, permitem apontar, como exemplo, o complexo cultural de Alexandria como forma embrionária do museu das coleções e centro de pesquisa (LIMA, 2007, p.4).

Nota-se que o Museu é a representação social e cultural da Museologia com a qual tudo se inter-relaciona, tanto pela origem como pelos objetos ou territórios que preserva, pesquisa e comunica. Lugar de exercício profissional, de produção de conhecimento (pesquisa), de ação educativa, de lazer, entre outros.

Por fim, encerrando o Tema Princípio, discute-se o Subtema: Termos e Conceitos da Museologia ⁷⁹, presente em cinco Comunicações, nas quais foram discutidas questões de definição de Princípios e paradigmas do Campo. Pelos textos apresentados, a Museologia articula movimentos ligados: a) a gerar proposições teóricas no quadro de constituir conhecimento; b) a estabelecer a definição adequada das questões representadas nos constructos das proposições elaboradas sob a forma de Termos e Conceitos, reconhecidos pelos estudiosos como específicos e definidores das questões do campo.

Neste processo, estaria em destaque a “capacidade de dominar, transformar e adaptar o conhecimento sobre o fenômeno Museu, segundo as suas necessidades” (CARVALHO; SCHEINER, 2010, p.3).

Ou ainda como é percebido por Stránský (citado por SOARES) como:

[...] o fenômeno museu, levando em conta os processos de formação da cultura humana, [e que] tem hoje o seu lugar na sociedade e também sua missão específica. [...]. Museologia” ou “teoria de museu” concerne à esfera da atividade de conhecimento específico, orientado em direção ao fenômeno museu. [...] Ele diz que o Museu não constitui uma estrutura única, mas que ele continuará a sofrer modificações e no futuro será substituído, eventualmente, por uma

⁷⁹ Título de Pesquisa credenciada pela UNIRIO.

estrutura inteiramente nova, ou, quem sabe, será a sua definição completamente transformada (SOARES, 2007, p.8).

A reformulação de Termos e Conceitos adotados pela Museologia ganhou reforço com o Movimento da Nova Museologia, paradigma dos anos 80 que

[...] coabita agora com as novas teorias e as novas práticas, onde estas já foram legitimadas como linhas conceituais e metodológicas de trabalho museal. A museologia é hoje definida como o campo de conhecimento consagrado ao estudo do Museu e de suas relações com o real, o que implica numa síntese entre a teoria e a prática. E o Museu é percebido como um fenômeno social, capaz de ações não somente na esfera da preservação da cultura, mas igualmente como gerador de conhecimentos, influenciando, de forma positiva, o desenvolvimento social (Tradução nossa) (SOARES, 2007, p.5).

Em resposta às questões contempladas pelos Termos e Conceitos destaca-se a Comunicação ENANCIB sobre Linguagem de Especialidade no que tange às reflexões e práticas da área museológica, no sentido de:

[...] entrelaçar-se a outras disciplinas, o quadro do estudo enfoca variados termos e conceitos, quer sejam derivados das interpretações do próprio campo ou que foram apropriados e aplicados ao seu espaço. O panorama da investigação integra, também, a vertente entre a linguagem profissional do domínio dos agentes institucionais e individuais (os pares) da Museologia e questões pertinentes ao uso da Linguagem Documentária que a área demanda para intercâmbio e consultas voltadas a pesquisas (LIMA, 2010, p. 2).

Enfatiza-se que a discussão e implementação dos Termos e Conceitos enfocados pela Museologia acontecem nas práticas das áreas do conhecimento dentre do Museu, nos grupos de pesquisas, entre outros, referenciados por Bourdieu (1989), como o exercício do “poder simbólico” do Campo.

Neste caso, o poder se expressa pelos termos e conceitos componentes da linguagem profissional, que atua como forma codificada da comunicação especializada, cuja formulação e compreensão são exclusivas dos agentes do campo -- grupos sociais representados pelos especialistas, os pares (LIMA, 2010, p.3).

A relevância em tratar a terminologia específica dos profissionais, a Linguagem de Especialidade de uma determinada Área do Conhecimento Científico, reside no fato que, entre outros elementos específicos, representa os problemas, as questões, as soluções, a produção científica e sua disseminação e, sobretudo, envolve a comunicação entre pares.

Uma das Comunicações informa que se deu a organização de uma “série de glossários”, alguns deles vinculados ao ICOM, abrangendo centenas de termos

técnicos, em diferentes idiomas: “em 1974, foi elaborado um glossário em russo, com 211 termos; em 1975, outro glossário enumerava 300 termos em alemão; outro, ainda, editado em 1978, apresentava 400 termos em idioma tcheco” (SCHEINER, 2014, p. 4950).

É possível dizer com base na investigação realizada sobre o Tema Princípio, que a Museologia está caminhando na sua configuração de Área de Conhecimento Científico, com produção de pesquisas direcionadas para a definição não apenas de Termos e Conceitos da Área e sobre a Área, como também em sua inserção na Área com pesquisas referenciadas sobre os Subtemas que foram identificados.

Em referência ao Tema: Objeto de Estudo, na presente tese foram selecionadas oito Comunicações ENANCIB, nas quais são Subtemas: Coleção Visitável; Coleções da Loucura; Jardins Botânicos; Musealização; Museu Virtual; Patrimônio Industrial; Patrimônio Histórico.

As “coleções visitáveis” (COSTA; LIMA, 2013, p.13), apesar de serem propriedades de caráter particular têm características de estar abertas ao público com agendamento para visitação e consulta.

A Comunicação abordou a profissão do Museólogo. Verificou-se no processo de pesquisa realizado em coleções artísticas, reunidas em ateliês de artistas plásticos, que a atuação desse profissional não está limitada ao espaço formalizado como Museu, confirmando seu exercício nesses tipos de acervos.

Em Coleções da Loucura, a discussão trata da importância das “práticas museológicas” realizadas nessas coleções, evidenciando sua relevância na “legitimação desse tipo de produção”. Contribuindo decisivamente para preservar, organizar e difundir esses acervos e suas informações, além de proporcionar fruição estética (CRUZ; PINHEIRO, 2010, p. 2).

A trajetória do reconhecimento da arte, nomeada dos loucos e a representação imagética de suas obras no Brasil e no exterior são relatadas por Cruz e Pinheiro que constata que o “Museu de Imagens do Inconsciente, localizado no subúrbio do Rio de Janeiro, vai mais além, reunindo ‘informação que alia arte e ciência, abrindo um campo de pesquisa cuja característica primordial é a interdisciplinaridade”. (CRUZ; PINHEIRO, 2010, p. 2).

Consideremos algumas dessas coleções que adquiriram o estatuto de museus, seja através da autodenominação, seja através das práticas relativas à museologia: catalogação, museografia, exibição, pesquisa, conservação, restauração (CRUZ; PINHEIRO, 2010, p.3).

Como se mencionou, o Subtema: Jardim Botânico foi assunto em Comunicação Resultado de Pesquisa e apontado como exemplo de Museu de Natureza.

Suescun e Scheiner discutem a aproximação dos termos “Museu e Jardim Botânico”, considerando os “jardins como espaços possíveis de ser percebidos e analisados como museus” (2010, p. 2867). Para tanto se utilizam da definição de Museu do ICOM (2001), que agrega aos “testemunhos materiais do homem” o “seu meio ambiente” e da definição de Jardim Botânico do Conselho Nacional do Meio Ambiente, CONAMA, (Resolução nº 266), que permite correspondência com a significação de museu.

As autoras citadas consideram o Jardim Botânico do Rio de Janeiro - JBRJ

[...] uma instituição emblemática no panorama da ciência e da museologia brasileiras, aqui analisado sob a idéia de Museu de Natureza, essencialmente vinculado ao conceito de patrimônio. [...] os jardins botânicos são museus tradicionais com coleções vivas (SUESCUN; SCHEINER, 2010, p.2870).

“Os jardins botânicos são uma ponte que liga o homem com a natureza”, afirmam Suescun e Scheiner (2010, p. 2880), considerando ainda que “ [...] são paisagens artificiais, ou seja, são espaços construídos seguindo uma ordem sistemática” (SUESCUN; SCHEINER, 2010, p. 2880).

O Subtema Musealização, também classificado como Princípio, foi tratado por duas Comunicações como Objeto de Estudo. A que está identificada como Resultado de Pesquisa discutiu a problemática para o caminho conceitual de afirmação do valor bem cultural

[...] apresentada pelo Navio-Museu Bauru e detectada em uma visita pelo olhar profissional da Museologia [que] levou a propor uma leitura que o analisasse como um objeto musealizado e integrante do conjunto do patrimônio histórico-cultural da Marinha, reunido no Espaço Cultural da Marinha, em plena Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. [...] objeto simbólico [...] um testemunho ou prova; pertinente à caracterização oriunda da Musealização (NOVAES; LIMA, 2011, p.19).

A outra Comunicação ENANCIB sobre o Subtema Musealização está ligada à identificação de uma comunidade local e se relaciona ao denominado “computador caipira”, objeto integrante da exposição de longa duração do Museu do Marajó Padre Giovanni Gallo (MdM), considerando que

A criação do MdM e a musealização de vários elementos representativos do patrimônio marajoara serviram de ponto de encontro entre a comunidade e sua história. O projeto museológico de Gallo, os elementos selecionados e musealizados contribuíram, junto à comunidade local, para o reconhecimento, a valorização e a identificação do que é ser marajoara (OLIVEIRA; BORGES, 2013, p. 11).

Em razão de o “computador caipira” poder representar a valorização da comunidade, considera-se que esta

Relação proposta por Guarnieri [⁸⁰] e na qual devem ser consideradas a emoção, o envolvimento e a memória, encontra-se posta no MdM e em sua exposição. Dadas as suas características funcionais e semiológicas, o “computador caipira” destaca-se com um bom exemplo de fato museal (OLIVEIRA; BORGES, 2013, p. 11).

O Subtema Museu Virtual foi Objeto de Estudo das seguintes Comunicações: A primeira, 2009, supera a discussão feita há longa data no campo museológico com afirmativas que ora os museus virtuais eram somente os existentes no ciberespaço, ora que existiam tanto no mundo real, museu físico e ao mesmo tempo na *web*, ou ainda nomeavam formatos que ilustravam os conteúdos publicados, na tentativa de formular uma explicação.

O presente estudo identificou e selecionou na ambiente internet os “autodenominados museus virtuais” e de acordo com modelos existentes no campo ratificou uma classificação conceitual em três Categorias:

Categoria A, Museu Virtual Original Digital: Museu e Coleção sem correspondentes no mundo físico; -- Categoria B, Museu Virtual Conversão Digital: Museu e Coleção com correspondentes no mundo físico); -- Categoria C, Museu Virtual Composição Mista: = Museu sem correspondente no mundo físico e Coleção convertida digitalmente (LIMA, 2009, p.10).

Outras duas Comunicações destacam as transformações trazidas pelas novas tecnologias: a) “dando origem a novas reflexões e práticas no campo da Museologia, como as novas tecnologias que os museus utilizam para divulgar suas ações” (MAGALDI; SCHEINER, 2010, p. 2); b) nas novas relações que a sociedade estabelece com os museus, não somente no que tange aos museus ditos tradicionais, mas também instaurando, a partir da “relação com as novas tecnologias, um novo

⁸⁰ Waldisa Russio Camargo Guarnieri (1935-1990), estudiosa da Museologia com formação em ciências sociais e que cunhou o conceito “fato museal”, entendido como a profunda relação entre o homem-ser que conhece-os objetos de sua realidade e os resultados de sua ação transformadora’.

modelo conceitual de Museu - o museu virtual” (MAGALDI; SCHEINER, 2014, p. 2940).

O Subtema Patrimônio Industrial foi Objeto de Estudo de duas Comunicações. A primeira enfoca desde o despertar para a valorização aos elementos do contexto industrial, gerando sítios patrimoniais, coleções e museus dedicados ao tema. Abrange do conceito pioneiro ao amplo que envolve qualquer manifestação cultural imaterial ligada aos saberes e fazeres da vida dos operários.

A afirmação de uma nova categoria a ser preservada, o Patrimônio Industrial, a valoração e o significado que lhe foram atribuídos [...] abriu, sobretudo, espaço para destacar no foco dos estudos o componente fundamental que imprime vida ao contexto industrial: o grupo dos agentes que construíram a história e memória dos ‘vestígios’ do setor, o operariado com sua experiência material e intangível no quadro da profissão e no reduto do mundo privado. É sabido que lugares e edificações se deterioram quando não são usados, melhor dizendo, vivenciados. A memória coletiva dos que ali moravam, atuavam e que compõe a história do lugar fenece quando não é lembrada, não é estimulada a permanecer no presente (LIMA, 2013, p. 20).

A outra trata de exposições em Museus do Estado de São Paulo, focalizando o patrimônio industrial do setor elétrico estadual, contextualizando seus acervos para os visitantes nesses espaços de exibição.

A partir da análise de coleções do setor elétrico nas exposições presentes em nove museus do estado, pudemos verificar que a comunicação desse patrimônio é feita a partir de uma perspectiva histórica, atrelando-os à história dos municípios. A exceção é a Rede Museu da Energia, na qual a questão da energia é abordada sob diversos aspectos, inclusive, como problemática contemporânea (YAGUI, 2014, p. 4371).

É importante ressaltar que “diversos edifícios industriais [...] atrelam sua origem à nova função – museológica –, como museus ferroviários, museus têxteis, dentre outros” (YAGUI, 2014, p. 4372).

A escolha dos Objetos de Estudo da Comunicação ENANCIB nesta tese mostra uma variedade de Subtemas. Observa-se que são subtemas discutidos na atualidade e assuntos que pertencem ao escopo das questões museológicas, como: Coleções da Loucura: proposta de classificação como “arte da loucura”; Coleções Visitáveis – caracterização de espaço para procedimentos museológicos; Museu Virtual: um novo modelo conceitual em três formas de apresentação, agregando desde o museu tradicional até o museu desterritorializado que, neste caso, tem similaridade com o “museu sem paredes”.

A Musealização de outras modalidades (Navio-Museu) está no contexto da valorização de lugares e exemplares diferenciados, o que contribui para a dinamização local, questão amplamente discutida pela Museologia em seu papel social e que também se exemplifica pela proposta de enquadramento de Museus que se constituíram em áreas industriais desativadas, o denominado Patrimônio Industrial.

Quanto ao Tema Metodologia, pode-se dizer que é subjacente, pois a Comunicação ENANCIB não a trata explicitamente, embora apresente pistas que foram interpretadas na presente investigação e serviram de orientação ao tratamento do processo metodológico utilizado pela Museologia em seu cotidiano nos Museus. Os Subtemas discutidos contemplaram: Gestão da Informação e; Exposição Museológica.

O Subtema Gestão da Informação foi apresentado como Método em uma Comunicação ENANCIB com o intuito de responder à questão sobre a importância dessa ferramenta na mediação científica em exposição de coleções musealizadas de ciência e tecnologia. Foram elencadas:

[...] três categorias de análise: função, significado e contexto museológico sobre os objetos da coleção. Tais categorias contribuem para o mapeamento da informação, a fim de agregar valor às estratégias de mediação destes os objetos analisados (RIBEIRO, 2014, p. 2-3).

Tais categorias foram assim explicitadas por seu autor:

A primeira abordagem de caráter técnico contempla as características morfológicas e a função para qual o objeto foi fabricado. A segunda abordagem poderá tratar o instrumento científico enquanto um objeto musealizado, ou seja, seu significado, sua trajetória até a entrada no museu e os diversos fatores que o levaram a ser incorporado a um museu. Esse último aspecto se relaciona com a gestão da informação. Dessa forma, o mesmo objeto poderá compor diferentes narrativas, variando assim a informação a ser agregada ao processo de mediação científica. (RIBEIRO, 2014, p.13).

Os procedimentos para construção do Subtema Exposições Museológicas foram identificados em duas Comunicações, que por meio de estudo empírico, geram contribuições à Museologia no processo de concepção e montagem de exposições de diferentes maneiras e que acabam envolvendo ações que acontecem em um museu.

A Comunicação ENANCIB aborda a interdisciplinaridade nos Museus, espaço de ocorrência de várias áreas do conhecimento, atuando em trabalho conjunto com os profissionais que atuam no 'espaço' Museu. Moraes (2010) com base no fluxograma de CURY (2005) elenca contribuições de especialidade em cada fase da Exposição:

1) Concepção, pesquisa e planejamento: área de aplicação ou especialização (História, História da Arte, Artes, Arqueologia, Física, Astronomia, Genética, Biologia, Paleontologia...), Documentação, Ciência da Informação, Antropologia, Sociologia, Memória Social, Comunicação, Semiótica, Ciências da Educação, Administração, Design/Comunicação Visual, Arquitetura, Cenografia, Linguística, Psicologia Social, Ciência da Computação, entre outras; 2) Produção, montagem, instalação e implementação: área de aplicação ou especialização, Design/Comunicação Visual, Arquitetura, Semiótica, Ciência da Educação, Cenografia, Psicologia Social, entre outras; e 3) Avaliação: área de aplicação ou especialização, Ciência da Informação, Antropologia, Sociologia, Estatística, Ciências da Educação, Psicologia Social, entre outras (MORAES, 2010, p.15-16).

Outra Comunicação ENANCIB afirma que “os processos comunicacionais dentro do museu, como a exposição e a ação educativa, são considerados importantes para a pesquisa na área da museologia”, enquanto que as “exposições são os meios utilizados para que as coleções museológicas sejam postas” para a visitação (YAGUI, 2014, p. 4359-60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve por ambiente temático investigar na Área do Conhecimento da Museologia a natureza do seu perfil de produtividade, isto é, um caráter de conteúdo teórico (científico) que se determinou identificar no conjunto de textos elaborados pelo campo e, para tanto, que estivessem representados em quadro de Comunicação Científica. Deste modo, o ambiente selecionado para análise envolveu duas entidades que tratam da conformação teórica do mundo acadêmico, ligada às modalidades de periódicos científicos e de produtos da pós-graduação mestrado/doutorado, respectivamente, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES e Comunicação Oral no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, ENANCIB.

A investigação se iniciou pela busca de produção científica por meio dos Indexadores/Termos – Assuntos: Museologia, *Museología*, *Museology* e *Museum Studies* no Portal de Periódicos da CAPES, considerados neste estudo com valor Artigo CAPES e nos Anais do ENANCIB e com valor Comunicação ENANCIB.

Alicerçada na abordagem de Bourdieu no que diz respeito ao “campo científico” considerou-se que para a formação de um espaço do conhecimento, conta-se com “locutores”, pesquisadores que vocalizam e investigam os problemas do seu domínio do saber e disseminam sua produção por meio de textos de teor científico.

Portanto, buscou-se identificar com relação à produção da Museologia, indicadores científicos para determinar o universo de pesquisa, e os critérios selecionados tiveram como fontes a CAPES, nos seguintes itens: Avaliação por Pares; Artigos Qualis e; Resultado de Pesquisa. Conforme Bourdieu, considerou-se o campo científico modelado pela discussão e definição de componentes da natureza de: Princípios, Objeto de Estudo e Metodologia própria, pois quando confrontados a outros campos, tais itens delimitam as distinções e ‘verdades’ do campo, no caso em pauta, o museológico, que nesta tese é designado como Área do Conhecimento da Museologia, de acordo com a nomenclatura usada pela CAPES e pelo CNPq.

Verificou-se ao longo do processo de estudo, a presença de pesquisadores da Área do Conhecimento da Museologia, discutindo suas questões e disseminando os resultados de suas investigações tanto pelo Artigo CAPES como pela Comunicação ENANCIB. Em razão dos locutores da Museologia apresentarem sua produção nos dois veículos, considerados como fontes relacionados ao mundo acadêmico e teórico, pode-se afirmar que o contexto de produtividade museológico permite reconhecimento, figurando com imagem de perfil científico.

A produtividade da Área da Museologia permeada pelo Tema Princípio, categorizado por Subtemas, contribuiu para a disseminação dos princípios e conceitos que subsidiam as discussões científicas dentro e fora do campo, permitindo, deste modo, a afirmação e/ou refutação das ideias propostas.

Os Subtemas discutidos compreendem: Atributos Simbólicos do Patrimônio; Patrimônio Natural, Ambiental e Cultural; Comunicação Museológica; Documentação Museológica; Exposições Museológicas; Musealização; Museologia; Museólogo; Museu; Patrimônio Industrial e de Ciência e Tecnologia - C&T e Termos e Conceitos da Museologia.

À guisa de conclusão, são necessárias algumas exemplificações ligadas aos resultados interpretados.

O Subtema Termos e Conceitos da Museologia que se destaca pela Linguagem de Especialidade do campo, na representação das suas várias facetas conceituais e práticas, formalizando a comunicação interna e externa, foi disseminado pelos Artigo CAPES e pela Comunicação ENANCIB. O que sinaliza a relevância do tema para o campo

A relação entre Museologia e Patrimônio, uma questão que a experiência vem comprovando para subsidiar a reflexão, que desde os anos 1980 tem sido objeto de estudos afirmativos da Museologia, e a partir dos textos no conjunto das fontes CAPES e ENANCIB analisadas, está sendo confirmada. Consubstanciam-se nas modalidades do Patrimônio atributos que se vinculam tendencialmente às disciplinas e setores que os tratam. Têm-se assim exemplos patrimoniais musealizados, os museus, ou musealizáveis e ligados às esferas do Cultural, Natural, Ambiental, Industrial, de Ciência e Tecnologia, entre outros.

Os Subtemas Museu e Musealização foi entre os conjuntos o que requereu atenção de maior monta para a interpretação, tanto na Comunicação ENANCIB como no Artigo CAPES, devido ao fato que poderia ora ser identificado como Princípio, ora como Objeto de Estudo, pois, de acordo com o que se pode entender no âmbito do Princípio, o Museu justifica sua existência para guarda, conservação/preservação e exposição do Objeto Musealizado. Tal procedimento em nível conceitual e na prática museológica foi, por exemplo, retratado na Comunicação ENANCIB, focalizando o Navio Bauru, que em virtude da Musealização permite ser reconhecido como um complexo museológico e ao mesmo tempo, com valor Patrimônio Histórico Cultural da Marinha do Brasil.

Por ocasião da interpretação dos Subtemas Documentação e Exposição Museológica surgiu a discussão da relação da Museologia com outras áreas do conhecimento, o que é pertinente, pois os Museus tradicionalmente são titulados e contextualizados segundo campos/áreas do conhecimento, com base na abordagem das suas coleções, ou seja, Museu de História, de Arte, Museu de Antropologia, e demais denominações.

O Artigo CAPES e a Comunicação ENANCIB que tratam dos Subtemas Documentação e Exposição reafirmam essa tendência ao expressarem que a Museologia com relação ao Princípio, estabelece vínculos com as Áreas: do Conhecimento da Ciência da Informação e Biblioteconomia, no que diz respeito à Documentação e Informação Museológica; da Comunicação no tocante à Exposição Museológica; das Ciências Sociais na justificativa do fato museal; e da Psicologia ao discutir a experiência museológica.

Em se tratando de Artigo CAPES em Periódicos Qualis, discutindo o Princípio (Tema) e sob a ótica (Subtema) da Museologia, Patrimônio, Informação e Colecionismo, tratados na pauta contemporânea da Museologia, impactados pelas indagações que apontam novas perspectivas a serem focalizadas pela Área Museológica, os pesquisadores consideram que a Museologia deve se relacionar com outras áreas do conhecimento, conforme se verificou na produção pesquisada, bem como nas referentes às áreas da Ciência da Informação, Comunicação, Antropologia, entre outras. O que leva a refletir sobre a necessidade de aprofundamento do diálogo com outras disciplinas, seja sob a forma interdisciplinar ou transdisciplinar como mencionado nos textos analisados.

No compartilhamento do conhecimento do Artigo CAPES, a relação da Museologia com a Arquivologia e Biblioteconomia deixa perceber que se formaliza pela via da discussão sobre Patrimônio Escolar/Educativo e Colecionismo, tomando-se como exemplo o Manual Museológico que conjuga soluções administrativas e patrimoniais sobre guarda, preservação/conservação e pesquisa das coleções que estão sob sua responsabilidade.

Pode-se afirmar que o contexto da produtividade da Museologia representado pelo Artigo CAPES e pela Comunicação ENANCIB apresenta-se no âmbito de divulgação, com temática que abrange o que interessa ser discutido pelo campo, seja por autores internacionais ou nacionais.

Em se tratado da Temática Objeto de Estudo na Comunicação ENANCIB e no Artigo CAPES constata-se que a dominância do tratamento dirigido a Museu e/ou

Coleções permite concluir que Objeto de Estudo da Área da Museologia efetivamente mantém-se construído em torno da instituição Museu e seus acervos. Um exemplo a ser apontado é a definição de tipologias de novas Coleções, como a Coleção da Loucura que nesta tese foi tratada também na Temática Princípios. O que reforça a condição de magnitude da instituição no campo.

Ainda sob a Temática Objeto de Estudo ressalta-se a inserção de novos aportes tecnológicos como a experiência museológica com objetos tridimensionais em 3D e a caracterização do formato Museu Virtual e, desta maneira, vislumbra-se abrir para a Museologia novos caminhos que se instalam no campo ao lado dos museus e acervos tradicionais que, sem dúvida, irão implicar em novas proposições para os pesquisadores.

No âmbito da modalidade Museu Virtual, o novo que já se faz presente e ocupa um lugar nos estudos do campo, pode-se perceber a relevância para o campo do conhecimento a incorporação de proposições, conceitos e práticas diferenciadas nas variações que convivem em meio ao museu desterritorializado ou “sem paredes”. Como exemplo, tanto o Artigo CAPES (produção estrangeira) caracterizado pela perspectiva da Ciência da Computação seis modalidades de Museu Virtual, como a produção de pesquisadora brasileira em Comunicação ENANCIB que, baseada nas práticas verificadas no próprio campo museológico, definiu três categorias conceituais e técnicas de representações que acontecem paralelamente no mundo real (físico) e no mundo cibernético (espaço *web*).

As atividades do profissional que atua em Museu no Brasil, profissão regulamentada cujo especialista da Área é o Museólogo, estão representadas na produtividade do campo nos textos que abordam, por exemplo, sua ação no procedimento da mediação científica junto ao público em exposições de Museus de Ciência, igualmente em seu exercício especializado nas Coleções Visitáveis (na Comunicação ENANCIB ocorreu em ateliês de artistas plásticos), procedendo a catalogação, conservação/preservação, pesquisa, atividades essenciais do Museólogo. Quanto ao papel do museólogo, pode-se afirmar que no primeiro exemplo se desenvolve como ligação interpretativa e competente para divulgar o saber científico em linguagem acessível e prazerosa para os leigos. No segundo, efetivamente anuncia que há outros espaços para o museólogo exercer sua especialidade, portanto, não se limitando ao que se pode nomear museu.

Ao se abordar a Temática da Metodologia ressalta-se que no aspecto referente a conceitos e atividades realizadas, a questão se apresenta como de caráter de

terceiros, por entender não serem próprias e específicas da e para a Museologia, pois pelo que se analisou em relação às questões, embora sejam consideradas importantes para a Museologia, são ainda objeto de tratamento no âmbito da Documentação, Classificação e Exposição.

Por isso, no Subtema Classificação (Tema Metodologia) em produção disseminada em Artigo CAPES, o método nomeado Técnica de Reconhecimento de Material Etnográfico, denominado SEM, e que serve de auxílio para curadores de museus etnográficos e pesquisadores de arte aborígine, para interpretar condições de uso de armas tradicionais, é de configuração da Física e da Química.

A pesquisa desenvolvida após levantamento, análise e classificação da produtividade da Área da Museologia permite dizer que a Área do Conhecimento da Museologia ainda se encontra em um caminho que demanda aprimoramento da afirmação e da divulgação de conteúdos que a representem no contexto conceitual e prático de Princípio, do Objeto de Estudo e da Metodologia. Sob tal perspectiva, será possível estabelecer problemas, propor questões, definir pressupostos, aprofundar debates, pensar em linhas investigativas que possam aprimorar a trajetória de consolidação do campo científico. Vale dizer que no conjunto investigado de artigos e comunicações não foram encontrados autores que refutassem qualquer modo de tratar as temáticas expostas nesta produção. Entretanto, oposições, interpretação por perspectivas divergentes, aplicação de metodologias diferenciadas são características dos campos, daí os embates, a competitividade, as estratégias de que fala Bourdieu.

A produção analisada nesta tese apresentou perfil científico por se caracterizar como Resultado de Pesquisa, alocada no contexto da Comunicação Científica, disseminada em Periódico Científico qualificado, mas em sua maioria não apresentou metodologia científica de bancada, ou seja, testada, provada, contada, método científico das ciências objetivas.

O que leva a refletir se seria possível afirmar que a Museologia poderia estar enquadrada em Ciências do Subjetivo. Ciente que dependerá de cada pesquisador avaliar o verdadeiro e o falso. Tal característica a situaria, então, na perspectiva de Abraham Moles, como Ciências do Impreciso.

Por fim, há que considerar a contribuição desta tese para a Área do Conhecimento da Museologia, que reside principalmente no mapeamento e na interpretação teórica da imagem de produtividade na qualidade de campo científico, bem como na aplicação de método científico para coleta e análise dos dados; na definição de indicadores e na apresentação de resultados quantitativos e qualitativos,

almejando que venha contribuir para o fortalecimento da produtividade do campo como parte do processo natural de consolidação.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **Objeto da Museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský. 124f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2008. 229 p.

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: Ortiz, Renato (org.). **Pierre Bourdieu Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. 97p.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia crítica do campo científico. São Paulo: UNESP, 1997. 87p.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 361p. (Estudos). Textos escolhidos de Pierre Bourdieu por Sergio Miceli.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. 507p. Memória e Sociedade. Disponível em: http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU_Pierre_O_poder_simb%C3%B3lico.pdf. Acesso em: 29 mai. 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 2000.

BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Portal de Periódicos da CAPES**. Disponível em: http://www.periodicos.CAPES.gov.br/index.php?option=com_phome&mn=68. Acesso em: 18 out. 2013 a 2 jan. 2014.

BRASIL. Decreto nº 21.129, de 7 de Março de 1932. **Cria no Museu Histórico Nacional o "Curso de Museus"**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21129-7-marco-1932-502948-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Cadastro Nacional de Museus**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/museus-do-brasil/>. Acesso em: 29 mai. 2017.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 05 jan. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: DF, 1996. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm. Acesso em: 22 jul. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº. 11.502, de 11 de julho de 2007. **Modifica as competências e a estrutura organizacional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 12 jul. 2007.

BRASIL. MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI. **Apresentação**. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/portal/content/apresentacao>. Acesso em: 5 jan. 2014.

CAPES. Ministério da Educação. **Avaliação**. 2016. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao>. Acesso em: 9 mar. 2016.

CAPES. Ministério da Educação. **Cursos recomendados**. 2016. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cursos%20recomendados>. Acesso em: 29 mai. 2017.

CAPES. Ministério da Educação. **Tabelas de áreas do conhecimento**. 2016. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_042009.pdf. Acesso em: 9 mar. 2016.

CHALMERS, Alan Francis. **O que é ciência afinal?**. Tradução: Raul Filker. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, 210p.

CNPq. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Tabelas de áreas do conhecimento**. [201?]. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2016

CNPq. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Critérios de Julgamento para Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ)**. [2012]. Disponível em: http://cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/47778>. Acesso em: 9 mar. 2016.

DESVALLÉS, Andre. [Museology and museography.]. In: **Museological Working Papers: a debate journal on fundamental museological problems**. Stockholm, v. 1, n. 1, p.17-18, mar. 1980. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofoM/pdf/MuWoP_1_\(1980\)Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofoM/pdf/MuWoP_1_(1980)Eng.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2016.

DESVALLÉES, Andre; MAIRESSE, François. (editores) **Conceitos-chave de Museologia**. Trad. e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013.100p. Disponível em <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2017.

DESVALLEES, André; MAIRESSE François. **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**, édité par. Paris: Armand Colin, 2011. 732p.

FACHIN, Gleisy Regina Bóris; HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; RADOS. Periódico científico: padronização e organização. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2006. 186p.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informaçã**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a06>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

GARVEY, W. D. **Communication: the essence of science facilitating information among librarians, scientists, engineers and students**. Oxford: Pergamon Press, 1979. 332p.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. P. 40 e 142.

JAPIASSÚ, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 235p.

Kuhn, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 257 p. (série Debates – Ciência).

LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos simbólicos do patrimônio: museologia/"patrimoniologia" e informação em contexto da linguagem de especialidade. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3592/2716>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia; COSTA, Igor Fernando Rodrigues da. Ciência da Informação e Museologia: estudo teórico de termos e conceitos em diferentes contextos - subsídio à linguagem documentária. In: **Proceedings Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação**, CINFORM, 7, 2007, Salvador - Bahia, Brasil pages 01-14.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e patrimônio interdisciplinaridade do campo: História de um Desenho (Inter(Ativo)). In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador. **Anais Eletrônico...** Salvador: Ibict, 2007. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/schedConf/Presentations>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia; COSTA, Ludmila Leite Madeira da. O termo museólogo e seu conceito: análise da atividade profissional em coleções de artistas plásticos contemporâneos. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônico...** Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib>>. Acesso em: 11 fev 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museu, poder simbólico e diversidade cultural. **Museologia e Patrimônio: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.16-26, jul. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/167/161>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite à reflexão. **Museologia & Interdisciplinaridade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - UnB** v. 2 n. 4, 2013, p. 48-61. Disponível em: <seer.bce.unb.br/index.php/Museologia/article/download/9649/7115>. Acesso em: 2 jan.2014.

MATURANA, R. Humberto. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Psy, 1995. 270p.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999. 468p. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos.

MENSCH, Peter Van. **Towards a methodology of museology**. (PhD thesis), University of Zagreb, 1992. Disponível em <http://www.muzeologie.net/downloads/mat_lit/mensch_phd.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2013.

MOLES, Abraham. **As Ciências do Impreciso**. Porto: Edições Afrontamento, 2010. 248p.

OLIVEIRA, M. de. A investigação científica na ciência da informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. 140f. Brasília: UnB, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 1998. (Tese – Doutorado).

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Constituição epistemológica e social da comunicação científica no Brasil. In: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; OLIVEIRA, Eloisa da Conceição Príncipe (Org.) **Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científicas: transformações em cinco séculos**. Brasília: IBICT, 2012. p. 115-148. Disponível em <<http://ava.ppgci.ufjf.br/file.php/5/1/2012-multiplas-facetas.pdf>>. Acesso em: 15. Set. 2013.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; BRASCHER, Marisa; BURNIER, Sonia. Ciência da Informação: 32 anos (1972-2004) no caminho da história e horizontes de um periódico científico brasileiro. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n.3, p.25-77, set./dez. 2005. Número especial: IBICT 50 anos.

POPPER, Karl Raymund. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 13.ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 567p.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos graduandos e atuação profissional**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007. 258p.

SANTA BARBARA LIBRARY. **Odlis: Online Dictionary of Library and Information Science**. Disponível em: <<http://www.library.ucsb.edu/research/db/1182>>. Acesso em: 15 out. 2016.

SCHEINER, Tereza Cristina Moleta. **Apolo e Dioniso no templo das musas**. Museu: gênese, idéia e representações nos sistemas de pensamento da sociedade ocidental. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. RJ: UFRJ/ECO, 1998. 152 p.

SCHEINER, Tereza Cristina Moleta. **Imagens do Não-lugar: comunicação e os "novos patrimônios"**. 2004, 256 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. RJ: ECO/UFRJ, 2004. 256 p.

SCHEINER, Tereza Cristina Moleta. Museologia, identidades, desenvolvimento sustentável: estratégias discursivas. In: ENCONTRO REGIONAL DO ICOFOM LAM, 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** RJ: Secretaria Municipal de Cultura do RJ / Ecomuseu do Quarteirão, 2000. p. 41 – 49.

Schreiner, Klaus. Criteria on the place of museology in the system of sciences. In: **Museological Working Papers: a debate journal on fundamental museological problems.**, Stockholm, v. 1, n. 1, p.39-41, mar. 1980. Disponível em:

<[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP_1_\(1980\)Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP_1_(1980)Eng.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2016

STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav [Director of the department of museology]. In: **Museological Working Papers**: a debate journal on fundamental museological problems., Stockholm, v. 1, n. 1, p.42-44, mar. 1980. Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP_1_\(1980\)Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP_1_(1980)Eng.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2016

UNESCO. **Introducing UNESCO**. Disponível em: <<http://en.unesco.org/about-us/introducing-unesco>>. Acesso em: 01 jul 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO. **Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio**. Disponível em: <http://www.mast.br/cursos_ppg_pmus.html>. Acesso em: 2 jan. 2014.

UNIVERSIDADE DE SAO PAULO - USP. **PROGRAMA de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP**. Disponível em: <<http://prpg.usp.br/museus.cpg/paginas/mostrar/2016>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO. **Catálogo dos Cursos de Graduação**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011, 62p.

REFERÊNCIAS ARTIGO CAPES

ANYFANDI, Glykeria; KOULALIDIS, Vasilis; DIMOPOULOS, Kostas. A socio-semiotic framework for the analysis of exhibits in a science museum. **Semiótica**, v. 2014, n. 200, jun 2014. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/view/j/semi.2014.2014.issue-200/sem-2014-0001/sem-2014-0001.xml>>. Acesso em: 14 out. 2016.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; CALDEIRA, Paulo da Terra; NASSIF, Mônica Érichsen. O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG: Concepção e projeto pedagógico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.1, p. 282 -307, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/AutoLogon.ACAD.003/Downloads/1050-3654-1-PB.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.

BRULON, Bruno. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. **Transinformação**, v. 28, n.1, p.107 -114, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n1/0103-3786-tinf-28-01-00107.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.

CARACENI, Simona. From the musas to the giant squid. **Technoetic arts**, v. 10, n. 1, p. 11 -16, 2012. Disponível em: <<http://www.ingentaconnect.com/content/intellect/ta/2012/00000010/00000001/art00002>>. Acesso em: 15 out. 2016.

CATEL, Pierre. Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte: afinal, como nascem os museus? **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 12, p. 323 – 337, 2005. Suplemento. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/15.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

COUTTENIER, Maarten. Between regionalization and centralization: The creation of the musée léopold II in Elisabethville (Musée national de Lubumbashi), Belgian Congo (1931-1961). **History and antropology**, v. 25, n. 1, p. 72-101, 2014. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02757206.2013.823056?journalCode=ghan20>>. Acesso em: 20 out. 2016.

CRIVELLARO, Federica; SPERDUTI, Alessandra. Accepting and understanding evolution in Italy: a case study from a selected public attending a Darwin Day celebration. **Evolution: Education and Outreach**, v. 7, n. 13, 2014. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1186/s12052-014-0013-4>>. Acesso em: 14 out 2016.

DESVALLÉES, André. Muséologie comme champ disciplinaire: trajectories. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 3, p. 329 - 343, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/teste/article/viewFile/5169/4666>>. Acesso em: 17 out. 2016.

EGGERT STEINDEL, Gisela. Possíveis indícios da biblioteca escolar na rede pública do estado de santa catarina: estudo de um acervo bibliográfico museológico. **Revista ACB**, v. 11, n. 1, p. 143 -153, 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/473/599>>. Acesso em: 19 out. 2016.

GOLDSTEIN, Ilana. Reflexões sobre a arte "primitiva": O caso do Musée Branly. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 29, p. 279 -314, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100012>. Acesso em: 19 out. 2016

GONÇALVES, Fernanda. Inventário e digitalização do patrimônio museológico da educação: um projeto de preservação e valorização do patrimônio educativo. **História da Educação**, v. 14, n. 30, p. 153 -179, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/28916>>. Acesso em: 16 out. 2016.

GOUVEIA JR, Mário. Mudança de paradigma e sua ruptura: um estudo de caso na Museologia e a pluralidade paradigmática da Ciência da Informação. **Transinformação**, v. 24, n. 2, p. 103 - 115, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n2/a04v24n2.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta Catarino. Preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia: Uma parceria luso-brasileira entre o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Portugal) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil). **Ciência da**

Informação, v. 42 n. 3, p.435-453, 2013. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/1373/1551>>. Acesso em: 19 out. 2016.

HEWITT, Jason. The identity of objects: form. **TripleC**, v.9, n. 2, p. 520 -530, 2011. Disponível em: <<http://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/308/295>>. Acesso em: 19 out. 2016.

LONG, David. Scientists at play in a field of the Lord. **Cultural Studies of Science Education**, v. 5 n.1, p.213 -235, 2010. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11422-009-9249-7>>. Acesso em: 20 out. 2016.

MELLO, Janaína et al. A Museologia na web: Sistema de informação sobre patrimônio cultural na era digital. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 20, n. 1, p. 171-188, 2015. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1296/1588>>. Acesso em: 14 out. 2016.

MOREIRA, Jonathan Rosa; VILAN FILHO, Jayme Leiro; MUELLER, Suzana P. M. Características e produção Científica dos grupos de pesquisa do CNPq/DGP nas áreas de Ciência da Informação e Museologia (1992-2012). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 4, p. 93 -106, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v20n4/1413-9936-pci-20-04-00093.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2016.

NASCIMENTO, Fátima. Introdução à técnica de museus, uma visão crítica. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 3, p. 487 -496, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/AutoLogon.ACAD.003/Downloads/1376-2040-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/AutoLogon.ACAD.003/Downloads/1376-2040-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 16 out. 2016.

PAZ, Esther Fernández. De tesoro ilustrado a recurso turístico: el cambiante significado del patrimonio cultural. **PASOS: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 4, n. 1 p. 1 -12, 2006. Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/16113/file_1.pdf?sequence=1> Acesso em: 14 out. 2016.

POLICARP, Hortolà. MRT letter: Human bloodstains on antique aboriginal weapons: A guiding low-vacuum sem study of erythrocytes in experimental samples on ethnographically documented biological raw materials. **Microscopy research and technique**, v. 75, n. 8, p. 107-111, 2012. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22648991>>. Acesso em: 17 out. 2016.

RANGEL, Márcio. Museologia no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, v. 42, n.3, p. 408-418, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/AutoLogon.ACAD.003/Downloads/1371-2036-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 de out. 2016.

RENAULT, Leonardo. O ato colecionador: perspectivas contemporâneas. **Revista ACB**, v.20, n. 2, p. 185 -199, 2015. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1015/pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

ROSSINI, Elcio. Cenografia no teatro e nos espaços expositivos: Uma abordagem além da representação. **Transinformação**. v. 24, n. 3, p. 157 -164, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a01v24n3.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2016.

SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. Museu, museologia e a 'relação específica': Considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Ciência da Informação**, v. 42, n.3, p. 358 -378, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/AutoLogon.ACAD.003/Downloads/1368-2033-1-PB.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

SCOTT, M. The pleasures and pitfalls of teaching human evolution in the museum. **American journal of physical anthropology**, v. 3, n1, p. 403-409, 2010. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s12052-010-0252-y>>. Acesso em: 20 out. 2016.

STEIN, Claudia; COOTER, Roger. Visual Objects and Universal Meanings: AIDS Posters and the Politics of Globalisation and History. **Medical History**, v.55, n.1, p. 85 -108, 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3037216/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

YAMADA, Yuki et al. Weight lifting can facilitate appreciative comprehension for museum exhibits. **Frontiers in Psychology**, v.5, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3995035/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

YEHUDA, Levy Aldema. A museology display: questioning and answering. **Substance use e misuse**, v. 42, n. 2-3, p. 535 -536, 2007. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10826080601144630?journalCode=isum20>>. Acesso em: 14 out 2016.

ZEITLYN, David. Anthropology in and of the Archives: possible futures and contingent pasts. Archives as Anthropological Surrogates. **Annual Review of Anthropology**, v.41, 2012, p. 461 - 480. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-092611-145721>>. Acesso em: 14 out. 2016.

REFERÊNCIAS – COMUNICAÇÃO ENANCIB

ALVES, Daniele de Sá; ROCHA, Luisa Maria. O Jardim do Museu Casa da Hera com espaço museológico relacional. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônico...** Belo Horizonte: IBICT, 2014. p. 4395-4441. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

CARVALHO, Luciana Menezes de; SCHEINER, Tereza Cristina Moletta; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de, Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar. In: X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO 10, 2009, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

COSTA, Ludmila Leite Madeira; LIMA, Diana Farjalla da Correia. O termo Museólogo e seu conceito: análise da atividade profissional em coleções de artistas plásticos contemporâneos. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 14, 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônico...** Florianópolis: IBICT, 2013, p. 1-21. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/schedConf/presentations>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CRUZ JÚNIOR, Eurípedes G. da; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Aspectos museológicos na constituição das coleções da loucura. In: X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 10, 2009, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos simbólicos do patrimônio: museologia/"patrimoniologia" e informação em contexto da linguagem de especialidade. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. O que se pode designar como Museu Virtual segundo os museus que assim se apresentam. In: ENANCIB 2009 – X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 10, João Pessoa. **Anais Eletrônico...** João Pessoa: ANCIB, PPGCI-UFPB, 2009, p. 2421-2468. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/view/3312/2438>>. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/685/GT%2009%20Txt%2011-%20LIMA%2c%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa....pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MAGALDI, Monique Batista; SCHEINER, Tereza Cristina. Museus e Museologia: Novas sociedades, novas tecnologias. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 13, 2012, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2011. p. 2934 - 2953. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/schedConf/presentations>>. Acesso em: 9 jun. 2016.

MAGALDI, Monique Batista; SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia, Comunicação e Informação: As Transformações Sociais e a Rede. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 19. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

MENDES, Patricia Muniz; RANGEL, Marcio Ferreira. Espaços Museológicos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): aspectos sobre o processo de musealização de coleções de C&T. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 16, 2015. **Anais Eletrônico...** João Pessoa: IBICT, 2015, p.1-19. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/schedConf/presentations> ≥. Acesso em: 13 jun.2016.

MENEZES, Luciana; SCHEINER, Tereza. Reflexões sobre Museologia: documentação em museus ou museológica –. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônico...** Belo Horizonte: IBICT, 2014. p.4573-4590. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Faces e interfaces da museologia: um olhar interdisciplinar sobre exposições museológicas. In: X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.10, 2009, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 18. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

MOURA, Patrícia; ROCHA, Luisa Maria. Coleção Paranaguá: documentação museológica como acesso ao conhecimento. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônico...** Belo Horizonte: IBICT, 2014. p. 4519-4536. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>. Acesso em: 11 jun. 2016.

NOVAES, Roseane Silva; LIMA, Diana Farjalla Correia. Navio-Museu Bauru e Informação: Trajetória Histórica e Musealização sob o foco da Documentação Museológica. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 12, 2011, Brasília. **Anais Eletrônico...** Brasília: IBICT, 2011. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/enancibXII/schedConf/presentations>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

OLIVEIRA, Karla Cristina Damasceno de; BORGES, Luiz Carlos. O computador caipira, o fato museológico e a identidade marajoara. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 14, 2013. **Anais Eletrônico...** Florianópolis: IBICT, 2013. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/schedConf/presentations>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RIBEIRO, Carlos Augusto Jotta; BARBOSA, Cátia Rodrigues. Mediação científica e a Coleção De Claude Henri Gorceix: gestão da informação em acervos museológicos de ciência e tecnologia. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 16, 2015. **Anais Eletrônico...** João Pessoa: IBICT, 2015, p.1-19. Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/schedConf/presentation_s>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SÁ, Ivan Coelho de. Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônico...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SÁ, Ivan Coelho de. Primórdios da Museologia no Brasil: David Carneiro e o positivismo. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônico...** Belo Horizonte: IBICT, 2014. p.4486-4501. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

SCHEINER, Tereza. Conceitos, termos e linguagens da Museologia: novas abordagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônico...** Belo Horizonte: IBICT, 2014. p.4644-4665. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

SUESCUN, Lilian Mariela; SCHEINER, Tereza Cristina. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: instituição emblemática no panorama da ciência e da museologia brasileiras. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 12, 2011, Brasília. **Anais Eletrônico...** Brasília: IBICT, 2011. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/enancibXII/schedConf/presentations>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

YAGUI, Mirian Midori Peres. Comunicação Museológica: um estudo do Patrimônio do setor elétrico em Museus do Estado de São Paulo. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais Eletrônico...** Belo Horizonte:

IBICT, 2014. p. 4356-4373. Disponível em:
<<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>>. Acesso em: 12 jun. 2016.